# REVISTA DA SEMANA




NO TEXTO:

O GRANDE DESFILE DE SETE DE SETEMBRO

★

A QUESTÃO CASIMIRO DE ABREU

★

O SALÃO DE 1949

★

CINEMA

★

RÁDIO

★

TEATRO

★

CONTOS E ROMANCE ILUSTRADOS

★

SUPLEMENTO FEMININO

★

ATUALIDADES

★


N.º 38 ★ 17/9/1949

Cr$ 3,00 em todo o Brasil

# OS HÁBITOS ADQUIRIDOS NA INFÂNCIA...






JOAQUIM MENDES

# PERDURAM POR TÔDA A VIDA

## CONTA POPULAR

Depósito inicial ........ 50,00
Limite ................ 100.000,00
Juros ................ 6% ao ano

# BANCO NACIONAL DE MINAS GERAIS S.A.

REVISTA DA SEMANA

Nº 38 ★ 17-9-949

SUMÁRIO

SEÇÕES PERMANENTES
Surprêsas nas ruas do Rio ... 3
A personagem da semana ..... 8
A semana em revista ........ 8
O mundo marcha ............. 9
REPORTAGENS
A verdade sôbre Casimiro de Abreu (Ignez Mariz) ......... 4/ 7
Uma restauração em Versailles (Albert Moussett) .......... 11
O Salão de 1949 (Angelus Ravel) 16/17
As lendas de Zumbi nas selvas do Brasil .................. 28/29
O grande desfile de Sete de Setembro ................... 32/39
Fechem o trânsito ............ 56/57
LITERATURA
Vida literária (E. Catete Reis) 14
HUMORISMO
O sôro da juventude (Théo) .. 10
O mundo manca e a mula murcha ........................ 58
ROMANCE
Viver com amor (M. G. Nichols) 12
CONTOS
As rosas vermelhas (Aurora R. C. Araújo) ............... 30/31
Decepções de um caboclo ...... 44
CINEMA
Cine-Revista (L. A. de Barros) 26/27
Os famosos Barrymore ........ 54/55
SUPLEMENTO DA MULHER
Nas bastidores femininos ...... 19
A saúde do bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) .................... 20
"Jeune-filles" ................ 20
Vinte anos .................... 21
Problemas da mulher (M. Mercedes Santos) ............... 22
Penteados modernos .......... 22
Estampados .................. 23
Mães e filhos (Anamaria Célia) 24
Golas e decotes .............. 24
Detalhes e novidades ......... 25
Agasalhos ligeiros ............ 40/41
Week-end na cozinha .......... 49
Para a primavera ............. 42
Assim é o amor (Lucille D'Alermont) ..................... 43
MÚSICA (Roberto Lyra Filho) 46
TEATRO (José Fomm) ....... 47
AVIAÇÃO
Pelas estradas do céu (André Max) ....................... 13
RADIO
Broadcasting (Á. Migueis) .... 45
FOLHETIM
Scarlett, a mulher invisível ... 53
ILUSTRADORES
Osvaldo da Cunha
Sibilla

NOSSO CAPA




**Ingrid Bergman, a atualíssima "estrêla" de "Joana D'Arc" e "Stromboli" (ex-"After the Storm"). Divorciada ou não, Ingrid será sempre Ingrid**

# SURPRÊSAS NAS RUAS DO RIO

DIZEM os matutos lá do nordeste que "a dor é que ensina a gemer". Esta sentença da sabedoria popular nos demonstra que, embora o homem determine certas coisas de aspecto legal e respeitável, muitas vêzes as necessidades da vida forçam uma direção contrária ao que foi previsto.

Vejamos, por exemplo, o que ocorre com o trânsito de veículos em certos trechos da capital da República.

Sai um cidadão com seu automóvel para a zona sul. Atravessa o Túnel do Leme, ganha a avenida Prado Júnior e desemboca na avenida Atlântica, sempre guiado pelas setas largas e vistosas pregadas nos postes, de espaço a espaço. Êle não pode errar a mão, de maneira nenhuma. Mas se voltar a fazer o mesmo trajeto a partir das dezessete horas, com as mesmas setas e as mesmas leis do tráfego, será multado. E' que o trecho que vai da esquina de Barata Ribeiro até a praia passa, daquela hora até as dezenove, a ser contra-mão.

O motivo é óbvio: durante umas duas horas congestiona-se o trânsito pelo acúmulo de automóveis que vêm do centro da cidade para a zona das praias, passando todo o movimento de veículos a subir pelo túnel novíssimo e, de volta, pelo Novo, recebendo o **mingau** de carros pela avenida Prado Junior... contra a mão! Tudo passa a ser errado, para poder dar certo... São as contingências dos fenômenos da sociedade humana que forçam o homem a contradizer-se a cada passo.

Na avenida Rio Branco também muda o tráfego todos os dias. Se uma pessoa não estiver bem ciente dos nossos hábitos em matéria de trânsito, está na vez de ser atropelada. E' que olhará para a direita, quando tôda a extensão e largura da avenida são ocupadas por veículos numa só direção.

Mas uma das mais curiosas novidades desta bela cidade é a que se está registrando em várias de suas ruas e avenidas mais centrais.

Queremos referir-nos a meninas e senhoras que pedem esmolas para santos de sua devoção. Expõem essas peregrinas os gêmeos Cosme e Damião, litografias de S. Sebastião, imagens de Santo Onofre, e vão recebendo níqueis e até cédulas em suas bandejas. Até pouco tempo essas mendigas de nova espécie eram vistas em ruas de subúrbio, especialmente na zona da Penha, justamente no mês de setembro ou de outubro, época das festas da santa. Depois foram chegando mais para o centro urbano. Hoje são vistas na rua do Ouvidor e na avenida Rio Branco, nos trechos de maior movimento, inclusive na Cinelândia, rua do Passeio, etc. Uma dessas pedintes se posta de joelhos num ponto da rua do Ouvidor próximo ao largo de S. Francisco estendendo à piedade pública um quadro de S. Sebastião. Parece que se trata de uma promessa, um voto feito ao santo padroeiro do Rio se êle atendesse aos rogos da devota. E com certeza a graça foi alcançada. Dá pena vermos aquela jovem de uns quatorze anos o dia inteiro com os joelhos em terra, ereta, braços sustentando a imagem colocada numa bandeja forrada com uma toalha branca, a pedir esmolas para o santo protetor. Muitos passam indiferentes aos rogos da mocinha; outros, de ordinário as mulheres, mexem na bolsinha e colocam um níquel, fazendo o sinal da cruz, e discretamente tremem com os lábios dando aos olhares um teor de grande ternura, reflexo de seu estado íntimo. E' uma prece silenciosa que lhes sai do coração e elas pedem à imagem que a leve até ao céu.

Na avenida Rio Branco ficam duas senhoras de certa idade com três imagens de santos de considerável tamanho, a pedir esmolas. Seu pôsto de sacrifício e piedade é no local em que se está erguendo o novo edifício do Clube de Engenharia.

E assim, leitor, se uma pessoa julgar que, em certas horas do dia, está indo na mão, vai contra-mão e, ou pode ser atropelada, ou multada. Da mesma forma, se alguém pensar que vai à rua do Ouvidor para admirar as lojas, as vitrinas, a moda, a elegância de nossas patrícias, pode decepcionar-se, pois encontrará gente pedindo esmolas de joelhos e um magote de bilheteiros a gritar no pé do ouvido dos passantes o bicho que vai dar, coisas que aborrecem a sensibilidade de um cidadão mais ou menos civilizado, embora dêem ao ambiente requintado e elegante uns tons de grande pitoresco tipicamente sertanejo.

**Crônica de RUY SAULO ★ Especial para a "REVISTA DA SEMANA"**



O historiador Lacerda Nogueira, secretário perpétuo da Academia Fluminense de Letras, exibe a um grupo de visitantes uma das relíquias da exposição: o "Manual Abreviadíssimo de Missa", oferecido pelo poeta à Yayá, a "musa-menina"

# A VERDADE SÔBRE CASIMIRO DE ABREU

Texto de **IGNEZ MARIZ** ★ Fotos de **ARNALDO VIEIRA**
Especial para a **REVISTA DA SEMANA**

As lendas que circulavam a respeito do sentido poeta fluminense eram tantas, e de tal maneira estavam arraigadas na convicção popular, que se tornava difícil ao pesquisador saber exatamente onde terminava a verdade histórica e onde tinha comêço a fantasia.

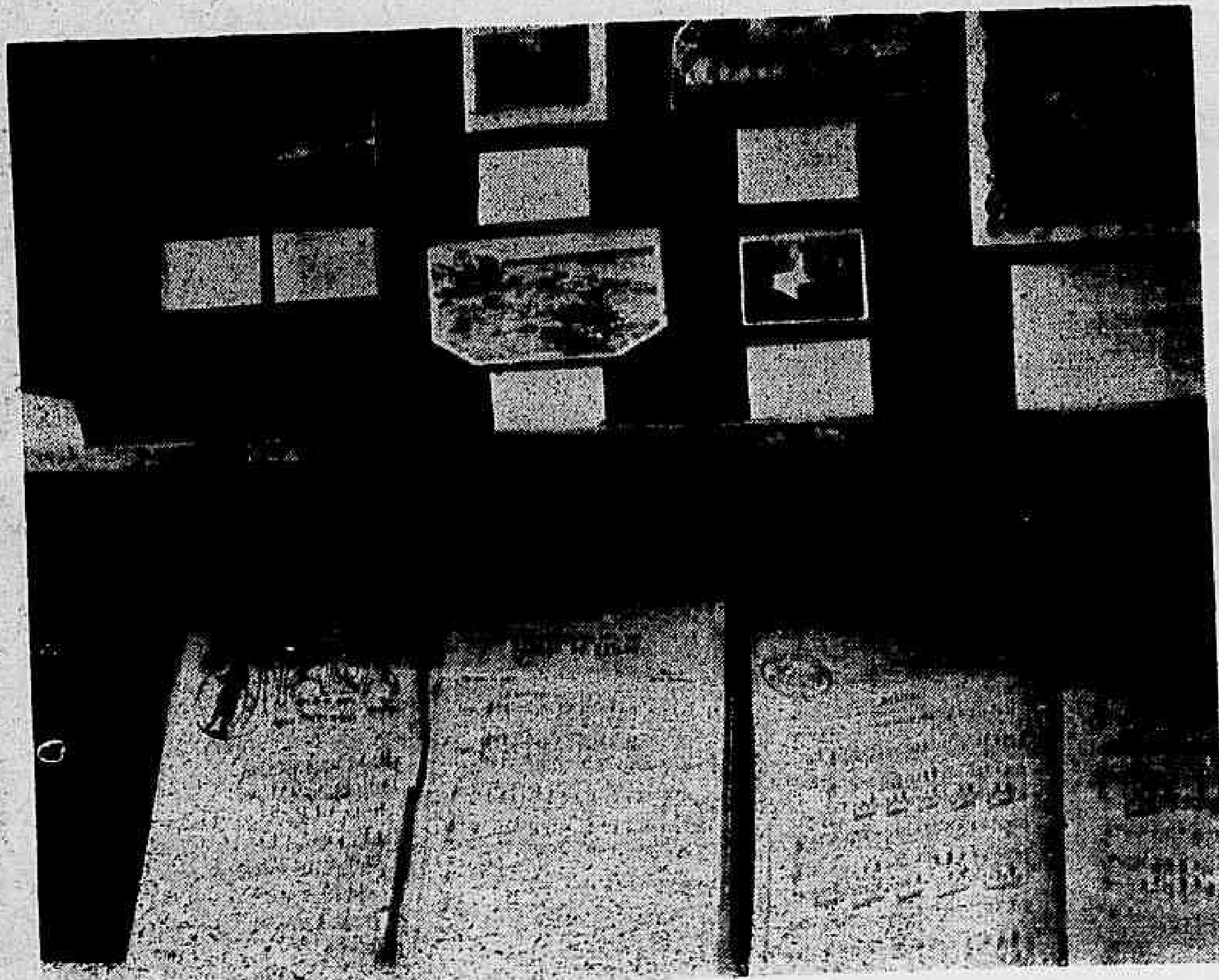
Baseada no que antes haviam dito inúmeros biógrafos, teve esta cronista oportunidade de veicular, em reportagem, a afirmativa de que era o poeta incompreendido pelos chefes da firma comercial onde trabalhava.

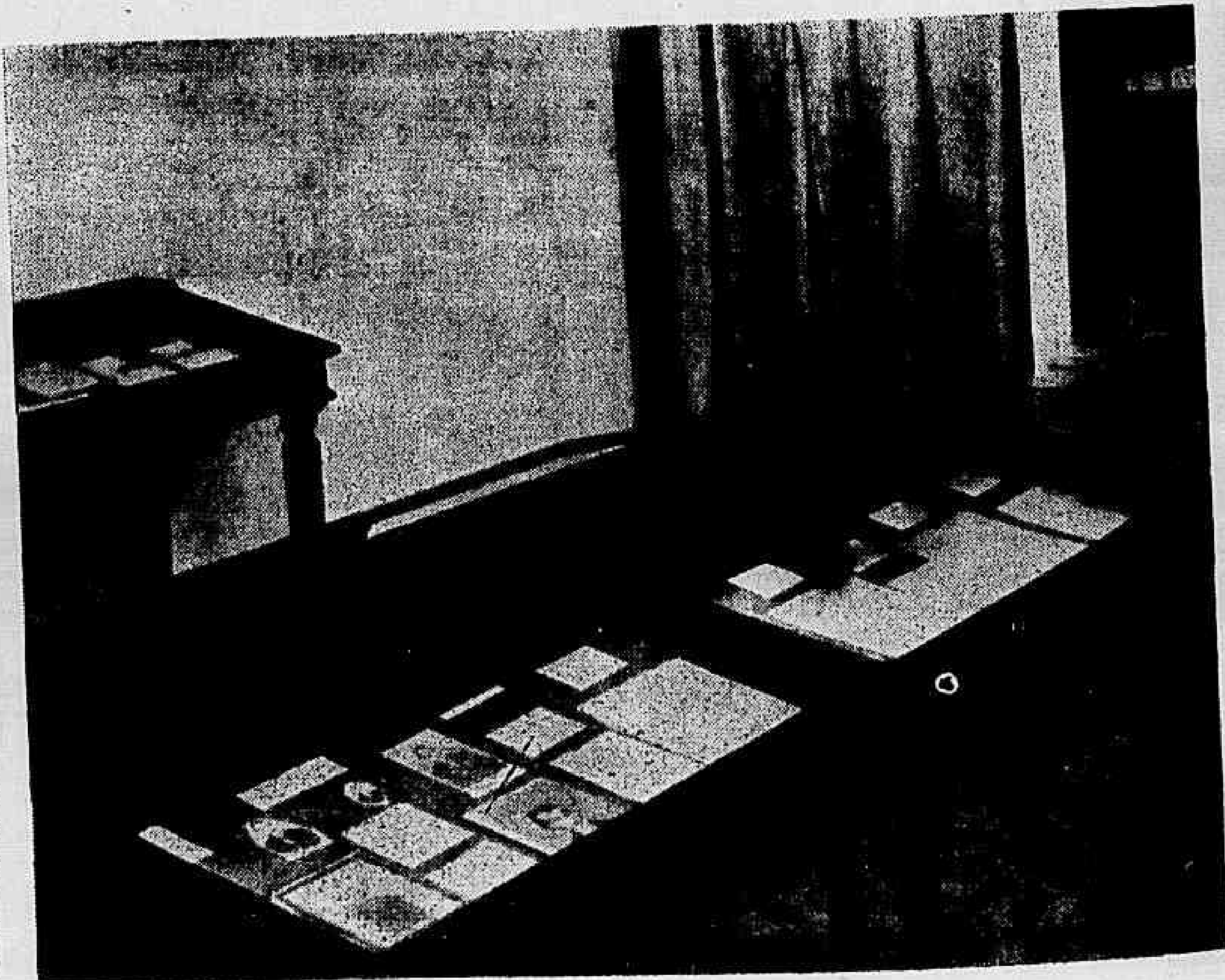
Foi o suficiente para que uma senhora das relações daquela família escrevesse protestando. Ao contrário do que dizíamos, Casimiro sempre fôra tratado, naquela casa, como um verdadeiro filho.

Outros leitores mandaram dizer que a cronista errara, ao declarar ter o poeta fluminense nascido na vila de Barra de São João, pois isto jamais ficara provado. Mais aceitável é que tivesse vindo ao mundo nas proximidades da cidade de Indaiassu, onde o pai era proprietário de uma fazenda.

Ficaram as dúvidas maltratando nosso espírito durante muito tempo.

Tão depressa tivemos notícia de que fôra aberta a "Exposição Casimiro de





À esquerda: Aspecto parcial da "Exposição Casimiro de Abreu"; ao alto, à esquerda, vê-se um quadro da pintora Odete Barcelos, representando a casa onde nasceu o poeta, em Barra de São João; no outro plano, trechos de músicas inspiradas nos versos de Casimiro. À direita: Outro aspecto da "Exposição Casimiro de Abreu"

Abreu", em Niterói, apressamo-nos em visitá-la para nos penitenciarmos de todos os erros, se fôsse o caso.

Deparamos sugestivo mostruário de oitenta relíquias evocativas do grande lírico brasileiro, carinhosamente recolhidas pela Academia Fluminense de Letras, organizadora da exposição.

Tivemos certeza de que o poeta nasceu mesmo em Barra de São João. Fôra a casa de seus pais, há tempos, identificada, e desde 1940, averbada pelo Patrimônio Histórico e Artístico do Ministério da Educação como monumento histórico nacional.

Indaiassu está situada a oeste do município. Se tem hoje o nome de "Casimiro de Abreu" é porque se tornou mais importante, econômicamente, do que Barra de São João, tornando-se, assim, a sede administrativa da comuna. O próprio poeta, falando da terra natal, dizia: "Não tinha ela um céu todo azul, um rio manso como um lago, e um mar que soletrava nas praias o seu poema de amor?"

Como se poderiam aplicar a Indaiassu estas palavras?

Examinando uma exposição evocativa é que a gente compreende melhor como o sentido das palavras se vai modificando com o correr dos tempos. Se muitas vêzes Casimiro empregou o têrmo "sertão", referindo-se à sua terra, é porque assim se designavam outrora os lugares pouco povoados, estivessem ou não perto do mar. Ignorando êste fato muita gente ainda pretende que tenha sido outro o lugar do seu nascimento.

Queremos nos penitenciar no que se refere à afirmativa de ter sido o poeta rudemente tratado pelos seus chefes comerciais. A senhora que escreveu tinha razão. Em muitas das cartas que examinamos comovidamente, escritas do próprio punho de Casimiro, ao seu "patrão", notamos que, antes da assinatura, êle ajuntava a expressão carinhosa: "do seu filho".

Segundo tudo indica, o têrmo "patrão", tantas vêzes por êle empregado, não tinha sentido pejorativo, mas apenas brejeiro. E' outro fato curioso que a exposição revela.

Êsse chefe comercial, no qual muitos enxergaram um algoz, era o comendador da Ordem da Rosa Antônio Francisco da Costa Cabral, comissário de café na Côrte, influente chefe liberal na província fluminense. A residência dêste senhor Casimiro chamava "canto amigo", numa de suas poesias. E à Yayá, filhinha do comendador, de quatro anos de idade, consagrou afeto de irmão. Cumulou-a de presentes de fino gôsto. Tivemos em mão uma verdadeira preciosidade: o minúsculo "Manual Abreviadíssimo de Missa", que pertenceu àquela menina, e onde se lê a última quadra da composição poética "Orações":

"As doces vozes de tua alma santa
Valem mais do que eu valho, oh,
[querubim!
— Quando rezares por teu mano, à
[noite,
Não te custa também — reza por
[mim!"

Êste manual é o mesmo que está sendo mostrado às visitantes da exposição, na primeira fotografia desta reportagem.

Yayá, a "musa-menina", que inspirou nada menos de oito poemas a Casimiro de Abreu, tornar-se-ia mais tarde espôsa do engenheiro dr. Mateus Nogueira Brandão, e progenitora do dr. Heleno Brandão, médico humanissimo, homenageado com um busto na Praça 7 de Março, pelo povo do bairro de Vila Isabel.

As surprêsas daquela visita à "Exposição Casimiro de Abreu" nos deixaram emoções inesquecíveis. Soubemos que o único retrato autêntico do poeta é uma daguerreotipia, onde contemplamos as linhas delicadas do seu perfil. As demais efígies que examinamos são litografias que muito se distanciam da verdadeira imagem do popularíssimo lírico fluminense.

Documento que encerra grande pitoresco é a conta da pensão de Madame Salusse, por onde se vê que uma diária em casa de primeira ordem, naquele tempo, não ia além dos três mil réis... para gente branca. A diária de prêto era, apenas, de seiscentos e quarenta réis.

Aquela senhora possuía uma pensão familiar na então vila de Friburgo, onde Casimiro foi procurar melhoras para a sua triste doença. Ela era pintora, de grande cultura, e tornar-se-ia o tronco de família do maior relêvo social na Província do Rio de Janeiro. Casou-se uma de suas filhas com o engenheiro Getúlio Neves, 1.º vice-governador do Estado do Rio, na República. A mesma família pertencia Júlio Salusse, o sonetista de "Cisnes".

Casimiro de Abreu desenhista merece comentários. Os esboços vistos na exposição atestam conhecimentos técnicos, e a cópia, a crayon, de quadro célebre de pintor francês, focalizando Napoleão numa de suas batalhas, surpreende o visitante. O rapazinho contava apenas treze anos de idade quando o desenhou, no Colégio Freese. Hoje o quadro é de propriedade do dr. Luís Paulino Soares de Sousa.

Íntegra da carta que se presume ter sido a última escrita por Casimiro de Abreu:

"Friburgo, 29 de setembro de 1860.
Prezado Am.º e Sr. Cabral.

Respondo ao seu favor de 19 e estou de posse de tôdas as cartas que tem tido a bondade de escrever-me.

A conta de Mme. Salusse ficou por esquecimento, mas eu já enviei-a.

O meu pedido de retirar-me consistia no receio de gastar dinheiro aqui, e na vontade de consultar o dr. Rosa, pois já estive melhor do que hoje.

O Fonseca mandou-me visitar pelo filho, que parte amanhã, e eu vou em sua companhia até o Indaiassu. Se não puder ir, volto; podendo, demorar-me-ei alguns dias na fazenda e volto a Friburgo.

Creio que não faço mal em fazer esta visita depois de uma ausência de quatro meses.

Recomendo-lhe que não se esqueça daquele negócio.

A senhora D. Adelaide e aos meninos envio os mais saudosos cumprimentos.

Lembre-me ao sr. Câmara e continue a crer-me de
Vossa Mercê
Amigo grato e obrigadíssimo
Casimiro de Abreu."

A conta de Madame Salusse, a que êle faz referência, é a seguinte:

"O sr. Casimiro de Abreu
a Salusse
Do dia 26 de julho
até 31 de agôsto

| | Deve |
|---|---|
| 37 dias de pensão a 3$000 | 111.000 |
| 37 dias para o prêto a 640 | 23.680 |
| 6 dias para 2 animais a 500 ............. | 6.000 |
| 2 garrafas de Vinho do Pôrto ............. | 4.000 |
| 1 garrafa de Vinho do Reino ............. | 3.000 |
| 4 dias para 1 prêto e 1 animal ......... | 4.560 |
| Importe de uma receita | 23.500 |
| Feitio de 2 camisas de lã | 2.000 |
| Feitio de 2 ceroulas .... | 2.000 |
| 12 côvados de boetelha a 1.000 ...... ... | 12.000 |
| | Rs. 191.740." |

Adelaide, a filhinha do comendador, que na intimidade se chamava "Yayá" e foi a "musa-menina" de Casimiro, aos dezenove anos, pouco antes de se casar, viajou até Barra de São João, a fim de satisfazer o pedido que êle lhe fizera quinze anos antes na poesia intitulada "Berço e túmulo":

"Trago-te flores no meu canto amigo
Pobre grinalda com prazer tecida —
E — todo amôres — deposito um beijo
Na fronte pura em que desponta
[a vida.
E' cedo ainda! — quando moça fores
E percorreres dêste livro os cantos,
Talvez que eu durma solitário e mudo
— Lírio pendido a que ninguém deu
[prantos! —

Então, meu anjo, compassiva e meiga
Depõe-me um goivo sôbre a cruz
[singela,
E nesse ramo que o sepulcro implora
Paga-me as rosas desta infância bela!"
(Junho — 1858

Carta de Friburgo, datada de 29 de setembro de 1860 e enviada ao comendador Cabral. Presume-se ter sido a última escrita pelo poeta. No dia imediato, 30, deixou a vila serrana com destino à fazenda Indaiassu, onde faleceria dezenove dias depois

Ao alto: Rascunho da primeira página do poema em prosa "A uma virgem loura". Em baixo: Rascunho de um poema de Casimiro dedicado ao pai: alguns versos e depois solução de continuidade, indicadora de quebra do pensamento. Uma cópia circula por aí, equivocamente interpreta

Conta da pensão de Madame Salusse, correspondente a trinta e sete dias de hospedagem e outras despesas do poeta quando procurava melhoras para a saúde em Friburgo

Trabalhamos com lentes possantes e paciência inda maior o rascunho onde êle escreveu os versos dedicados ao pai. Os traços nervosos da letra e a falta de continuidade no pensamento poético são denunciadores de emoção profunda, emoção que se transmite ao leitor que termina chorando, se o seu coração ainda não se endureceu de todo ao contacto das coisas prosáicas desta vida.

Pedia perdão quando o seu crime único foi ser irremediàvelmente poeta. Pobrezinho!

Não garantimos que a interpretação esteja correta. "Outros fariam mais e melhor. Eu fiz o que pude."

Eis os versos:

"Perdão, meu Pai, se em loucos des- [varios
Manchei-te as cãs honradas da ve- [lhice
A ovelha desgarrada nos desvios
Voltou ao redil .................

Se pequei foi por muita mocidade,
Muito fogo dos anos na verdura,
Mas hoje o coração — todo saudade —
Vem remir-se na tua sepultura.

Amei-te com respeito ...........
.....................................
.....................................
.....................................

Vinte anos contigo noite ou dia
.....................................
.....................................
.....................................

Se pequei, choro a louca mocidade,
E beijo dos teus rastos a poeira
Eterna guardarei esta saudade,
Eterna guardo a bênção derradeira.

Tropecei pela estrada mal trilhada,
Onde amargam os pômos mais que [escassos
Debalde ergui a fala já cansada,
Descri, caí — mas fui cair-te aos [braços!

Não era culpa minha se esta vida
Enchi de aspirações desde menino.
A criança no berço adormecida
Já traz na fronte o sêlo do destino.

Perdão, perdão, para mim que arre- [pendi-me
Da cegueira fatal, do errado trilho.
Se a dor lava o pecado — lava o crime
Da falta filial a dor do filho!"

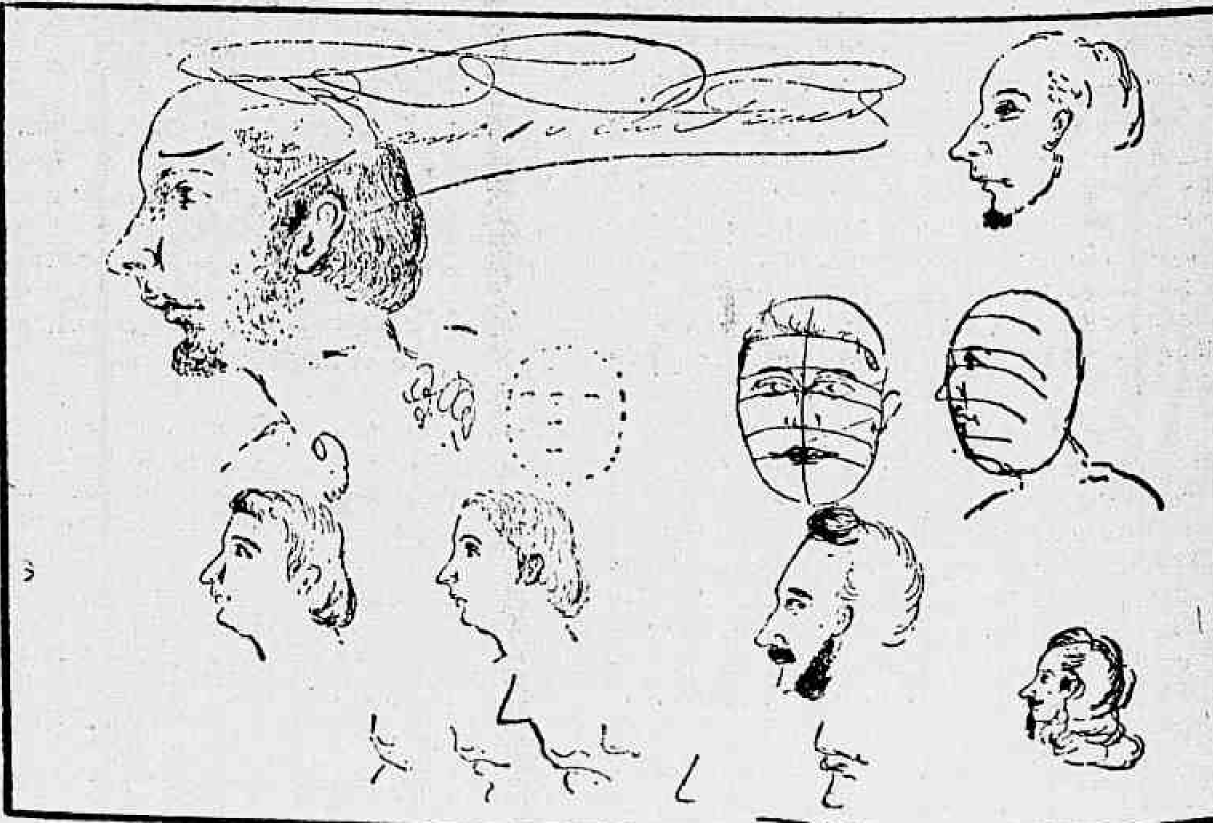
A caligrafia de Casimiro, sempre bem arrumadinha e fácil de ler, neste documento se mostra incerta, por vêzes meio trêmula, ou coberta de traços fortes, nas emendas. A emoção o deixara excepcionalmente nervoso, ao relembrar o pai.

Acreditamos que a "tradução" que fizemos esteja quase certa. Temos dúvidas, apenas, sôbre aquêle "Onde amargam os pômos mais que escassos", que nos parece um pouco esquesito. Mas diversas pessoas, a quem mostramos o documento através de lentes, também leram a mesma coisa.

Para os leitores que ainda tenham dúvidas enviamos tôdas estas informações, colhidas na Academia Fluminense de Letras.

E ao missivista que mandou dizer estar esta cronista errada, ao declarar Casimiro nascido em Barra de São João, temos a esclarecer que, realmente, êle nasceu naquela vila, no dia 4 de janeiro de 1839, sendo sepultado na mesma localidade a 19 de outubro de 1860.

Liquida tôdas as controvérsias, esta exposição em boa hora organizada com documentação irrespondível.



Esboços desenhados por Casimiro de Abreu no verso do original de um dos seus poemas inéditos (1860)

# AS PRIMAVERAS

DE

Casimiro J. M. de Abreu

NATURAL DA PROVINCIA DO RIO DE JANEIRO

1855 — 1858

RIO DE JANEIRO

TYP. DE PAULA BRITO

1859.

Fac-simile da edição *princeps*

# *O LIVRO IMORTAL*



Paula Brito (1809-1861) — o editor



Francisco Otaviano (1825-1889) a quem foi dedicada a obra



Justiniano José da Rocha (1812-1862) — o primeiro crítico das *Primaveras*

**Página da publicação "In Memoriam", de Casimiro de Abreu, organizada pela Academia Fluminense de Letras**

# A SEMANA EM REVISTA

## personagem da SEMANA

E' muito conhecida e repetida aquela frase de Floriano Peixoto: "Confiar desconfiando sempre". Frase tipicamente política, aplicável tanto à política interna como à externa.

Os nossos líderes, porém, dotados como são de um espírito nitidamente latino, raramente seguem a sentença filosófica do velho alagoano, que, apesar de ter sido em tôda a sua vida mais soldado do que civil, e mais militar do que político, demonstrou com isso que tinha vocação para dirigir povos.

Desta forma, de quando em quando surgem nos campos políticos nacionais em tempo de efervescência eleitoral, atritos e discussões em tôrno de quebra de compromissos por parte de elementos ligados entre si para uma só e única campanha política.

Com a restauração da democracia brasileira, na qual somente as urnas podem decidir dos embates eleitorais e partidários, uniram-se os três maiores partidos políticos nacionais a fim de ser escolhido um nome nacional capaz de suceder, sem perturbações da ordem, o atual presidente da República em 1951.

Os maiores e mais fortes partidos brasileiros são a UDN, o PSD e o PR, êste o mais antigo de todos, cheio de glórias pelo Brasil inteiro e que tem no sr. Artur Bernardes a sua maior figura.

Como todos sabemos, ficou acertado pelo acôrdo tri-partite articulado pelas três or-



Sr. Artur Bernardes

ganizações políticas acima, que nenhum dos seus mais destacados elementos deveria tomar iniciativas para comprometer a harmonia de vistas em relação a providências sôbre a sucessão presidencial que vem aí.

Tudo seria feito após as combinações de maneira a persistir pela harmonia entre as altas partes contratantes em bem do Brasil.

Sucedeu, porém, que o sr. Benedito Valadares, do PSD mineiro, deu um vôo inesperado do Rio a Belo Horizonte, em avião privado da Presidência da República. Lá nas Alterosas conferenciou com o governador Milton Campos. A êsse tempo já tôda a imprensa comentava o ocorrido e denunciava o viajor. O episódio empolgou os meios partidários e levou o sr. Artur Bernardes a renunciar o seu cargo na Comissão Deliberativa do acôrdo. Mas, apesar de todo o rebuliço, depois que o representante do PR conferenciou com o presidente Dutra, a calma se restabeleceu e continua em ordem o acôrdo entre os três grandes. Pelo visto o sr. Bernardes se lembrou daquela frase de Floriano e, com sua atitude, provou que os partidos têm sua fôrça moral em pleno vigor. Por tudo o que ocorreu e se comentou nos últimos sete dias, foi o sr. Artur da Silva Bernardes a personagem da semana, até porque o seu gesto constituiu uma demonstração de que a vida partidária, entre nós, vem se mantendo embora precariamente.

### PIEDADE HOMICIDA

Poderá a sociedade humana instituir e executar o Direito de Matar? O assunto já tem sido objeto de teses, discussões e polêmicas entre intelectuais, médicos e juristas de vários países do mundo civilizado. A corrente que vence é sempre a que endossa a chamada "Eutanásia", princípio da medicina que dá ao médico o direito de aplicar a doentes incuráveis e padecentes de moléstias dolorosas uma droga capaz de libertá-los pela morte. Na seara do Direito aplicado temos visto, de quando em quando, casos de piedade homicida, isto é, o dever de matar um semelhante a fim de livrá-lo de maiores padecimentos. Há alguns anos, na ilha do Pina, subúrbio do Recife, foi levada à barra do tribunal uma preta analfabeta acusada de haver matado o filho menor em virtude de não ter mais coração para vê-lo sofrer tanto de uma moléstia incurável e da qual morreria fatalmente dentro de pouco tempo. O júri a absolveu com a maior justiça. Veio então à baila êsse discutido "Direito de Matar" para evitar maiores e mais extensos sofrimentos de uma pessoa, a que os estudiosos do Direito e da natureza humana à luz da sociologia deram o significativo nome de "Piedade Homicida". O caso se repete agora com a vida de um esquimó em Cambridge Bay, território do noroeste do Canadá. Êsse jovem foi prêso e levado à barra do Tribunal do Júri daquele país, pelo crime de ter ajudado a própria mãe a suicidar-se por enforcamento. Justificando seu ato, êle declarou que fôra ela quem pedira êsse auxílio, pois sofria de tuberculose e de uma moléstia da pele com grandes sofrimentos. Testemunhas esquimós declararam que há um velho costume entre aquêle povo que permite êsse dever transformado em direito. Foi condenado a um ano sem reclusão. O caso merece estudos por parte dos nossos sociólogos.

★

### A MORTE DE STRAUSS

Com oitenta e cinco anos de idade, morreu Ricardo Strauss. Um dos maiores e mais famosos compositores do mundo moderno. Era diretor de orquestra e deixa muitas obras de valor, como "Guntran", "Salomé", etc. Nasceu Strauss em Munique, Alemanha, em 1864. Na Baviera lhe foram rendidas grandes homenagens, tanto pelo povo como pela Municipalidade. Todos os funcionários públicos desfilaram diante do seu caixão mortuário, aberto e colocado em sua casa de residência, antes de ser levado para a cidade de Munique, onde seus restos mortais foram incinerados e as cinzas recolhidas em uma urna para voltar à mesma casa em que êle residia em Garmisch, na Baviera. Muita gente, porém, julga que se trata daquele outro compositor famoso com o mesmo sobrenome de Strauss, o autor das belíssimas e imortais valsas vienenses. Não. O que acaba de falecer se chamava Ricardo Strauss e era alemão. O outro se chamou João Strauss e nasceu em Viena, na Áustria, em 1825, tendo morrido em 1899. Dele é que são as belas valsas da qual a mais famosa e conhecida é o "Danúbio Azul", além de operetas graciosas e mundialmente conhecidas. Segundo os críticos de Arte Musical, êste Strauss da Áustria foi maior do que o que acaba de falecer agora. Há ainda outra confusão em tôrno do nome de Strauss. Muito gente pensa que a obra literária "A vida de Jesus", de Strauss, foi escrita pelo compositor dêsse nome, ou compositores assim conhecidos. Nada disso. "A vida de Jesus" foi escrita por David Frederico Strauss, teólogo alemão nascido em Ludwigsbourg, no Wurtenberg, no ano de 1808, falecendo ali mesmo em 1874. Êsse estudioso das coisas sagradas deixou muita coisa sôbre as origens do cristianismo, mas se tornou famoso com a obra já citada, pela qual considera a história evangélica um verdadeiro mito.

★

### O MACACO E O HOMEM

Não vamos citar qualquer fábula de La Fontaine ou de Ésopo. Vamos apenas fazer ligeira consideração a respeito daquela famosa teoria evolucionista de Darwin sôbre a origem do homem. Não conformado com a tradição moisaísta do "Genesis", êsse naturalista criou uma teoria da evolução das espécies em cujo ritmo o homem deveria descender de uma série de primatas, de macacos antropóides. Para justificar a teoria, citava êle uns ossos descobertos na ilha de Java. Com êsses fragmentos chegaram os cientistas a armar um tipo de homem primitivo que era meio macaco, meio gente, a que deram o nome de "pithecanthropus". Essa teoria empolgou os meios estudantis da época e, ainda hoje, é sustentada por grande corrente de cientistas e antropologistas. Mas há umas tantas coisas que a gente vê e depois coça o queixo desconfiado e achando esquisito. A transmissão hereditária é outra lei descoberta pelos sábios e plenamente confirmada por aquêle famoso frade de Ponn. Foi através dessa teoria que o povo, sempre sábio, formulou esta tese: "O pinto já traz no ovo a pinta que o galo tem". Nessa simples sentença está tôda a teoria da transmissão de caracteres pela hereditariedade. Ora, se os caracteres físicos são transmitidos através das gerações, os psíquicos e morais também o são. E isso está cada vez mais provado. E é aí que ficamos a meditar nas coisas misteriosas dêste mundo. Diz a teoria darwiniana que descendemos de uma série de macacos pitecóides. Entretanto, conforme temos observado com as dezenas de macacos do nosso Zoo, êsses animais respeitam religiosamente a posse do seu semelhante. Quando os macacos de uma mesma jaula avançam para pegar uma coisa qualquer que jogam lá dentro, logo que um apanha o objeto, os outros se afastam respeitosamente. Pelo visto, o homem nada ganhou em deixar de ser macaco...

### A LEI DO INQUILINATO

E' pequeníssima a porcentagem dos que, no Brasil, vivem sob teto próprio. A imensa maioria dos brasileiros mora em casas alugadas e, muitas vêzes, com atrasos de pagamentos por falta de recursos. Outras pessoas, para obter um teto, fazem tremendos sacrifícios, diminuindo verbas de alimentação a fim de satisfazer exigências dos proprietários com depósitos de três e mais meses além da indispensável fiança idônea de negociante abastado na praça. Uma tragédia que sempre está em andamento para o ato final de esmagamento do principal ator: o inquilino. De quando em quando se fala em reforma da Lei do Inquilinato. Os que vivem sob o regime de pagar mensalmente ao dono do edifício uma importância para poder livrar-se da sombra das árvores e dos lastros das pontes, estremecem de medo. Uma lei feita pelos proprietários só poderá ser favorável aos mesmos. O povo teme certas leis quando as mesmas têm origem em Legislativos como o Federal, onde senadores e deputados são, em geral, proprietários de imóveis. Mas, desta vez, o Congresso Nacional aliviou a tensão nervosa dos que pagam aluguel. Entrando na ordem do dia da semana última na Câmara dos Deputados, foi aprovado o projeto que dá nova redação ao art. 27 do decreto-lei número 9.669, de 29 de agôsto de 1946, prorrogando a Lei do Inquilinato por mais um ano. Aproveitamos a oportunidade para lembrar, mais uma vez, aos nossos legisladores que mantenham êsse gesto de defesa do povo que paga aluguel de casas para viver; mas não se esqueçam de que a solução para o problema não é uma Lei de Inquilinato e sim meios que venham ajudar o desenvolvimento das construções. No dia em que neste país não puder mais ser aplicada essa lei antipática por abundância de habitações, seremos um povo civilizado e independente.

★

### 90% DE LUCRO

Esteve a população do Distrito Federal na iminência de comer o pão que o diabo reamassou. Sim, porque a história de comer o pão que o diabo amassou já é coisa do passado. O pão nosso de cada dia, depois de tanta mistura e "ersatz" indigesto, onde tudo há, menos trigo, não é mais amassado pelo tinhoso, e sim reamassado pelo mesmo agente do mal. Tôda a grande cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro ficou aflita com a notícia de que os panificadores iam suspender o fornecimento do pão a domicílio, passando a vendê-lo no balcão a partir das oito horas da manhã. Isso significaria a volta de uma das filas mais tristes da cidade e a desgraça de comer um pão embuchado, dormido, indigesto e feio. Especialmente feio. Os poderes públicos ficaram alertados pela grita da imprensa, e a C.C.P. (Comissão Central de Preços) movimentou-se para deter a marcha dos acontecimentos. Os panificadores exigiam um aumento nos preços do pão, alegando que estavam tendo prejuízos. O exame da situação foi parar no Serviço de Subsistência do Exército, fazendo-se ali uma análise cuidadosa e completa sôbre a fabricação do produto, a fim de verificar-se a veracidade das alegações dos panificadores. E o resultado foi surpreendente. Com a fabricação do pão vendido ao carioca, o lucro das padarias era apenas de noventa por cento! Em face dêsse resultado irrecusável, ficou demonstrado que os panificadores não têm razão quanto ao desejo de elevar ainda mais o preço de um produto de nutrição que representa indiscutivelmente uma das bases da alimentação do povo. Diante do ocorrido foi afastado o perigo de ficarmos sem pão fresco tôdas as manhãs, e as carrocinhas de entrega continuaram a trafegar no serviço entre o balcão e os lares. Entretanto, segundo se afirma, os panificadores apenas ensarilharam armas. O desejo continua.

★

### A PAIXÃO POLÍTICA

Noticiam os jornais, através de noticiário telegráfico vindo do Maranhão, que na Assembléia Legislativa de sua capital ocorrera grave incidente, o que determinou o encerramento dos trabalhos pela Mesa. Tudo em virtude de desinteligências entre letras do nosso alfabeto político. Deputado do PTB que integra a bancada do PST, avança ameaçadoramente contra o seu colega do PR e começa a confusão. Cadeiras são erguidas como armas de ataque e defesa, mesas caem com estrondo e revólveres saem dos cintos na iminência de cuspir fogo com balas na ponta. Felizmente tudo acabou em paz. Sempre há em tais casos um amigo de todos que intervem e faz que a calma volte entre os nossos licurgos. Mas sucede que, da mesma forma, sempre ficam alguns resinguentos a murmurar, a acusar, a alegar coisas. E o ambiente torna a azedar entre ameaças de perturbação geral da ordem. Então somente um medida se impõe: suspender a sessão. Os decretos e leis ficam nas gavetas esperando pela boa vontade e tolerância dos nossos legisladores, homens nem sempre dotados de serenidade. Felizmente, porém, não vamos muito além dos tumultos nas câmaras legislativas do Rio, dos Estados e dos municípios. Raramente morre alguém; muito raro aparecer um legislador com a cara em frangalhos ou a mão na tipóia. Querem ver o que é barulho acompanhem as notícias telegráficas que nos vêm de países estrangeiros, mesmo aquêles considerados protótipos de cultura e civilização. A França, a Holanda, a Itália nos dão, de quando em quando, exemplos curiosos de ferocidade parlamentar nutrida pela paixão política. Ali sim. Um barulho entre bancadas não é meio apenas de mandar tinteiros e cadeiras pelo ar como projéteis para convencer adversários. E num dos nossos vizinhos aqui da América o revólver entra mesmo em cena e mata gente. Vamos continuar menos civilizados...

ANO XLVIII **REVISTA DA SEMANA** N.° 38 ★ 17/9/1949

Propriedade da CIA EDITORA AMERICANA — Diretor-presidente GRATULIANO BRITO

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano .......... Cr$ 140,00 Seis meses .......... Cr$ 70,00
Registrada — Um ano .......... Cr$ 170,00 Seis meses .......... Cr$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano .......... Cr$ 270,00 Seis meses .......... Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

Rua Visconde de Maranguape, 15. Endereço telegráfico "Reviste" — Rio de Janeiro. Telefones: Gerência 22-2550; Secretaria 22-4447, Publicidade 22-8570; Fotografia 22-1513; Portaria 22-5602. Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149. Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569. Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua Brigadeiro Tobias, 615, 2º andar, s. 217, tel. 6-6718

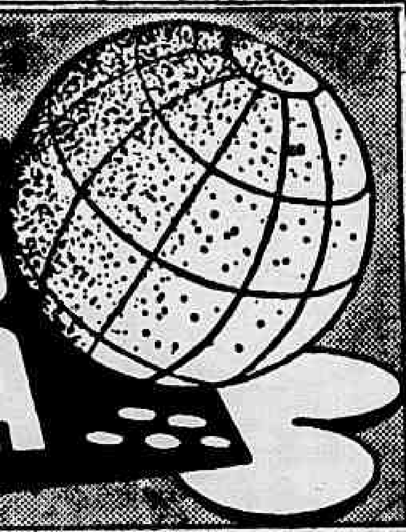
TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte. Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spance, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 24, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida 229, tel. 33, avenida 9109, Buenos Aires. Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação.

Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos são de responsabilidade dos autores

ÊSTE NÚMERO CONSTA DE 60 PÁGINAS

# O MUNDO MARCHA



Sofrem novos reveses os revolucionários bolivianos. ★ Em virtude das vitórias das tropas governistas, espera-se para breve o fim da revolução na Bolívia. ★ Morre, num desastre de avião em Cleveland, o aviador recordista de distância Bill Odom. ★ O papa Pio XII explica que suas ordens de excomunhão têm por fim criar uma barreira contra o comunismo. ★ Tropas comunistas chegam a 16 quilômetros de Amoy, ameaçando seriamente a cidade de Cantão. ★ Uma revolução anti-nacionalista proclama a independência da provincia chinesa de Iunã. ★ Inglaterra e Estados Unidos estão dispostos a ajudar o govêrno de Tito da Iugoslávia. ★ Prega o Cominform a necessidade da formação de novo Partido Comunista para a Iugoslávia. ★ A localidade de Sprague é invadida por milhões de ratos. ★ Conflito em Milão entre comunistas e policiais italianos, durante uma manifestação de trabalhadores. ★ O comandante das fôrças navais norte-americanas no Mediterrâneo conferencia com Franco, da Espanha. ★ Irrompem no Rio vários incêndios. ★ Parte Schuman para os Estados Unidos. ★ Acioli Lins, vereador pelo P.T.B. na Câmara Municipal, acusou a policia de tê-lo espancado. ★ Jornais da imprensa britânica acusam a armada nacionalista da China de estar praticando atos de pirataria. ★ Convida a "Standard Oil" vários jornalistas cariocas para visitarem por sua conta as instalações e indústrias petrolíferas de sua propriedade nos Estados Unidos. ★ E' acusado no Senado de prática de atos de violência o Prefeito do Rio. ★ Vai à cidade de Campos o Presidente da República e inaugura um conjunto residencial para funcionários da Leopoldina Railway. ★ Chegam ao Rio várias delegações estrangeiras para assistir às festividades de Sete de Setembro. ★ Inaugura-se na capital do México o Congresso Pró-Paz. ★ Há troca de tiros entre policiais da fronteira entre a Alemanha e a Tchecoslováquia. ★ Completa-se o Gabinete da Alemanha Ocidental. ★ Prende a polícia, em Petrópolis, vários elementos comunistas. ★ Chega ao Rio o técnico e diretor de filmes Alberto Cavalcanti, brasileiro, que reside em Londres. ★ Manifesta-se incerteza de êxito na conferência anglo-americana para resolver a crise financeira britânica. ★ Tropas legais avançam para Santa Cruz, na Bolivia. ★ E' organizado o Parlamento do novo Govêrno da Alemanha Ocidental, tendo a cidade de Bonn como capital. ★ Cresce o número de refugiados nas embaixadas estrangeiras de La Paz. ★ Dissenções entre guerrilheiros comunistas no sul da China. ★ Grande explosão de material bélico num subúrbio de Tóquio faz estremecer tôda a cidade. ★ Vários oradores do Congresso Pró-Paz, ora reunido no México, atacaram o govêrno dos Estados Unidos. ★ Acusa o senador norte-americano Tom Connaly o sr. Chiang-Kai-Shek de ter-se apropriado indebitamente de 138 milhões de dólares. ★ Avisa o Banco do Brasil a importadores de São Paulo que não será permitida a importação de artigos de Natal êste ano em face da situação cambial. ★ Grandes festas cívico-militares no Rio por ocasião da passagem de Sete de Setembro. ★ Movimentam-se as classes estudantis contra a nova Lei de Segurança. ★ A cidade de Santa Cruz, na Bolívia, é cercada pelas fôrças legais, sitiando os revoltosos. ★ Sofrem os comunistas chineses pesados golpes das tropas de Chiang-Kai Shek na zona da provincia de Iunã. ★ Agrava-se ainda mais a situação entre o govêrno da Tchecoslováquia e o Vaticano. ★ Não pôde seguir para a cidade de Praga o novo encarregado dos negócios da Santa Sé. ★ Violentos ataques de senadores dos Estados Unidos ao govêrno Truman acusado de estar querendo implantar no país o socialismo, ora em vigor na Inglaterra. ★ Diz Stafford Cripps que é completamente inútil combater o comunismo sem disporem os países ocidentais de bases econômicas sólidas. ★ E' descoberta uma rêde de espionagem da Iugoslávia na Polônia. ★ O senador Tom Connaly retificou sua opinião anterior sôbre desonestidade de Chian-Kai-Shek. ★ Grandes homenagens póstumas ao compositor alemão Ricardo Strauss. ★ E' televisado nos Estados Unidos um programa em homenagem ao dia da independência do Brasil. ★ Grave conflito entre parlamentares na Colômbia, resultando um morto e vários feridos. ★ Incêndio nos laboratórios da "Pan-Filme do Brasil" do Rio, perdendo-se a película "Jangada", de Raul Roulien. ★ Cai, nas proximidades de Quebec, um avião de passageiros, morrendo todos, em número de vinte e dois. ★ Pretende a delegação argentina à O.N.U. apresentar projeto modificando a reforma da Carta das Nações Unidas. ★ Irradiam emissoras americanas um empréstimo de vinte milhões de dólares concedido pelos Estados Unidos em favor da Iugoslávia. ★ Terremoto no Peru, na cidade de Piura, provocando pânico e derrubando várias casas. ★ Encerra-se em Araxá, Minas Gerais, o Congresso Médico do Brasil Central. ★ Os governos da Argentina e dos Estados Unidos procuram estudar a melhoria do comércio entre os dois países. ★ Ameaça a Argentina retirar-se do Conselho de Segurança. ★ São executados pelas fôrças holandesas nove nacionalistas indonésios, o que provocou protesto junto à O N U.. ★ Discursos na Câmara Municipal a respeito da inobservância da lei pela "Light" do Rio. ★ Acusações contra a Estrada de Ferro Central do Brasil por parte do deputado Jurandir Pires Ferreira. ★ Será submetida ao Tribunal de Contas a contabilidade do SESI e do SESC, segundo um projeto aprovado na Câmara Federal. ★ E' prorrogada na Câmara Federal a Lei do Inquilinato por mais um ano. ★ E' recebido triunfalmente em Madrid o rei Abdullah, da Jordânia. ★ Completa o premier francês Queuille um ano de govêrno. ★ Aviões inglêses atacam e destroem um forte de Iemen. ★ Comenta-se que a Argentina está disposta a acabar com o padrão ouro. ★ Dirigentes sindicais criticam o govêrno trabalhista inglês. ★ Planeja a Rússia um govêrno comunista para a Alemanha Oriental. ★ E' organizado no Chile o Comitê Nacional Pró-Paz, composto dos mais ilustres nomes da sociedade daquele país. ★ E' enorme a produção de milho nos Estados Unidos. ★ Aprova o Comitê Especial do Senado norte-americano o orçamento de 75 milhões de dólares para armar os países anti-comunistas do Extremo Oriente. ★ Melhora o Brasil quanto aos atrasados comerciais junto aos Estados Unidos. ★ Discursando no Congresso Pró-Paz do México o deputado comunista Pedro Pomar ataca o regime político do Brasil. ★ Grande êxodo dos trabalhadores rurais do Ceará para São Paulo. ★ Graves irregularidades nas contas da E. F. Noroeste do Brasil. ★ Destinam-se ao Brasil milhares de emigrantes italianos. ★ Descobre-se vultosa fraude no fornecimento do café para o Rio. ★ Volta a falar-se na criação do Ministério da Saúde no Brasil. ★ Chega a Fortaleza, no Ceará, o iate "Itália". ★ Nove poderosos exércitos comunistas marcham para atacar Cantão, na China. ★ E' deposto o Presidente do Praguai. ★ Viaja o Presidente da República para o Espírito Santo, a fim de visitar o Vale do Rio Doce. ★ Festeja a Rússia o "Dia do Tanque". ★ Greve dos marítimos italianos.


# Os Sofrimentos das Mulheres



Os médicos sabem as graves consequências que podem ter certos sofrimentos das mulheres, causados pelas congestões e inflamações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Êsses sofrimentos as vezes são tão penosos que muitas mulheres receiam perder o domínio de seus nervos!

A vida assim é um martírio!

Para tratar as congestões e as inflamações útero-ovarianas, use *Regulador* **Gesteira** sem demora.

*Regulador* **Gesteira** trata os padecimentos nervosos produzidos pelos sofrimentos do útero, pêso no ventre, dôres, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelo mau funcionamento do útero, fraqueza geral e desânimo, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, pêso, calor e dôres de cabeça, enjôos, dôres nas cadeiras, falta de disposição para fazer qualquer trabalho, cansaços e outras sérias alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

*Regulador* **Gesteira** trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar *Regulador* **Gesteira**


## CONTOS PARA A "REVISTA"

**"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERARIAS DOS SEUS LEITORES**

1 — Só serão aceitos contos escritos em tôrno de temas brasileiros, sôbre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariàvelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação não dá informações pelo telefone ou por escrito sôbre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, êste será utilizado apenas para efeito de pagamento. E' desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: Conto para a "REVISTA DA SEMANA".

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interêsse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literàriamente anedotas [illegible] conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.





Então use "AMARALINA", tônico capilar. Trata-se da famosa descoberta do sr. Alfredo Nery de Almeida, de Salvador, Bahia, da qual a imprensa, em tempo, se ocupou largamente e que acaba de ser industrializada.




Antes de usar "AMARALINA", leia a bula com atenção. No varejo Cr$ 35,00. Pelo reembolso postal Cr$ 45,00. Distribuidores: M. M. Burle & Cia. Ltda. — Avenida Rio Branco, 137 — Sala 616. — "AMARALINA" é encontrada nas Farmácias e Drogarias, Perfumarias, et.

# SÔRO DA JUVENTUDE

— Sua pequena tem idéias antiquadas! Não será das tais rejuvenescidas?!
— Não faz mal. Eu também sou. Já fiz 93 anos, rapaz...

— E' seu caçula, madame?!
— Êsse é Bonifácio, o meu marido! O imbecil tomou a dose do sôro da juventude errada!...

— E' o senhor que vai aplicar o sôro da juventude na minha sogra?! Responsabilizo-o pelo sucesso do tratamento!

— Sou a nova ama sêca, mas não aceito êsses tais garotos rejuvenescidos! São muito assanhados!...

Theo

A fila...



Aspecto parcial do quarto de Maria Antonieta, recentemente restaurado, em Versailles

# UMA RESTAURAÇÃO EM VERSAILLES

## O QUARTO DA RAINHA

TEXTO DE **ALBERTO MOUSSET**
FOTOS **S.F.I.**
(Especial para a **REVISTA DA SEMANA**)

ESTAVA preparada uma surprêsa aos turistas que afluem êste ano a Versailles, numerosos como nunca, a restauração do Quarto da Rainha no estado em que se encontrava em outubro de 1789, quando o povo invadiu o Palácio.

Mais precisamente Quarto das Rainhas, e não Quarto da Rainha, pois que foi habitado por três soberanas: Maria Teresa, Maria Leczinska e Maria Antonieta. E nele merreram as duas primeiras. Nesse quarto também vieram ao mundo dezesseis príncipes ou princesas, desde o neto de Luís XIV, Filipe de Anjou, que foi rei de Espanha, até ao delfim, enigmático prisioneiro do Templo. E', de resto, a peça histórica onde a antiga Monarquia deixou mais vocações matrimoniais.

A decoração variou conforme o gôsto e os hábitos das rainhas ou delfins que o ocuparam. Nos tempos de Maria Teresa, participa da mania do reinado pelo simbolismo mitológico: o pintor Gerbert de Sêve leva ao teto figuras do Sol, das Horas e das Quatro estações e Partes do Mundo. Nesse quadro alegórico, e a delfina Maria Ana de Baviera isola-se dos fastos da côrte para se entregar a suas ocupações favoritas: a leitura, a música e a devoção. A Duquesa de Borgonha, Maria Adelaide de Sabóia, com suas maneiras de menina mimada, rompe com êsses costumes austeros e dá aos aposentos reais a animação de sua despreocupada alegria, "sua ligeireza de ninfa, diz-nos um contemporâneo, levava-a a tôda a parte como um turbilhão que enchia vários lugares ao mesmo tempo, dando-lhes movimento e vida".

Quando a piedosa Maria Leczinska, espôsa de Luís XV, ali se instala, manda tirar as alegorias obsoletas que ornam o quarto e renova inteiramente a sua decoração. Boucher substitui os mitos solares por pinturas cinzentas e escuras, onde estão representadas a Caridade, a Fidelidade, a Prudência e a Abundância. Por cima das portas Natoire e Detroy pintam os retratos de seus filhos — entre os quais o Pequeno Delfim — que se deixa guiar, do modo mais natural, pela Glória, pela Juventude e pela Virtude.

Uma maravilhosa decoração em talha, onde as ramagens de palmas se enlaçam com grinaldas de flores, forma o quadro dessas pinturas, dir-se-ia não de madeira mas de bronze ou ouro cinzelado, dada a fineza dos modelos e a precisão os desenhos. E' um dos monumentos mais delicados da arte de Luís XV, onde nenhuma afetação sutiliza uma graça tão espiritual como engenhosa. Os painéis são recobertos de sedas com ramos atados em fitas que, ligadas umas às outras, dão às paredes uma harmoniosa impressão de unidade.

Êsses painéis tinham-se perdido quando da revolução. O conservador do castelo, sr. Mauricheau Beaupré, identificou o desenho e teve a sorte de encontrar em Lyon os cartões originais que se tinha guardado sem conhecer o seu destino. A Federação das Sedas de Lyon teve, assim a oportunidade de oferecer a Versailles um trabalho de uma exatidão perfeita, executando os painéis, que voltaram a seu lugar. E o magnífico tapete que cobria o solo do quarto, cuja sorte igualmente se ignorava, foi encontrado pela princesa Troubetzkoi e dado por esta à administração das Belas Artes.

(Cont. na pág. 52)



Quadro a óleo, de Maria Antonieta, existente em Versailles



Outro aspecto do quarto de Maria Antonieta, após a restauração

# Viver com AMOR

ROMANCE DE MARGARET G. NICHOLS

*(Conclusão do capítulo XII)*

Scott foi vestir-se, a fim de acompanhar Browne e Lillian à reunião para a qual também convidara Carol. O quarto de Scott em casa de sua irmã Hilda, era modesto e mobilado sem exibições de prosperidade. Êle residia ali já fazia uns treze anos.

Metido em seu "dinner jacket" branco, mirou-se ao espêlho de formato antigo e começou a passar a escôva nos cabelos negros para dar à cabeleira mais beleza e mais lustro. O tempo passava, mas Scott parecia um tanto absorto, demorando-se nas coisas mais fáceis de fazer. Aliás, êsse seu hábito de demorar em tais ocasiões já era muito conhecido dos seus amigos; sempre que desejavam que êle chegasse a determinada hora, marcavam o encontro meia hora antes da exatamente necessária.

Dentre as coisas do quarto via-se também uma fotografia de uma jovem loura a sorrir, mas com um rosto denotando pessoa que tem algo de triste no coração. O quarto de Scott poderia confundir-se com o aposento para hóspedes de qualquer dêsses pequenos e pobres hotéis do interior, ou de quartos de pensão. Apenas uma cama barata. Uma mesinha que servia de secretária, uma cadeira já muito usada. Enfim, um pobre e sombrio quarto sem personalidade e sem nenhum confôrto.

Scott não ligava muito àquele quarto; apenas, algumas vêzes olhava para a fotografia que enfeitava a mesa. Já havia quatro anos que êle vira Suzanne. Quatro anos depois que êle se graduara numa Universidade do Oeste e que Suzanne se casara com um outro e êle, Scott, voltara a residir novamente em Clinton trazendo como recordação dela sua fotografia, restos de um amor desfeito, o único amor que já alimentara em sua vida. Scott nunca revelou a ninguém o episódio, pois sempre se embaraçava quando tinha que falar de seus sentimentos íntimos.

Já numa idade que nada mais tem daquele caráter de infância, Scott procurou uma direção mais firme para sua vida. Mais vacilante do que observador, reconheceu êle que era um pouco egoísta na escolha de suas amizades, procurando sempre ficar ao lado do que lhe parecia de mais uitilidade para si mesmo. O resultado disso é que tôdas as pessoas que com êle cresceram, não nutriam amizades e os seus progressos sociais e em negócios não possuiam a intensidade necessária a um triunfo na vida.

Os hábitos e aparência pouco recomendáveis de Scott, sua falta de tato social, despertaram no espírito de Freda, íntima amiga de Carol, o desejo de advertir a divorciada contra as visíveis pretensões de Scott.

Ian, espôso de Freda, e o próprio Bill, de quem Carol se divorciara, tinham as mesmas impressões de Freda a respeito de Scott. Êste jamais pagara sua parte nas despesas que fazia um daqueles amigos como era de praxe em tais reuniões e festas de clube.

Não obstante, Scott comparecia sempre às reuniões sociais. Era excelente bailarino e as jovens gostavam de dançar com êle. Jovem, de ótima aparência, possuidor de certa cultura, tornava-se uma pessoa apreciável em tais festas.

O programa de Scott, entretanto, estava incompleto depois do caso de Suzanne, pois que êle desejava possuir uma espôsa que o integrasse na vida social e o ajudasse como companheira fiel e trabalhadora.

Durante a união de Carol e Bill, Scott se tornara uma pessoa íntima e frequentava a casa deles com a maior liberdade. Chegava a sentir inveja dos dois, apesar de muito admirá-los.

O problema do seu casamento era, porém, assunto que persistia em seu espírito. Êle desejava encontrar uma jovem que não lhe trouxesse maiores obstáculos na vida. Fàcilmente poderia encontrar na sociedade de Clinton uma que aceitasse unir-se a êle pelos laços do matrimônio; mas, cauteloso e até medroso como era não se animava a promover êsse passo sem estar certo de que sua amada lhe traria meios para a vida tornar-se feliz e não um pesadelo. Por êsse motivo êle foi alijando de seu caderno amoroso os nomes de prováveis candidatas.

Mas a bela divorciada Carol Sturtevant lhe havia ferido o coração como nenhuma outra desde que Suzanne casara com outro e o deixara desolado.

As recordações de Suzanne foram desaparecendo como a fumaça de um cigarro e Scott passou a alimentar no fundo do coração a idéia de desposar Carol. Intimamente chegava a pensar:

— Quando casar-me com ela...

Mas que idéia! E lhe vinha ao pensamento a imagem de Carol, muito elegante e bela, fascinante e desejada, com a sua personalidade jamais comprometida. Via-a em seus braços a dançar no clube, a conversar com ela à mesa, ao seu lado no automóvel, conduzindo-a para o apartamento...

Quando ela estava casada com Bill, êle, Scott não experimentara nenhum desejo amoroso. Mas agora, Carol não pertencia a homem nenhum. Era uma mulher com absoluta liberdade. Hilda estava atordoada acêrca da divorciada. Não se julgava a irmã mais velha de Scott inferior a ela, pois que Carol também tinha origens humildes. Mas Hilda sempre que via Carol no centro da cidade, cumprimentava-a e lhe falava, conversando as duas por instantes. Ao chegar à sua casa, exclamava:

— Deus! Como está bonita Carol!

Todos os amigos de Scott também tinham a mesma impressão acêrca do fascínio, do encantamento da divorciada.

Mas só uma sombra vinha perturbar o plano de Scott. Não se tratava dos sentimentos de amor que ela ainda continuasse a sentir para com o seu ex-espôso, Bill. O caso era quanto a dinheiro, aos recursos de Carol. Quanto possuia ela? Teria Bill doado boa fortuna à divorciada? Na afirmativa, de quanto? Poderia ela dispor de tais recursos como lhe aprouvesse? Ou recebia ela apenas a renda do divórcio, a qual desapareceria se ela viesse a casar-se novamente? Mas, como poderia êle saber de tudo isso direitinho? E' claro que êle não poderia perguntar tal coisa a ela ou a Bill; nem mesmo ao advogado deles. Além disso Carol nunca falara em dinheiro em suas conversas com Scott.

Não desejava Scott comprometer-se com histórias de casamento com Carol sem ter primeiro a certeza do bom estado financeiro dela. Firme e sólido. Caso não houvsse isso, êle deixaria de lado qualquer pretensão. Com aperturas bastava sua vida e a dos seus. O que êle ganhava não era atraente, e, se Carol não estivesse em condições financeiras para melhorar sua existência, êle só pensaria nisso caso ela se acostumasse a viver pobremente como êle e sua família. Mas isso lhe parecia impossível.

Quanto a Bill, Scott achava que êle estava muito feliz com a nova espôsa Evelyn e se recordava com prazer da noite em que jantou com êles. Mas nada conversaram sôbre divórcios...

*Capítulo XIII*

O INIMIGO DE CAROL

A irmã de Scott, Hilda, fôra ao cinema, único meio de diversão de que dispunha. Ao deixar o apartamento, Scott começou a meditar em sua situação de pretendente ao lugar de segundo espôso de Carol e não o de um seu simples amigo, leal e sincero.

Começou então a lutar entre estas duas hipóteses: começar o seu jôgo franco de pretendente, de forma que tudo ficasse resolvido quando êle soubesse algo sôbre os recursos da divorciada, ou então manter-se discreto, sem nada demonstrar acêrca de suas intenções, só descobrindo as baterias quando estivesse de posse de tôdas as informações.

Entrando em seu carro, êle ligou o rádio e começou a solfejar baixinho uma canção popular. Scott sentia-se bem. Na reunião daquela noite êle estaria ao lado de Carol, teria boa comida, bons "drinks", ótima música... Sentia-se também feliz e seguro quanto a questões de sorteio militar, pois apresentava sua irmã Hilda como pessoa que dependia dele. Isto, porém, sucedia antes de os Estados Unidos entrarem na guerra. Todos os demais rapazes que atingiam a idade de vinte e um anos estavam sujeitos ao serviço militar, fazendo longas caminhadas em exercícios, marchando milhas e milhas, no caso de não terem, como Scott, pessoas dependentes como no caso de Hilda. Horrível!

Ia assim pensando quando chegou diante do edifício de apartamentos em que morava Carol. Subiu e, com o coração a bater com fôrça, imprimiu com o dedo o botão da campainha.

Um momento depois apareceu ela muito linda, trajando belo vestido branco.

— Chi! Como está linda! Dá até vontade de devorá-la!

E riu largamente.

— Espero que não esteja assim com tanta fome — pilheriou Carol.

Para Scott, sua presença ali no "living" do apartamento de Carol lhe dava a impressão de que estava num outro mundo.

O rapaz se sentia como que elevado, gozando de inefável bem estar, longe das pequenezas do mundo, da trivialidade de Hilda, de tôdas as mesquinhezas sociais. Carol lhe dava uma sensação de felicidade e o seu apartamento era como um céu, onde pontificava aquêle anjo de beleza indescritível. Scott sonhava. Ali estava a mulher que êle desejava. Ali estava o lugar com que sonhava. Era ali que êle desejava viver. Ali viveria um dia, se...

Mal acabava de pensar em tudo isso, quando ela apareceu tôda de branco. Por sua vez Carol não estava pensando em Scott, e sim em Bill. Sempre que alguém tocava a campainha ela esperava que fôsse seu ex-espôso. Sempre o espera... Olhando com atenção para Scott, ela lhe falou em tom pilhérico e a sorrir:

— Olá! Folgo muito em vê-lo bem disposto. Como vão as coisas?

— Vai tudo muito bem. Apenas vamos chegar atrasados uma meia hora.

Gentilmente ajudou-a a vestir o casacão azul claro. E lhe perguntou:

— Gosta de chegar tarde? Êsse vestido seu vai abafar. De que é feito? Que fazenda é esta?

— Jersey de seda.

— Não é imitação? Disse-me Hilda um dêsses dias que você não conhecia artigos de qualidade inferior.

— Hilda? Oh! Como vai ela?

Pobre Hilda! Bem que a conhecia Carol, com aquela cara de desiludida e aquêles vestidinhos baratos.

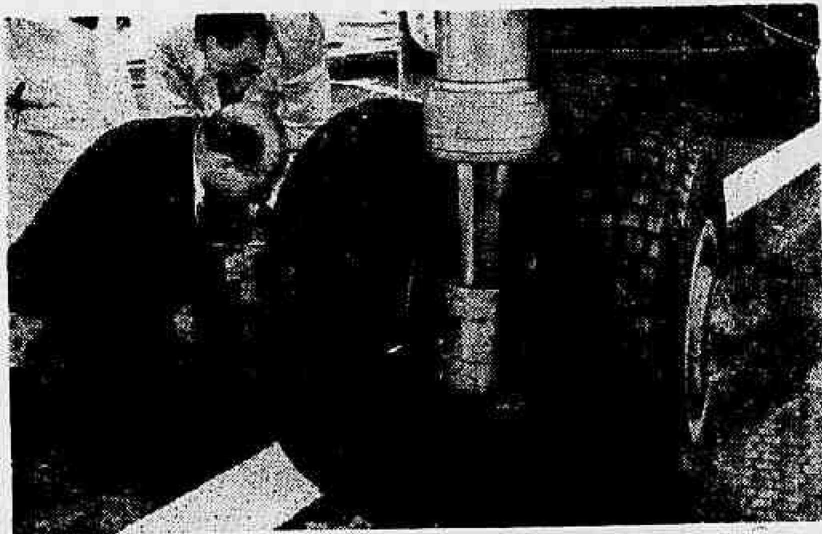
— Vai muito bem.

(Cont. na pág. 50)

**RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA**

Carol Sturtevant, jovem divorciada, empreende uma viagem de turismo para esquecer o passado. Faz a bordo várias amizades e, já de volta, no pôrto de Havana, entra no círculo de suas relações o engenheiro Clive Holdridge, que a convida para jantar, dançar, irem juntos ao cinema. Ela, porém, aceita apenas o jantar e os aperitivos no bar. Depois de ter chegado a Nova York é convidada por Clive para jantar em sua companhia e se declara apaixonado por ela. Depois de sua excursão, volta Carol à cidadezinha de Clinton, sendo recebida entre abraços por sua amiga Freda, que lhe arranja apartamento. Carol deseja muito conhecer Evelyn, a nova espôsa de seu ex-marido, Bill, e sabe que ela está hospedada com êle no Hotel Beaumont. Em Clinton, Carol é cercada de tôdas as considerações por parte de sua amiga Freda, espôsa de Ian Kelly. Tendo sido convidada para jantar numa roda de amigos no clube, Carol tinha apenas receio de que Bill e Evelyn tivessem naquela noite o mesmo pensamento e os três se fôssem encontrar naquele meio social. Tendo comparecido em companhia de seus amigos à reunião do Clube, Carol se sentiu profundamente perturbada com a presença ali de Bill e da espôsa dêste, Evelyn. Procurando resumir sua visita àquele meio, pediu para retirar-se, sendo acompanhada até ao seu apartamento por Scott, de quem se despediu à porta, pedindo-lhe desculpas por lhe não ser conveniente convidá-lo para subir. Já não bastando a Carol os cortejos de Scott, um dia chega à estação ferroviária da cidade o impertinente Clive, que lhe telefona pedindo um encontro na própria estação. Carol comparece e fica surpreendida quando o seu ex-companheiro de turismo lhe propõe uma união extra-legal. As confidências que Carol fazia junto à sua amiga Freda cada vez mais provavam que esta parecia pender para os lados de Clive procurando influenciar no espírito de Carol um esquecimento a respeito das pretensões de Scott.

NOTA — Por motivo de fôrça maior deixamos de publicar neste número a habitual ilustração dêste romance.


Após a aterragem os peritos examinam tôdas as peças do avião, encontrando-as absolutamente perfeitas

APESAR de ver-se a braços com a mais séria e profunda crise econômico-financeira, a Inglaterra não se descuida dos seus mais urgentes problemas de desenvolvimento nacional, sob o govêrno socialista. Uma de suas maiores preocupações é a de criar e manter uma aviação civil poderosa e eficiente, unindo as nações da área da libra esterlina à mãe-pátria, e levando aos mais distantes povos do mundo a bandeira inglêsa inscrita nas asas de seus aviões comerciais

Depois de grandes trabalhos, cálculos e ingentes esforços materiais, conseguiu a Inglaterra concluir a fabricação do maior avião do mundo, o "Bristol Brabazon", de proporções espantosas.

Êsse enorme avião custou a considerável soma de doze milhões de libras esterlinas, que, ao câmbio de 80 cruzeiros, dão o total em nossa moeda de 960 milhões!

As estatísticas chegaram à conclusão de que para que a nação pudesse fabricá-lo, cada pessoa da Inglaterra, homens, mulheres e crianças, contribuiram, simbolicamente, com a cota de cinco xilins.

Sua tripulação, composta de dez homens liderados pelo pilôto de provas Bill Pegg, conduziu o colossal avião no primeiro vôo de experiência realizado no aeroporto de Filton no dia 3 de setembro, perto de Bristol.

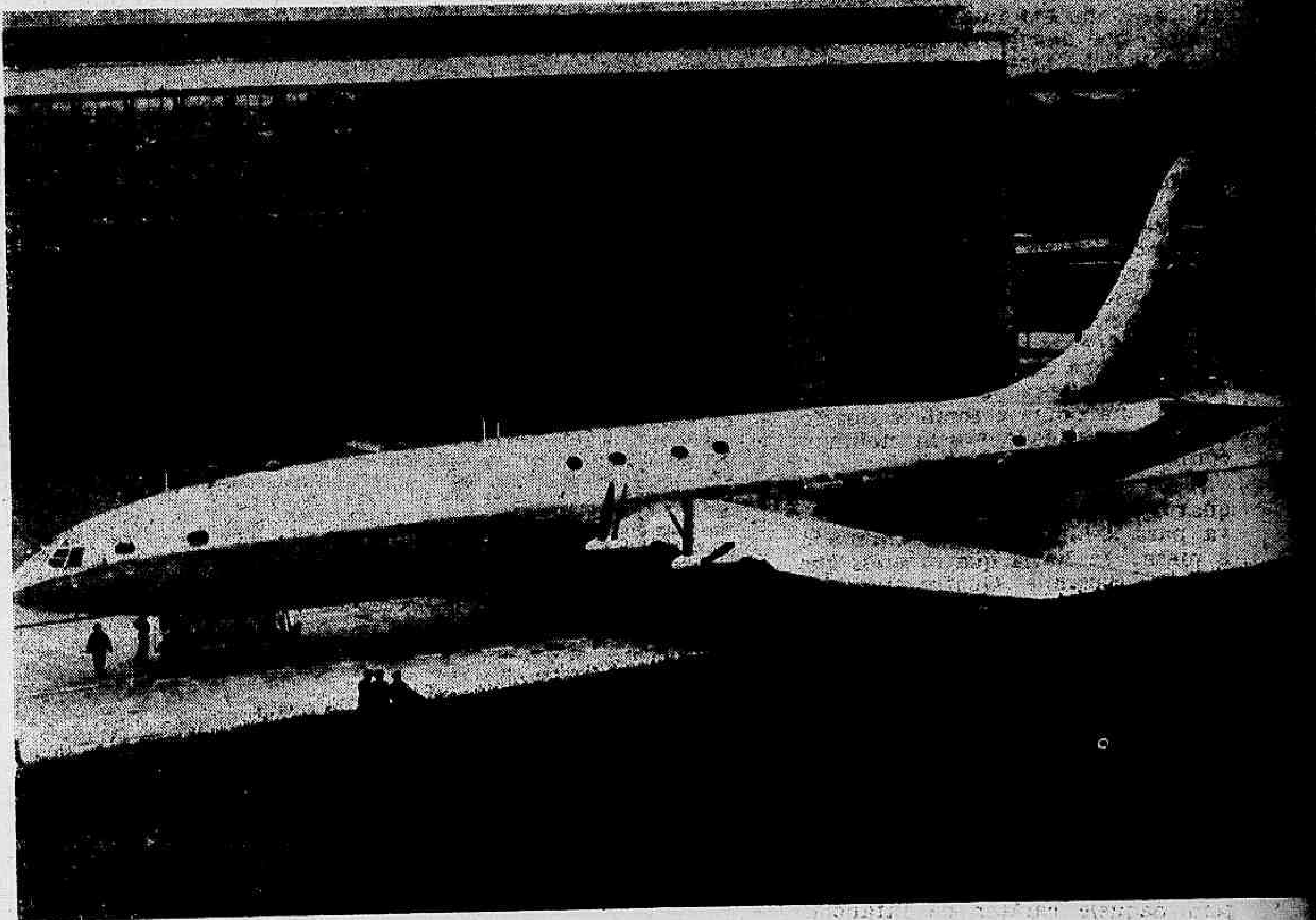
O grande aparêlho pesa cento e trinta toneladas e a experiência aprovou plenamente, conforme todos os registros de bordo e observaçes dos técnicos que iam em seu bojo.

Eram muito boas as condições do tempo e, antes de alçar o seu vôo triunfal sob os céus de Gloucester, o gigantesco avião foi submetido a cuidadosa revisão de sua complicada aparelhagem bem como correu uma milha e meia na pista de Filton, a fim de que os seus dirigentes pudessem estar perfeitamente seguros do êxito dessa apresentação.

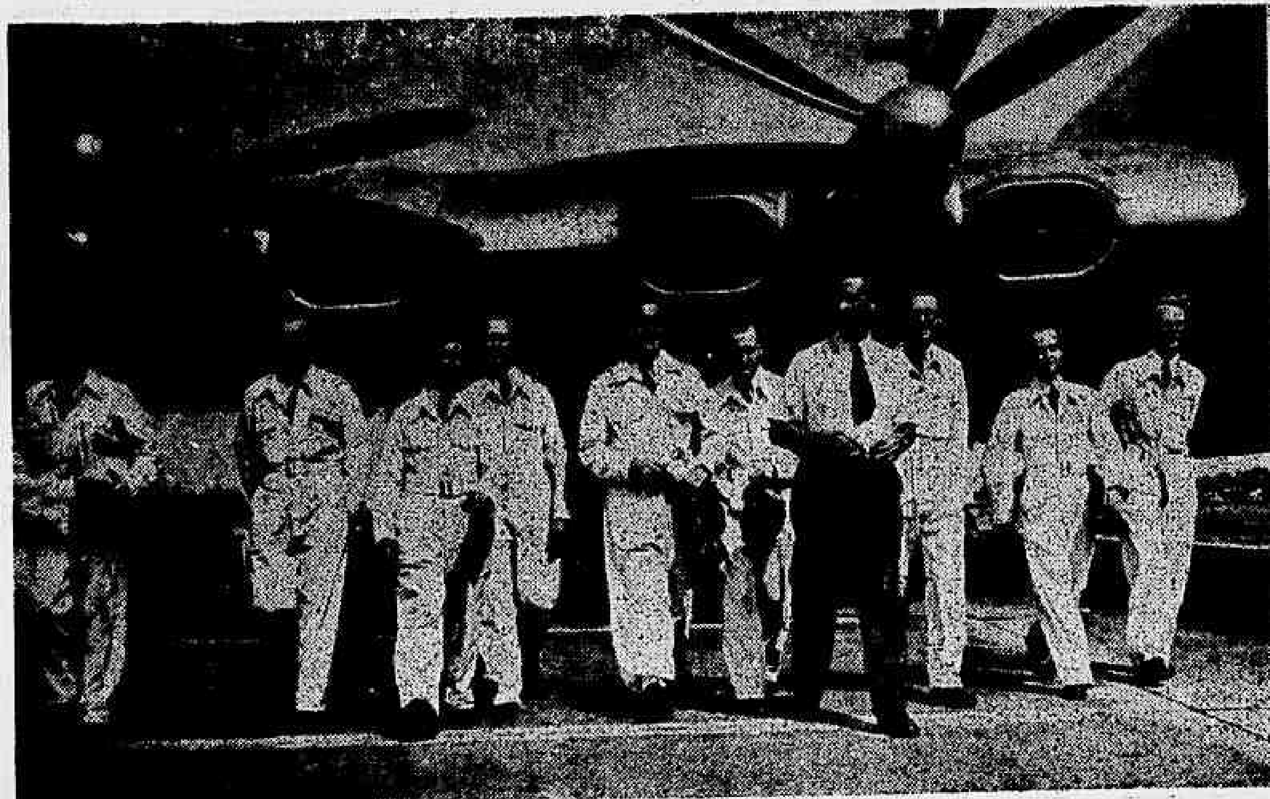
Constituiu, pois, o vôo número um dêsse grande avião que é também o número um dos aparelhos voadores a serviço da paz e das relações entre os povos, um dos mais memoráveis acontecimentos da vida aeronáutica da época atual.

A Inglaterra, saída de uma tremenda conflagração que a empobreceu e lhe exigiu tantos sacrifícios, vai retomando, pouco a pouco sua posição de grande potência e de uma das mais adiantadas nações do mundo, realizando trabalhos de tão grande vulto, verdadeiros sonhos impossíveis de serem efetuados, mesmo para govêrnos ricos e dispondo de recursos vastos.


Composição fotográfica apresentando o "Bristol Brabaxon" em pleno vôo experimental em Filton


O maior orgulho da aeronáutica civil da Inglaterra antes de submeter-se ao "test" de vôo a 3 do corrente

# PELAS ESTRADAS DO CÉU


O pilôto "test" Bill Pegg lidera os seus companheiros de tripulação e demonstra a excelência do aparêlho


Antes de iniciar sua próxima viagem, o gigantesco avião de passageiros é bem tratado no hangar

# VIDA Literaria

## NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

Como valiosa contribuição para o estudo da formação e desenvolvimento da Emprêsa Great Western, se apresenta a obra de Estevão Pinto, "História de uma Estrada de Ferro do Nordeste".

★

Lançado pela revista "Bando" de Natal, apareceu "Superstições de São João", de Veríssimo de Melo.

★

"São Lourenço, o Mártir" é o título do livro de Sinésio Fagundes.

★

Inspirada na vida e na obra de Paula Eiró, veio a lume o livro de Luiz Ferreira Pinto, "A Musa de um Poeta".

★

O Serviço de Documentação do Ministério da Educação enfeixou em um volume, intitulado "Visitando Escolas", numerosas reportagens de Yvonne Jean.

★

"Um poeta singular", a vida e a obra de B. Lopes, por Renato de Lacerda.

★

Jorge Medanar publicou novo livro intitulado "Morada de Paz".

★

Um novo livro de poesias: "Chuva de Estrêlas" de Kleber Cruz.

★

Em Belo Horizonte Abel Falero publicou "Sonhos da Mocidade".

★

Com prefácio de Ademar Vidal, apareceu "Herman Lundgren" (Pioneiro do progresso industrial do Nordeste), livro de Raul de Góis.

★

"Eça de Queiroz", por Marques da Cruz; ensaio classificado em primeiro lugar no concurso promovido pelo Liceu Literário Português, Gabinete Português de Leitura e Casa dos Poveiros, por ocasião do centenário de Eça de Queiroz.

★

Com introdução, variantes, notas e glosário de Aurélio Buarque de Holanda, com prefácio de Augusto Meyer, e prefácio de Carlos Reverbel, apareceu "Contos Gauchescos e Lendas do Sul", de J. Simões Lopes Neto.

★

Érico Veríssimo já entregou ao editor os originais do primeiro volume do seu novo romance "O tempo e o vento".

★

Leonel Valandro está traduzindo para a Editora Globo o romance "Catalina", de W. Somerset Maugham.

★

"De Joelhos" é o título do novo livro de Mário Barreto França.

★

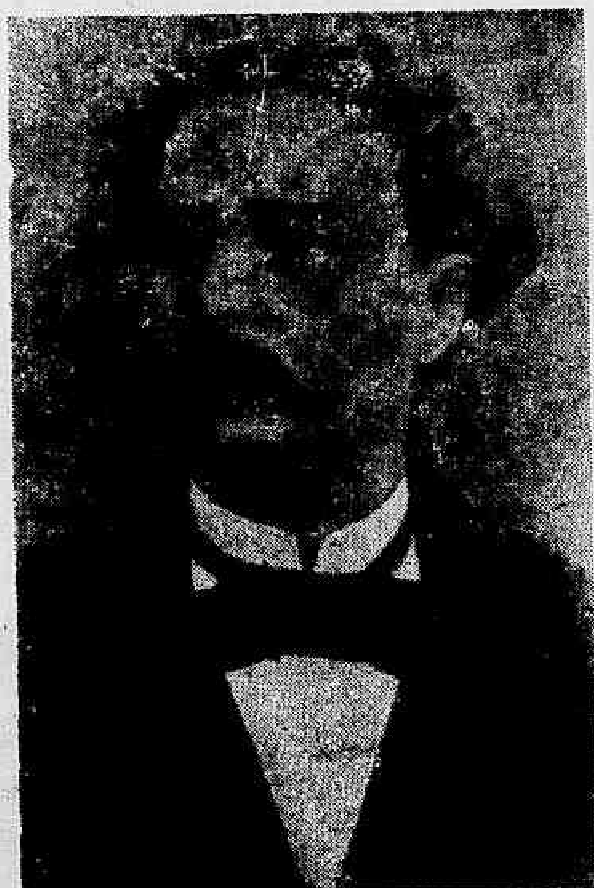
A Pongetti lançou, recentemente, o livro "Três tempos de Poesia", de autoria de Jorge Rodrigues Coutinho.



Emile Zola

E. CATETE REIS

## PROFANAÇÃO



Visconde de Taunay, autor de "Inocência"

"Inocência", a imortal obra do Visconde de Taunay, foi aproveitada pela Brasil Vita Filmes como argumento de sua última produção, lançada há alguns dias.

E, ao deixarmos a sala de projeção, perguntávamo-nos: o cinema nacional investindo, tão desabusadamente, contra uma obra clássica da literatura brasileira, dispor-se-á a prestigiá-la e divulgá-la ou pretenderá, apenas, acobertando-se com a glória do escritor patrício e valendo-se da acolhida generosa que "Inocência" sempre teve não apenas no país como também no estrangeiro, eximir-se dos rigorismos da crítica e do clamor das platéias?

De qualquer forma, porém, seja qual for a razão que motivou a escolha do brilhante argumento, quer como homenagem ao imortal romance, quer como defesa contra a crítica e o público, a exibição de "Inocência" é um desastroso espetáculo. Não conseguiu o cinema nacional, estribado no grande tema, engrandecer e valorizar a obra, nem sequer, abrigado à sombra amiga da glória do autor de "Retirada da Laguna", pensamos, estará a versão cinematográfica livre do anátema da crítica.

Falecem-nos atribuições para examinar, aqui, do ponto de vista técnico, a película, estrelada por Maria Della Costa e Cláudio Nonelli. Não nos atreveremos a apontar as longas cenas com absoluta falta de sincronismo, em que a platéia se diverte, à grande, a ouvir a artista falar de bôca fechada e, a seguir, movimentar os lábios sem articular palavra; não relembraremos a cena em que Inocência, por um defeito de gravação, num dos momentos culminantes do filme, se dirige ao dr. Cirino, em voz roufenha e ininteligível; não indigitaremos, como uma das causas hilariantes da película, os diálogos, tomados na íntegra do original do grande escritor, quando, passados por um processos de adaptação, sem prejudicar o enrêdo, atualizariam a obra; não criticaremos a fotografia, os cenários, a distribuição e representação dos papéis; lamentaremos apenas a triste "delivrance" cinematográfica de uma das obras primas de nossa literatura.

O cinema em vez de prestigiar o romance veio expô-lo a ridículo.

Quando poderia tornar o autor conhecido e amado pelos que nunca o leram e admiraram, virá, na certa, concorrer para que dele se faça uma idéia triste como a que se tem dêsses que se dispuseram a transportar para a tela o seu imorredouro "Inocência".

Uma vez que a censura cinematográfica, alicerçada em um patriotismo piegas, se dispõe a fazer vista grossa a essas aberrações, faz-se mister se ergam não apenas os intelectuais mas o público em geral, gargalhando ante a inépcia e pretensão das nossas emprêsas cinematográficas, deixando às moscas as nossas grandes casas de diversão que exibam películas nas quais, desonestamente, como no caso de "Inocência", se explora a glória de Taunay e uma das mais incontestes afirmações do romance brasileiro.

Ponha-se, enfim, côbro a êsses abusos. Patenteemos, desassombradamente, nosso desagrado e repúdio contra essa profanação e ultraje.

## NOTAS VÁRIAS

### INTERCAMBIO CULTURAL

Esteve nesta capital o professor Mauro Lopes, da Escola de Sociologia e Política de São Paulo, o qual, iniciando o intercâmbio da mesma com o instituto Rio Branco, na sede dêste realizou, seminários sôbre a União Soviética. O professor Mauro Lopes chegou, há pouco, da Universidade de Yale.

De outro lado, foi a São Paulo o diplomata Henrique Rodrigues Vale, que ali realizou, na Escola de Sociologia a Política de São Paulo três aulas sôbre Nações Unidas-San Francisco, Nações Unidas-Londres e Nações Unidas-Lake Sucess.

### EUCLIDES DA CUNHA NOS EE. UU.

Em comemoração ao 40.º aniversário da morte de Euclides da Cunha, a Biblioteca do Congresso de Washington organizou uma exposição sôbre a obra literária do grande escritor brasileiro.

O autor de "Contrastes e Confrontos" só há pouco se tornou conhecido do público norte-americano, com a tradução que Samuel Putman fêz de "Os Sertões", e que a Universidade de Chicago tem imprimido em várias edições.

### O BATISMO DE DANTE

Foi descoberta, sob uma lage do batistério de São João de Florença, onde se realizavam pesquisas sob a direção do Departamento de Belas Artes, a pia batismal em que Dante foi batizado.

Nessa pia as crianças eram batizadas duas vêzes por ano; às vésperas da Páscoa e às vésperas do Pentecoste.

Dante faz referências a essa pia na "Divina Comédia" a propósito do seu batismo.

### BI-CENTENÁRIO DE GOETHE

Entre as comemorações levadas a efeito na Alemanha pelo bi-centenário de Goethe, destacou-se a da distribuição da "Medalha" que leva o nome imortal do grande poeta. Concorreram a essa distribuição literária autores de quase todos os países.

A municipalidade de Francfort concedeu oito medalhas, tendo sido distinguido, entre outros, André Gide e Artega y Garret.

— O prêmio Goethe, de 1949, foi conferido ao romancista alemão Thomas Mann, que se encontra nos Estados Unidos desde o início da Segunda Guerra e que só agora esteve em sua pátria, a fim de assistir às festividades do bi-centenário do autor de "Werther".

— Entre os cientistas, músicos e escritores, que mereceram o Prêmio Nacional, figura Adolf Heenenecke, o maior produtor de carvão da Alemanha Oriental, que conquistou seu prêmio por ser o iniciador do "movimento ativista" nas minas.

### NA ACADEMIA MARANHENSE

No teatro Artur Azevedo, em São Luiz, o escritor Joaquim Luz tomou posse de sua cadeira na Academia Maranhense de Letras, para a qual fôra eleito recentemente.

### COCHILO DE P. DU TERRAIL

O criador de "Rocambole", Ponson du Terrail, em certa ocasião, demonstrou ter idéias muito próprias sôbre as mãos, escrevendo: "Com uma das mãos agarrou-o brutalmente pela garganta e com a outra escarrou-lhe no rosto".

### "DUAS" DE D'AURIVILLY

Certo dia, um diretor de jornal chamou a atenção de Barbey d'Aurivilly para uma frase que julgava incorreta. E apontou a incorreção.

— Mas isto tudo está certo, redarguiu Barbey.

— Porém, a gramática...

— Ora, a sua gramática! — respondeu o escritor irritado. — Guarde a sua gramática, pois eu escrevo pela minha!

★

Barbey e Zola travaram polêmicas que ficaram famosas. Uma vez, criticando "L'Assommoir", disse Barbey: "Zola penetrou nos estábulos de Aurias... para enriquecê-los".

Irritado Zola escreveu: "Quando o sr. D'Aurivilly contempla o espêlho do seu armário, pensa que está olhando o lago Seman".

A resposta de Barbey veio logo: "Quando o sr. Zola o lago de Leman pensa estar contemplando o espêlho do seu armário".



Euclides da Cunha

# Um nome que significa o máximo em pianos!

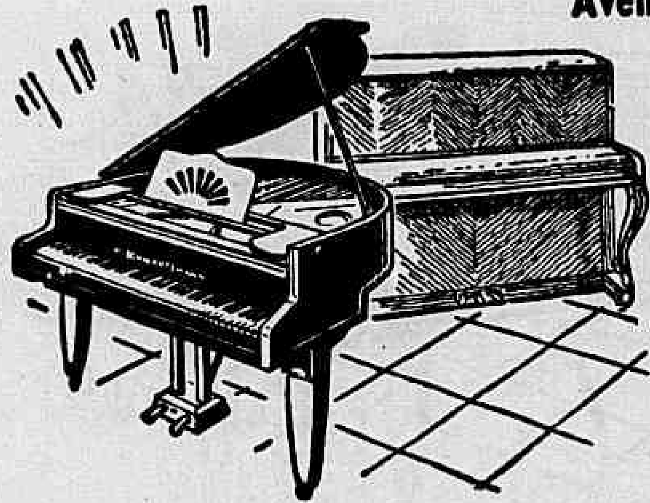



**SCHWARTZMANN,** o piano que reúne o máximo em Sonoridade, Beleza e Durabilidade, póde ser adquirido, tambem, com facilidades de pagamento. Visite suas lojas e exposições ou sua fábrica e conheça seus planos de venda, pessoalmente, ou por carta, enviando o cupão abaixo.

DUPLA REPETIÇÃO - CHAPA DE METAL
TECLADO COMPLETO (88 TECLAS)
TRÊS PEDAIS - CORDAS CRUZADAS




**Fábrica e Escritório central:**
**Avenida Agua Branca, 524 • Fone: 51-6981 • SÃO PAULO**



Pianos SCHWARTZMANN
Avenida Agua Branca, 524 — São Paulo
Peço enviar-me detalhes sobre seus planos de venda.

Nome: ..............................
Rua: ..............................
Cidade: ..............................
Estado: ..............................

*Ouça todos os domingos, a partir das 10 hs. da manhà, na Radio EXCELSIOR, S. Paulo, ou Radio GLOBO, Rio, o programa "Pequenos Virtuoses em Grandes Pianos", transmitido diretamente de nossas lojas.*

**Lojas e Exposições:**
**RIO:** Av. Rio Branco, 257-A
Fone: 32-7522
**S. PAULO:** Av. Ipiranga, 714 • Fone: 4-7478
R. Xav. Toledo, 272 • Fone: 4-1452

PUBLITEC



Impressionante tela "Por quê?", de Ado Malagoli, com a qual obteve o Prêmio de Viagem no País



"Retrato de Orígenes Lessa", quadro do pintor José de Morais. Prêmio de Viagem ao exterior

ARTES PLASTICAS

# O SALÃO DE 49

ANGELUS RAVEL

ACABAM de ser conferidos os prêmios de viagem ao estrangeiro e ao Brasil aos expositores que figuraram no 54.º Salão de Belas Artes dêste ano, ao qual compareceram cêrca de setecentas obras entre as seis espécies estabelecidas pelo Decreto 26.845, de 1.º de julho dêste ano, que aprova o Regulamento respectivo, a saber: Arquitetura, Escultura, Pintura, Gravura, Desenho e Artes Gráficas e Artes Aplicadas.

Os artistas distinguidos pelos prêmios de viagem foram: Rubem Fortes Bustamante de Sá, brasileiro, discípulo de Manuel Santiago, já laureado em Salões anteriores com Medalha de Prata e viagem no país. No Salão dêste ano recebeu êle Prêmio de Viagem ao estrangeiro, pelo seu "Composição", no qual se vê o escultor Carlos Gibson esculpindo um torso e, ao fundo um baixo relêvo com o "S. Francisco" de H. Cozzo.

Falando acêrca de seu trabalho, o artista explica que não se trata de uma pintura moderna exagerada, mas obra de técnica impressionista.

O artista patrício aproveitará o Prêmio de Viagem para visitar, no período de dois anos, a Itália e a França, em cujos meios culturais e artísticos observará a obra dos grandes mestres nos Museus, e, se possível, estudará com algum professor.

O outro pintor distinguido com o Prêmio de Viagem ao estrangeiro, foi o sr. José Morais, brasileiro, discípulo da Escola Nacional de Belas Artes e que, em outras oportunidades já conquistou Madalha de Prata e Prêmio de Viagem no Brasil.

O quadro dêsse grande artista patrício, que lhe deu o prêmio atual, foi o denominado "Retrato de Orígenes Lessa". Além dêsse, o artista apresentou ainda "Genny no Atelier".

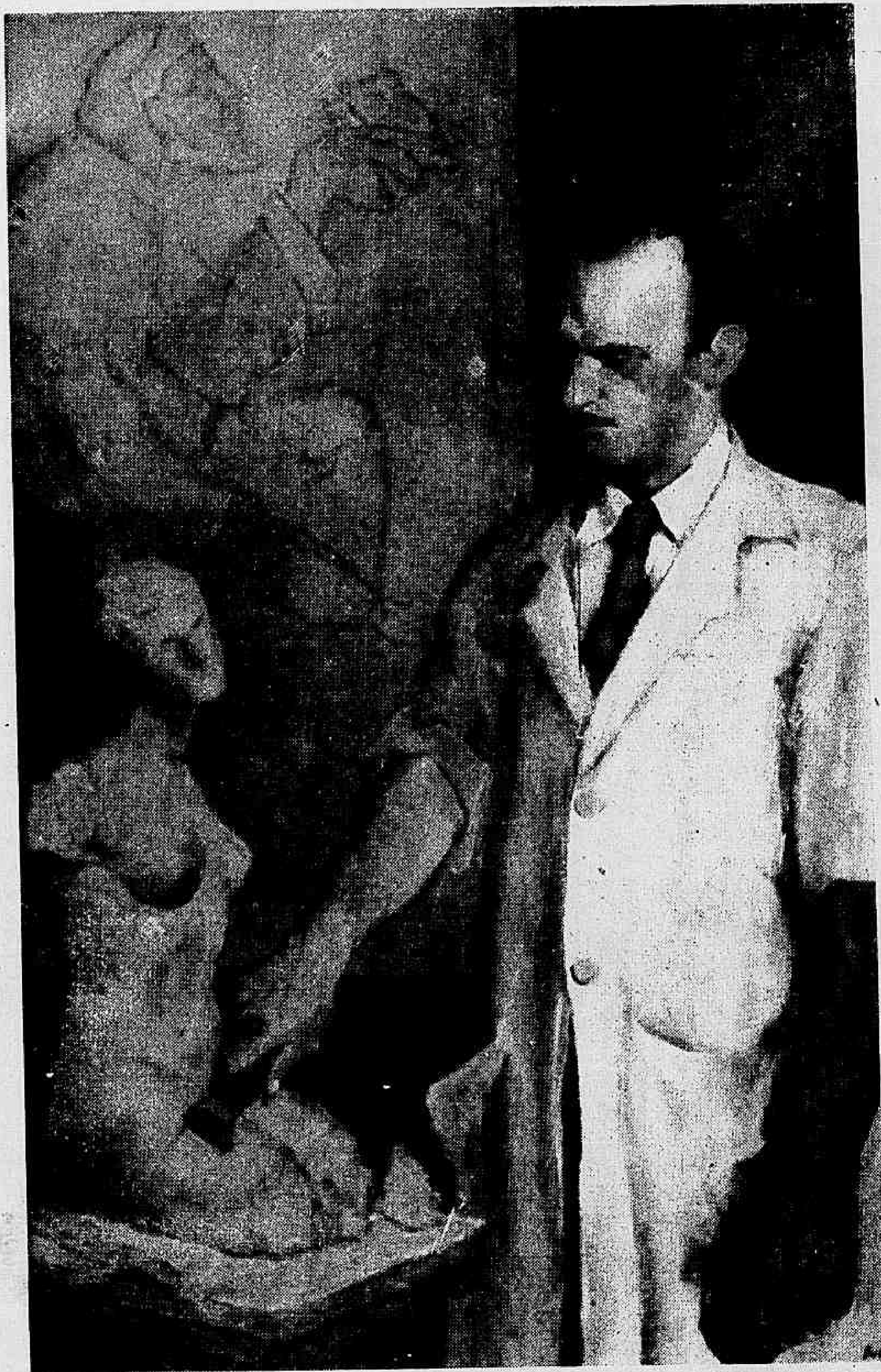
As obras de José Morais estão incluídas entre os artistas da Divisão Moderna, enquanto que as de Bustamante fazem parte da Divisão Geral.

Dois outros pintores foram laureados com Prêmios de Viagem no país. Um deles é o sr. Ado Malagoli, brasileiro, discípulo de Manuel Santiago e Bruno Lechowski. Malagoli já recebeu vários prêmios em Salões anteriores, como sejam: Menção Honrosa, Medalha de Bronze, Prêmio de Viagem ao estrangeiro e Medalha de Prata.

Em 1942 Ado Malagoli conquistou Prêmio de Viagem ao exterior com o seu quadro "Repouso", tendo ido ao México e aos Estados Unidos.

Este ano lhe coube o prêmio pelo quadro "Por quê?", visão emocionante e vigorosa dos efeitos da guerra.

Trata-se de uma composição em estilo moderno-clássico, muito bem construída e equilibrada. Sua tela está incluída entre os quadros da Divisão Geral.



O belo quadro "Composição", do artista Rubem Fortes Bustamante, Prêmio de Viagem ao Estrangeiro



"Negro do Brasil" — Desenho do pintor Luiz Almeida Júnior, exposto no "LIV Salão Nacional de Belas Artes"

O outro artista que recebeu como maior prêmio o de viagem no país, foi o conhecido mestre das tintas, Poty, ou seja, Lazzarote Potiguara. E' brasileiro e foi discípulo de Carlos Oswald. Já foi laureado em outros Salões com Medalha de Prata.

O quadro que lhe proporcionou êsse prêmio tão ambicionado entre os artistas, foi o de nome "Água Forte", figurando entre os diversos trabalhos da seção Desenhos e Artes Gráficas. Além dêsse, Poty ainda expôs um retrato.

A arte de Poty se caracteriza pelo arrôjo da concepção e modernismo impressionista. Seu quadro "Água Forte" é uma cena doméstica de belíssimo efeito e grande técnica.

★

Os juris do atual Salão Oficial de Belas Artes, o 54.º, exposto nos andares primeiro e segundo do edifício da Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, conferiram os seguintes prêmios: Pintura — Medalha de Ouro a Salvador Pujals Sabaté, pelo seu quadro "Contrastes da Vida". O pintor brasileiro estudou nas Academias de Madrid, Florença e Roma. Escultura — Medalha de Ouro a Ricardo Cipicchia, pelo seu trabalho "Índio Caçador". O escultor é brasileiro e reside em São Paulo.

Nos trabalhos de Gravura Geral, recebeu Medalha de Ouro, o artista Francisco Gomes Marinho, pelo trabalho "Salutaris", gravura em aço.

Os vitoriosos acima estão enquadrados nas chamadas Artes Clássicas. Na Divisão Moderna de Pintura e Escultura houve numerosos prêmios de Medalhas de Prata, Bronze e Menções Honrosas.

Da mesma forma, entre os expositores do classicismo, houve grande número de artistas distinguidos com Medalhas de Prata, Bronze e Menções Honrosas.



Com êste quadro "Água Forte", o artista Poty, conquistou o Prêmio de Viagem no Brasil



Uma tela do artista moderno Teruz

# O PÃO DE SANTO ANTÔNIO

RENATO DE ALENCAR

QUEM descesse pela estrada que transpunha a serra da Maldição, tinha a atenção logo chamada para as ruínas de grande edifício assobradado, de pedra e cal, que denunciava, na mudez de seus escombros, uma era de grande prosperidade no passado.

— De quem era isto? — indagavam os viajantes.

— Isto aqui foi o engenho de D. Leonor — informavam os tropeiros mais conhecedores do lugar.

— Quem era?

— Não é bom a gente comentar sua vida, meu amigo. E' uma história ingrata.

— E procuravam acelerar o passo dos animais com o estalar dos buranheps.

Sempre gostamos de histórias misteriosas. Aquêles paredões cobertos de musgos, salões em ruínas, onde vicejavam jurubebas e mussambês, engrinaldados com as flores arroxeadas das gitiranas, assanharam nossa curiosidade, e procuramos colhêr maiores informes acêrca do passado de D. Leonor, logo que chegamos à vila.



Além do edifício que deveria ter sido a "Casa Grande", viam-se destroços do engenho na várzea, restos de instalações da "Casa de Purgar", da Roda dágua, tudo naquele estilo primitivo dos primeiros industriais da cana de açúcar do nordeste. O mais era mato. As terras pareciam férteis; mas não havia quem as quisesse, nem mesmo de graça. Tudo no mais incrível abandono, a que dava nota de grande tristeza o chorar do riacho que servia de fôrça motriz à moagem e que continuava a deslizar insensível às tradições misteriosas daquela propriedade maldita.

Os almocreves acreditavam que o lugar fosse mal-assombrado, não faltando mesmo quem afirmasse já ter visto e ouvido coisas do outro mundo ao passar de noite pela Casa Grande de D. Leonor. Gemidos, ruídos de engenho em moagem, o estalar de chicotadas no lombo dos escravos, vultos entre as paredes esbarrondadas, tudo era motivo para mais se firmar a crença de que ali havia almas a penar. Até os animais "viam". O nosso arreeiro afirmou, muito sério, que, certa tarde, quando voltava da estação da estrada de ferro com uma correspondência para entregar ao vigário, ao passar por aquelas ruínas, ouviu perfeitamente um gemido como saindo das paredes.

Já ia escurecendo. Seu cavalo parou e ficou de orelhas em pé, negando-se a continuar a viagem. Os cabelos da cabeça subiram, e o homem sentiu por todo o corpo arrepios de morte. Reagiu e rezou o "Credo". Puxou o punhal e o prendeu entre os dentes. Esporou o cavalo, enterrou o chapéu na cabeça e partiu a todo galope sem ter coragem de olhar para trás. Desde êsse dia o pobre homem não tem ânimo de passar sem sol por aquêle lugar. Achamos graça e lhe perguntamos por que motivo essas assombrações só apareciam de noite. E êle nos respondeu convictamente:

— E' porque de dia, com a luz do sol, as almas do outro mundo não têm licença de Deus para penar. Só penam de noite, para poderem sofrer mais.

— Será mesmo isso, seu Matias?

— E' sim, senhor! Sei disso derna de menino. E' coisa velha. De dia não há alma pelo mundo. Só de noite elas saem. Por isso só aparecem visagens no escuro da noite, e fogem quando o galo canta.

Continuamos a viagem. Já os terrenos do engenho de D. Leonor estavam distantes, quando, descendo a encosta de outra serra, avistamos a vila para onde íamos. A igrejinha muito alva, com o seu campanário humilde, se destacava no verdor da paisagem. Numa praça sem jardim, outro edifício de regular proporção. Era a cadeia pública. O restante, como sucede com todos os lugarejos do interior: o cemitério sem túmulos; o pátio da feira com tamarindeiros sem poda; bilhares em falência; edificações decadentes; cinema em crise, um hotel sem nome. Daquele povoado só o clima era providencial. Por isso ali estávamos para descansar. Longe do barulho das grandes cidades, sem correio e sem telégrafos, sem clubes, sem futebol, sem política, sem rádio e sem preocupações civilizadas. Um refúgio para esgotados. Os nervos teriam um dique para restauração definitiva. Leite bom e em abundância; excelente água; banhos em cascatas naturais; montanhas e florestas para excursões e caçadas; hospedagem baratíssima; uma família amiga à qual vínhamos recomendados; que mais desejávamos para experimentar a felicidade de viver?

Algo fatigados da caminhada de muitas horas, a subir e descer serras, sob raios de sol abrasador, foi com muito desafôgo que ocupamos o modesto quarto do hotel em que íamos passar uns trinta dias. Tudo muito pobre. Banho, só no "pôrto dos homens", no rio das Lages. Mas era preciso ter muito cuidado com a proximidade do "pôrto das mulheres". Qualquer atrevimento, mesmo involuntário, poderia resultar em dobre a defunto, a sinal de mortos.

Após o jantar fomos cumprir o dever de visitar uma das famílias mais prestigiosas do lugar, a cujo chefe vínhamos recomendados.

O coronel Macário da Maravilha, como era conhecido por aquelas redondezas, em virtude de sua fazenda "Maravilha", recebeu-nos fidalgamente, embora aparentando certa timidez. Chamou a espôsa, os filhos e nô-los apresentou. Minutos depois veio uma bandeja com café e beiju, tudo muito gostoso; porém, como havíamos jantado, lamentamos a falta de maiores espaços no estômago... Em meio da conversa, manifestei interêsse em saber alguma coisa a respeito da história de D. Leonor. O coronel Macário se mexeu na cadeira, pigarreou, chupou com fôrça o cigarro de palha e, com olhar enigmático para a espôsa, respondeu-me:

— Não têm sido felizes os que procuram divulgar a crônica daquela família. Todos daqui temem mexer no passado daquela gente. O senhor sabe...

E se manteve indeciso. Temendo colocar-me em situação embaraçosa e antipática, acalmei-o, dizendo que não insistia, já que o fato não era do agrado dele. Com surprêsa minha, porém, a um só tempo, o casal esclareceu não ser por êles essa vacilação, e sim por mim mesmo, uma vez que, segundo a tradição, a quantos haviam procurado remexer naquela história, muita contrariedade havia acontecido.

— Não há dúvida, meu amigo! — retornei. — Se algo de mal sobrevier à minha pessoa, sou eu o único culpado. Em primeiro lugar não creio em almas do outro mundo, e sou fatalista. O que tem de vir vem mesmo.

— Bem... — prosseguiu o coronel Macário. — Eu, propriamente, não sei muito acêrca de D. Leonor e do seu engenho, pois isso é coisa já muito antiga; porém, aqui perto de nossa casa mora uma preta velha que teve seus pais a trabalhar como escravos ali. Essa negra, segundo nossos cálculos, deve estar com uns 80 e tantos janeiros; mas possui consciência límpida e prodigiosa a memória, com a vantagem de não fantasiar os fatos. Quer ir lá?

— Com imenso prazer.

Cumprimentei a espôsa do coronel Macário, tranquilizando-a quanto às possíveis más consequências dessa curiosidade e fomos visitar a preta Inácia.

A velha morava sozinha numa choça de palhas de ouricuri. Ao chegarmos, estava tomando contas a um garoto, de um tabuleiro de tapioca de côco que mandara vender.

Exímia doceira, seus beijus, puxa-puxa e tapioca eram muito apreciados pela população do lugar. Depois da liquidação

(Cont. na pág. 51)

# NOS BASTIDORES FEMININOS





AO ALTO — Modêlo para a noite, de Jeanne Lafaurie, em tule sôbre cetim bordado. A ESQUERDA — Criação de Robert Piguet em "faille". Modêlo para jovens

POUCO custa a você ser amável. E muito lucrará você com isso. De que lhe vale essa fisionomia sempre fechada, êsses lábios que teimam em não sorrir, êsses olhos que insistem em permanecer frios, essas mãos que negam uma carícia ou um confôrto? Qual o bem que você espera de tudo isso? Qual a recompensa? Julga talvez que alguém a aceitará assim mesmo ou talvez julgue que pode perfeitamente prescindir de afeições? No início, talvez tudo lhe corra bem. Talvez você até goste que lhe chamem de "sisuda" ou "cara de poucos amigos"; porém, quando um dia você tiver necessidade de uma companhia; um dia quando você sentir desejo de desabafar ou apenas de conversar mais intimamente, você ficará admirada de não encontrar ao seu redor pessoa alguma capaz de ouví-la, pessoa alguma que possa demonstrar interêsse pelas suas confidências. E' que tôdas elas estão habituadas a vê-la sempre assim; sempre com o aspecto de quem não quer amizades, sempre com êsse ar de superioridade e até com essa fisionomia um tanto assustadora. Não acreditarão, certamente, que a sua intenção é boa. Julgarão que você quer se divertir ou então que não está muito "certa da bola". Nessa ocasião você se admirará de não possuir amigos. O mesmo acontecerá quando você não receber as mais comuns provas de amizade daqueles a quem conhece mas aos quais dispensa o mesmo tratamento "superior". E' possível que ainda assim você não "ligue" muito. Mas não creio que isso durará muito. Depois de um certo tempo você sentirá falta dessas mesmas pessoas a quem você não julgou necessário dar "importância". Você então começará a compreender que a culpa está em você mesma, na sua pouca amabilidade, no seu pouco desejo de ser agradável. Começará a sorrir, a olhar os outros com maior simpatia; a princípio será recebida com estranheza, mas por fim aquêles que não toleravam a sua falta de atenção, a sua "superioridade", passarão a se aproximar de você e então você verá como é fácil ter amigos, como é fácil ser estimada, e como é bom poder contar com alguém nas horas em que você não queira estar só. Se, porém, você insistir no seu carrancismo, o seu isolamento será cada vez maior e isso, francamente, não é nada agradável, não é nada interessante, por mais que você julgue se bastar a si mesma. — O. B.



# A saúde do BEBÊ

DR. SABÓIA RIBEIRO

## DOENÇAS COMUNS DA INFANCIA

A criança já ao nascer traz imunidades em relação a muitas infecções — justamente as denominadas **doenças comuns da infância** — porém, esgotadas essas imunidades, após algum tempo, é raro que a elas escape nos primeiros anos. Quase sempre, então, ao completar a 2ª infância e iniciar a 3ª (aos 7 anos) foi sucessivamente vitimada por quase tôdas.

Vêm primeiro a coqueluche, o sarampo, a varicela (catapora).

Aos 7 e 8 anos, a parotidite epidêmica (cachumba, ou papeira).

A difteria foge a uma grande constância, porém a verdade é que às mais das vêzes passa despercebida; é, não obstante, infecção sem dúvida da infância.

Aliás, se se procede a exame nas pessoas que já atingiram a idade adulta, em relação à difteria, os resultados sorológicos falam, quase sempre, por uma imunidade dela.

Observa-se, por outro lado, que essa infecção não ataca as pessoas adultas. Isso prova, portanto, que todo indivíduo já padeceu de uma infecção diftérica na infância; apenas a mesma passou, então, despercebida.

A paralisia infantil, também não atacando o adulto, está nas mesmas condições da difteria como moléstia muito generalizada entre as crianças, que passou então, não obstante, despercebida, sob qualquer das suas formas, mas sobretudo como afecção gripal.

Das infecções próprias da infância é sem dúvida alguma a escarlatina a menos frequente entre nós; cumpre, não obstante, estar sempre prevenido contra ela, principalmente nas suas formas atípicas.

Faremos, a seguir, uma síntese dos principais sinais das doenças comuns da infância.

1 — SARAMPO — Inicia-se como um resfriado com seu cortejo habitual de sintomas: febre, congestão e hipersecreção do aparêlho visual, nariz distilando, tosse, rouquidão. Pelo 4º dia sobrevêm manchas vermelho-escuras mais ou menos salientes e do tamanho de uma cabeça de alfinete, pelo corpo: o primeiro atacado é o rosto e atrás da orelha; logo os braços, e afinal todo o corpo. No momento dessa erupção, a febre, habitualmente, sobe de 38.5 a 41º.

As bronco-pneumonias, as otites, as reações para o lado das meninges são as complicações mais frequentes; casos de encefalite, por outro lado, têm sido também já observados. Na hipótese de tara tuberculosa da criança, subsiste sempre o perigo de uma eclosão do mal com iminente perigo de vida da mesma.

"O sarampo e a coqueluche são as doenças anergizantes que mais frequentemente encontramos na história clínica dos casos de tuberculose infantil que observamos", escreveu um eminente pediatra, afirmativa que é corroborada pela observação dos demais pediatras.

2 — COQUELUCHE — Após costumeiros fenômenos catarrais (7-14 dias), instala-se uma tosse espasmódica (14-42 dias); a criança, então, estando muita vez alegre e a brincar, é prêsa do ataque quintoso, e tosse, tosse, enquanto o rosto, o pescoço, vão ficando cada vez mais congestos, pois durante o mesmo **mal a criança consegue tomar fôlego.** Durante o acesso ouvem-se de vez em **quando inspirações sibilantes, e ao fim do acesso uma inspiração mais aguda — o guincho — após o qual a criança expectora uma secreção gosmenta semelhante ao branco do ovo. No lactente é comum faltar o guincho, muito característico noutra idade.**

A intensidade e duração de cada um dêsses períodos varia bastante de uma para outra criança. E' fato porém que as crianças desnutridas e as de temperamento nervoso são as que mais sofrem na coqueluche.

Mesmas complicações do sarampo: bronquite capilar, bronco-pneumonia, encefalites; a mesma predisposição da tuberculose.

Nas crianças predispostas por motivo de uma origem suspeita, ou debilitadas por alguma doenca anterior, é dever evitar, de tôdas as formas, que contraiam quer o sarampo, quer a coqueluche. Impõe-se, por outro lado, uma assistência muito desvelada, caso, a contragôsto, as adquiram.

3 — PARALISIA INFANTIL — E' grande a variabilidade dessa doença da infância. E' entre 1-4 anos que a doença mais ataca a criança. O quadro, em seu início, é deveras semelhante ao de uma afecção gripal e nada sugere de uma afecção nervosa, como é. Febre (aliás moderada), angina e catarro do rino-faringe, e frequentemente fenômenos gastro-intestinais (dores do ventre, vômitos, diarréia ou obstipação intensa). Como gripe é, muita vez, a criança tratada, e após 2-4 dias de febre, a criança cura; ninguém dirá que não foi gripe. De outras vêzes, porém, acontece que, durante o período febril, instalam-se as paralisias, às vêzes instantaneamente, outras insidiosamente; então é que dão consigo que o caso foi de paralisia infantil.

O diagnóstico precoce é portanto muito difícil, de uma paralisia infantil, a menos que esteja grassando alguma epidemia. Seja como for, alguns sinais parecem insinuar fortemente a suspeita de paralisia infantil quando, diante do quadro acima mascarando uma afecção gripal, observa-se intensa sudaração dos membros da criança (justamente os em que a paralisia vai aparecer). Outro sinal é a extrema sensibilidade da criança ao contacto ou aos movimentos espontâneos; põem-se os dedos sôbre a criança, e esta acusa dores: a criança se mexe no leito, e logo geme. É, porém, a coluna vertebral a parte mais delicadamente sensível.

Como se vê, nem sempre a paralisia infantil termina com paralisia; é uma denominação imprópria, a êsse respeito, mas muito corrente. Outros preferem a de **poliomielite anterior**, por precisar a localização da doença nas **pontas anteriores da medula.**

Os membros inferiores são os mais atingidos, os dois ao mesmo tempo. Outras formas mais raras têm sido observadas: o tipo hemiplégico (metade atingida pela paralisia — um braço, a perna correspondente); o tipo cruzado (braço de um lado, perna do outro).

Fora dos períodos de epidemia o diagnóstico de uma paralisia infantil não é fácil.

4 — ESCARLATINA — Começo semelhante ao da paralisia infantil: febre (aqui 39º-40º), cefaléia, vômitos, dores na garganta, convulsões. A doença pode ficar nisso somente, porém é de regra o exantema (erupção de pequenas manchas de côr vermelho-viva, no começo no pescoço, costas, peito; mais tarde alastrando-se com o aparecimento de novas manchas entre as primeiro surgidas e ganhando todo o corpo.

O rosto é poupado. Muitas vêzes a língua exibe o aspecto granuloso de uma **framboesa (língua de framboesa).**

A escarlatina é moléstia geralmente grave: comum que surjam como complicações as otites purulentas e as nefrites. Outra complicação é a difteria.

**Difteria** — Das doenças comuns da infância é a difteria a que melhor se presta a uma esquematização:

a) No lactente assume, quase sempre, a forma de um coriza sôro-sanguinolento:

b) Nas crianças maiores participam sempre do processo as amígdalas (sem amígdalas doentes não há anginas diftéricas; os velhos, que não têm amígdalas, não adoecem de anginas). Ora só aos 2 anos as amígdalas começam a adquirir certa maturidade na criança, alcançando aos 4 anos seu maior desenvolvimento: por isso, até os 30 primeiros meses as anginas na criança apresentam quase sempre um caráter de inflamação difusa, e só mais raramente um caráter purulento ou flemonoso. Até os 2 anos contam mais as infecções catarrais do rinofaringe, não de **natureza diftérica.** Nos 2 primeiros anos adoecem muito mais as formações linfóides do rinofaringe (devido ao desenvolvimento exagerado da 3ª amígdala, amígdala de Luschka), por motivo de repetidos surtos infecciosos que aí se estabelecem.

c) O elemento característico, no processo, é o aparecimento, sôbre as amígdalas inflamadas, de pontos brancos e pequenas placas de igual coloração. Mas êsse aparecimento não é logo na primeira hora, havendo entretanto, na hipótese de difteria, inteira necessidade do emprêgo da medicação apropriada, que é o sôro antidiftérico. A cultura do esfregaço colhido junto aos pilares, sôbre as amígdalas, ou o exame dos germes aí colhidos, no microscópio (bacterioscopia) também demandam algum tempo e às vêzes há necessidade de intervir logo, quando, ao mesmo tempo, a criança mostra-se rouca, respiração difícil, e afônica, sinais êstes que fazem pensar em **crupe.**

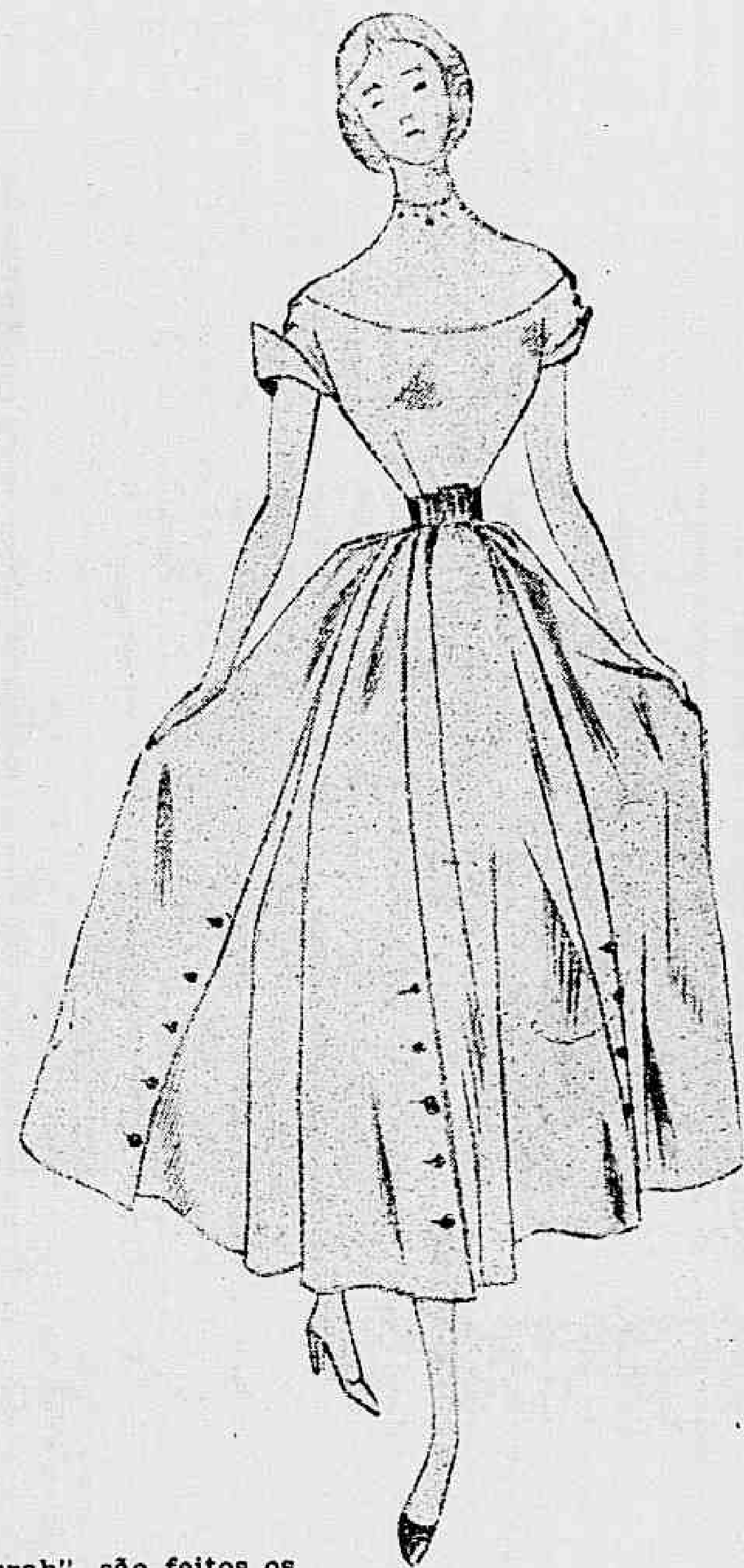
Nos casos patentes as falsas membranas se desenvolvem para o véu do paladar, a úvula, os pilares.

d) Torna-se sempre suspeita de uma angina diftérica a criança com amigdalite que já vinha sofrendo de febre em volta de 38º, inapetente, pálida, molenga, e cheia de rabugice. Uma criança nessas condições deve ser sempre examinada da

(Continua na pág. 49)

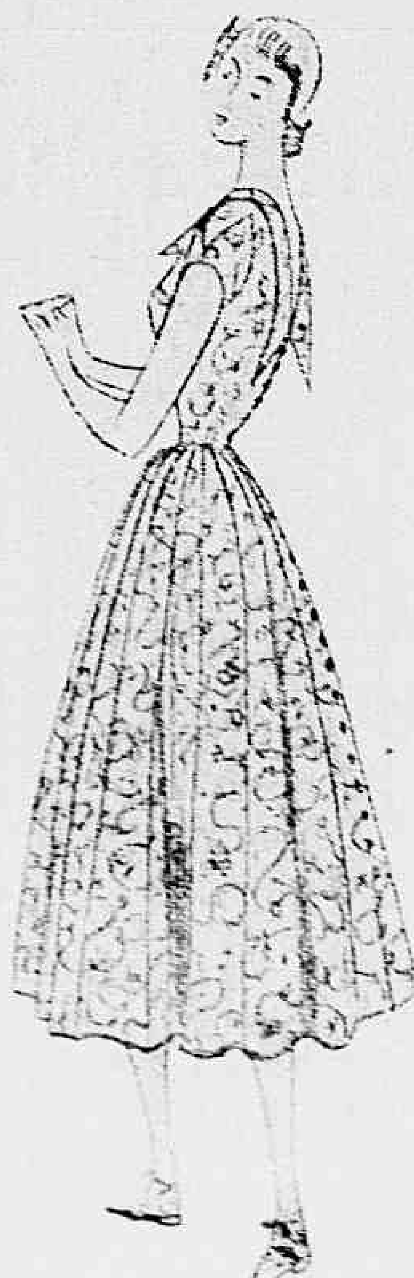
# "JEUNES-FILLES"

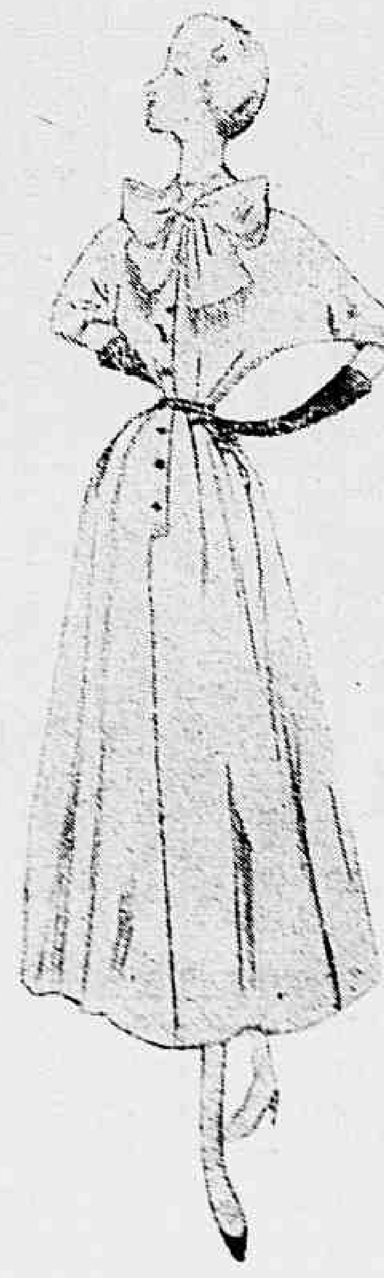




EM organza, "faille" ou "surah", são feitos os vestidos mais "habillés", e os demais em algodão, linho, "shantung", etc. A simplicidade deve estar presente nos modelos para gente nova, não sendo permitida a mesma audácia que caracteriza os modelos para as que já passaram dessa época. Os modelos desta página foram criados por conhecidos nomes da indústria francesa de costura, e se prestam para as ocasiões mais diversas.








PAQUIN


MOLYNEUX


MONTAIGNE


HEIM

# VINTE ANOS


ROUFF


CARVEN




BALMAIN


LAFAURIE

PARA você que ainda não passou dos vinte anos, os mais famosos costureiros de Paris criaram os modelos aqui apresentados, que irão realçar ainda mais a graça da sua juventude. E os modelos incluem um guarda-roupa quase que completo, com os seus modelos para a manhã, para a tarde, para as pequenas reuniões. São criações de Carven, Pierre Balmain, Jeanne Lafaurie, Maggy Rouff, Paquin, Heim Jeune Filles, Mollyneux e Charles Montaigne.

# PROBLEMAS DA MULHER

M. MERCÊDES SANTOS

## AO NORTISTA QUE EMIGROU...

ONDE reside você, meu ingrato desertor? Numa vaga, num quarto de pensão? No mais longínquo subúrbio carioca? Num luxuoso apartamento no Leblon, Copacabana ou Ipanema? Resida onde residir... mas o certo é que, entre as quatro paredes do quarto humilde ou no luxo resplandescente do seu aparta- mento, você se recorda com saudade dos bons tempos na grandiosa intimidade de sua cidadezinha natal. Você sofre a nostalgia eterna que todos nós sofremos. Todavia, mesmo assim, você que talvez pudesse com sua influência política ou econômica, tanto fazer por sua terra, não se sente com coragem suficiente para retornar ao lugar que lhe serviu de berço. Vovê, outro que também não se con- forma com a vida difícil, estafante ou demasiadamente fútil, isto é, cheia de fantasias e ilusões que leva nesta grande cidade que é o Rio de Janeiro, também procede igualmente. Por que? Por que será que nos deixamos dominar por tão frio esquecimento? Por que seremos assim tão egoistas? O que existirá nesta cidade, que tanto nos prende e nos obriga a assim proceder? Será a cordialidade e franca camaradagem de "alguns cariocas"? Será a facilidade, algumas vêzes, de uma boa colocação? Francamente, não sei e creio que jamais poderei atinar com a verdadeira causa de tão estranho procedimento.

Vários são os sulistas que afirmam ser o bairrismo a mais "grave doença" que a maioria dos nortistas possui em "alta dose". Concordo totalmente e acredito mesmo que todo nortista que se preza não deve usar nenhuma terapêutica que possa amenizar ou eliminar essa "doença". Ela nada mais é do que o amor, respeito e gratidão que devemos manter por tudo aquilo que se diz Norte. Poderá existir algo mais delicioso do que encontrarmos, de vez em quando, um dêstes "doentes" que, cheio de contentamento e entusiasmo, nos diz: "Ah, cidade só aquela em que nasci! Quanta fartura, meu Deus, existe por ali!... A carne? Que delícia! Vem do matadouro quentinha e sangrando. O leite? Nem é bom falar. De tudo se encontra e com abundância".

Contudo, a alegria que êle nos demonstra é tanta que sentimos lástima de magoá-lo com a clássica frase: "E por que não volta você para a sua terra?".

Sei que muitos não o fazem por orgulho, pois ao chegarem aqui vêm abarro- tados das mais doces ilusões, as quais são brutalmente dissipadas. Outros há, no entanto, que não o fazem por egoismo, porque aqui foram e continuam felizes. Ambos, não resta dúvida, procedem erroneamente por se deixarem dominar. Com êles, entretanto, permanece algo que considero verdadeiramente maravilhoso: a fibra elástica do homem do Norte. Sejam ou não bafejados pela sorte, continuam trabalhadores, honestos e conformados. De tôdas estas qualidades existe uma, a que mais amo e adoro num filho do Norte: é o instinto de conservação: pois êle, mesmo estando aqui, por curto ou longo tempo, nunca abandona o sotaque "arrastado" de sua terra natal: êste sotaque tão criticado e que nos denuncia a distância mas que para mim é a mais bela das afirmações que caracterizam o nortista.

Há pouco mais de cinco meses, visitei várias cidades do Norte. Na sua maioria, presenceiei o estacionamento completo do que podemos classificar de progresso. Em algumas delas simplesmente motivada pela falta de braços e mesmo interêsse de muitos cidadãos que, metidos na política, esquecem por completo a chama do dever que deviam manter acesa, em prol de sua cidade natal. Outras há que são abandonadas pelos próprios filhos, muitos deles convencidos de que nestas nada podem fazer, pois as suas habilidades e pretensões não podem e nem devem ficar numa cidade que muito pouco ou quase nada lhes poderia oferecer. As esta- tísticas dêstes desertores são verdadeiramente assombrosas.

Atraidos pelos esplendores e aparentes facilidades de vida e trabalho das grandes cidades, o "emigrante" nortista troca a doçura e tranquilidade da pe- quena cidade em que nasceu — atributos que não se encontram nas grandes metrópoles — em busca de uma ilusória felicidade raras vêzes encontrada.

E assim, nesse êxodo que se renova no tempo, vão ficando povoados, vilas e cidadezinhas do interior nordestino privadas do concurso dos seus melhores ele- mentos, dando em resultado o marasmo, a estagnação e a ausência de progresso econômico e cultural.

## Correspondência

**Vitória Amarga** (São Luis, Maranhão) — "Só conheço as alegrias da vida quando estou ao seu lado. Êle, no entanto, não é livre, e o pior de tudo é que maltrata a espôsa por minha causa. Sei que não é de direito o que estou fazendo, mas... se o meu amor é mais forte que o meu raciocínio. Que devo fazer?"

Francamente, Vitória! Parece incrível que você, sabendo que por sua causa, inde- vidamente, sofre outra mulher, a única que tem direito ao afeto dêsse homem, continue com êste amor absurdo. Você está tendo um procedimento indigno. Ponha-se no caso dessa senhora. Gostaria você que lhe roubassem o homem a que se uniu para tôda a vida, o homem que, livre e espontaneamente, jurou amá-la e respeitá-la para todo o sempre? Por que você não renega êste amor absurdo? Você é livre, minha filha, e a felicidade ainda pode lhe sorrir. Portanto não seja injusta e afaste-se dêsse homem, para que conscientemente não se transforme numa arruinadora de um lar que dantes era tão ditoso.

**Tôda correspondência para esta seção deve ser endereçada a M. Mercedes Santos — Problemas da Mulher — na redação desta revista, à rua Visconde de Maran- guape, 15 — Lapa — Rio de Janeiro.**



# PENTEADOS MODERNOS

Eis um penteado extremamente estu- dado, ainda que não o pareça. Os ca- belos muito curtos terminam em ponta sôbre a nuca. O cabelo é penteado com muita naturalidade





Para cabelos curtos, "boucles pluma". Ao alto, uma onda profunda com pe- quenos "boucles" voltados para cima

"Boucles" naturais, avançando ligei- ramente sôbre a testa, dão uma gran- de suavidade ao semblante. Atrás, ondas marcadas e "bluckes" naturais



# ESTAMPADOS



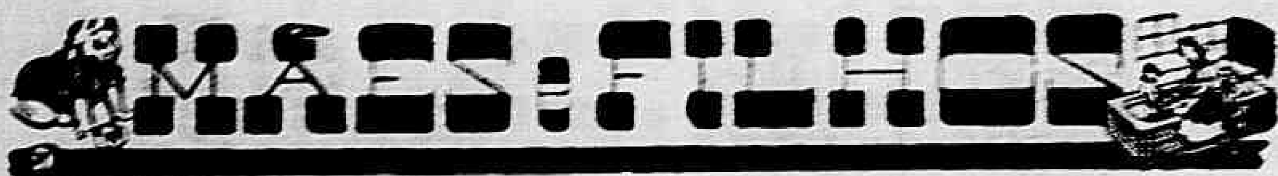








OS estampados indicam a aproximação da primavera. Seus motivos alegres e de tons vivos rejuvenescem e realçam a beleza feminina. Ainda nesta primavera o "pois" será um dos elementos dominantes... O "foulard" com pequenos desenhos, a sêda e o algodão com grandes ramagens, dão ensejo às mais alegres e elegantes criações.




ANAMARIA CÉLIA

# AGASALHOS EM EXCESSO



A criança tem uma individualidade que deve ser respeitada. E' êrro procurarem os pais dominá-la para fazer prevalecer a sua vontade

SÃO numerosas as pessoas que crêem que o bebezinho ao nascer sente muito frio. E' por isso que vemos criancinhas nascidas em pleno verão embrulhadas em mantas de lã e isso depois de lhe haverem pôsto uma quantidade imensa de camisinhas, casaquinhos, etc. Não raro, essas criancinhas têm febre, irupções, brotoejas e tantos outros males desagradáveis que perturbam o sono e o apetite do bebê. E' importante, pois, para a saúde do pequenino que tais coisas não aconteçam. Nascendo no verão êle pode perfeitamente ficar só de camisinha de pagão e fralda. Sendo um bebê sadio, até a própria camisinha pode ser dispensada. Já o bebê nascido no inverno pode ser mais agasalhado, mas nunca demasiadamente. Uma camisinha de lã e um cueiro de flanela bastam para agasalhá-lo. À noite um macacão inteiriço o resguardará do frio.

As mães devem saber que os bebês muito agasalhados correm o risco de apanharem resfriados. E' ao mudar a roupa, ao entrar no banho que êle se resfria. O seu organismo não oferece muita resistência, o que já não acontece ao que é tratado devidamente.

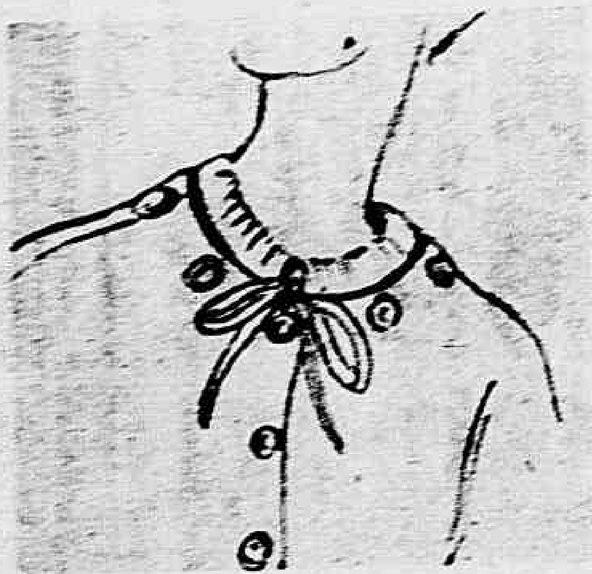
Outro fator importante é conservar sempre bem ventilado o quarto do bebê. Mesmo nas noites frias pelo menos meia janela deverá ficar aberta, observando-se, naturalmente, a sua posição em relação à caminha da criança. O bebê que dorme em quarto fechado, também é sujeito a resfriados, pois é lógico que saindo repentinamente de um lugar fechado para outro ventilado ou para a rua, o seu organismo sinta a brusca mudança de temperatura. Portanto, o que se tem a fazer para evitar que o bebê se resfrie é vestí-lo adequadamente e deixá-lo em local bem ventilado e, tôda vez que possível, ao ar livre.

★

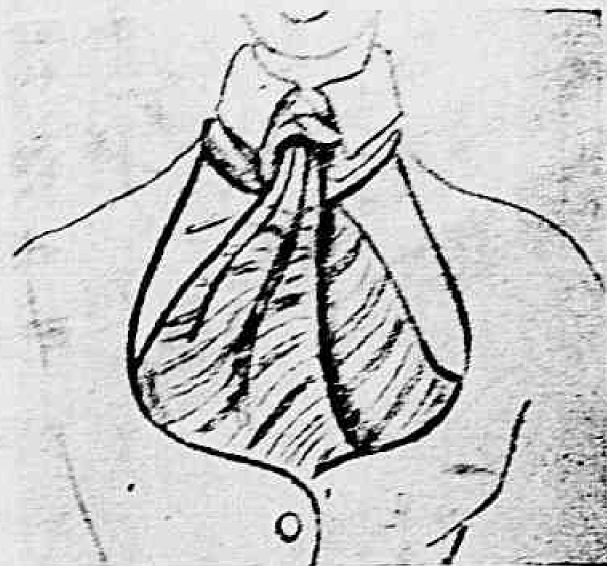
**SAIBA QUE a criança antes dos cinco anos não deve nunca se alimentar de alimentos enlatados, como salsichas, presuntos, etc. ★ E' obrigação dos pais observar as tendências dos seus filhos, cortando as más e incentivando as boas.**



Alguns sugestivos e interessantes modelinhos são aqui apresentados para seus filhos



BALENCIAGA

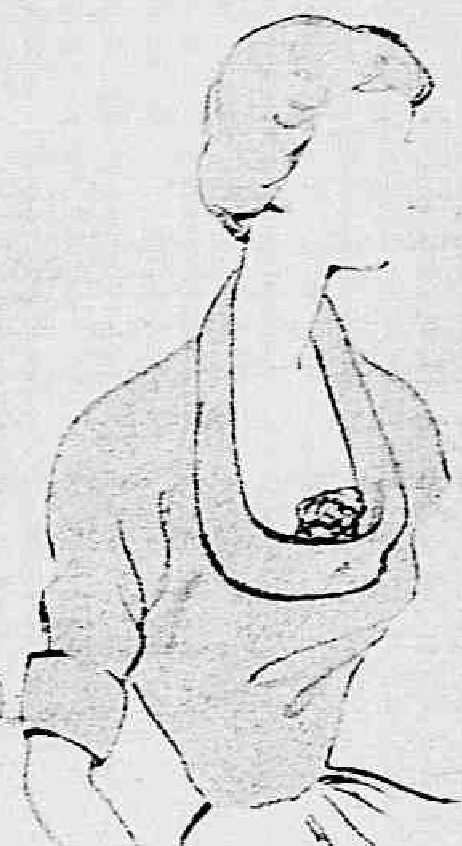


BALMAIN

# GOLAS E DECOTES



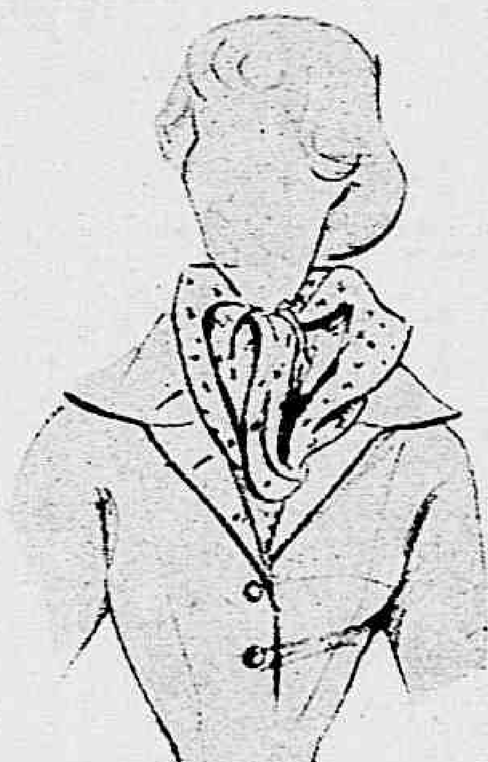
CHRISTIAN DIOR



MOLYNEUX

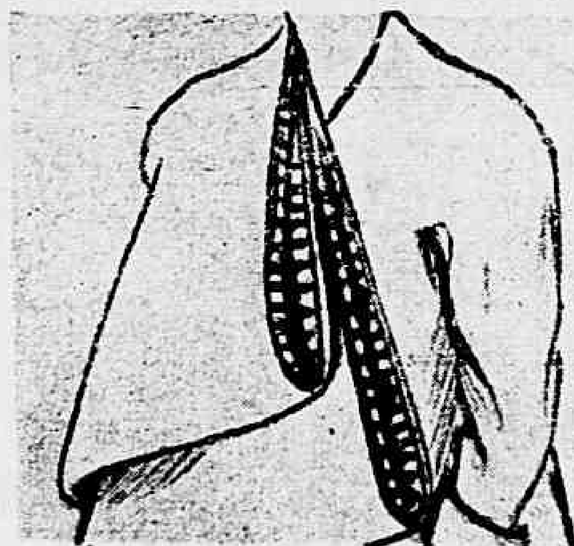


JACQUES FATH

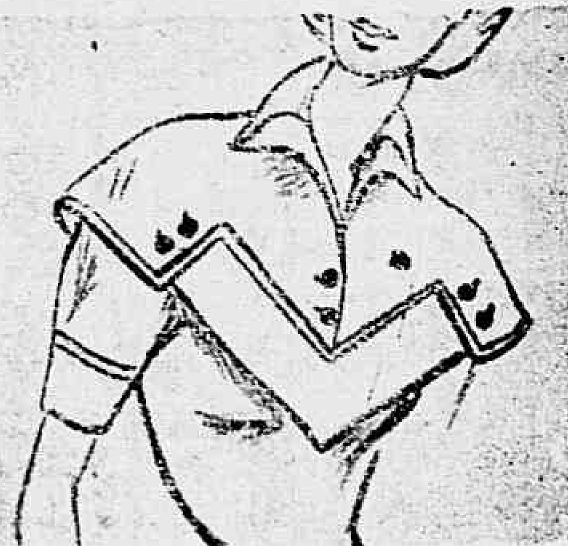


MAD CARPENTIER

A moda para a primavera oferece verdadeiras surprêsas quanto a êsses dois detalhes que assumem, cada vez mais, uma grande importância. Há decotes verdadeiramente arrojados como existem também golas que revelam a audácia dos seus criadores. Algumas dessas realizações estão aqui estampadas para orientação das nossas elegantes leitoras.

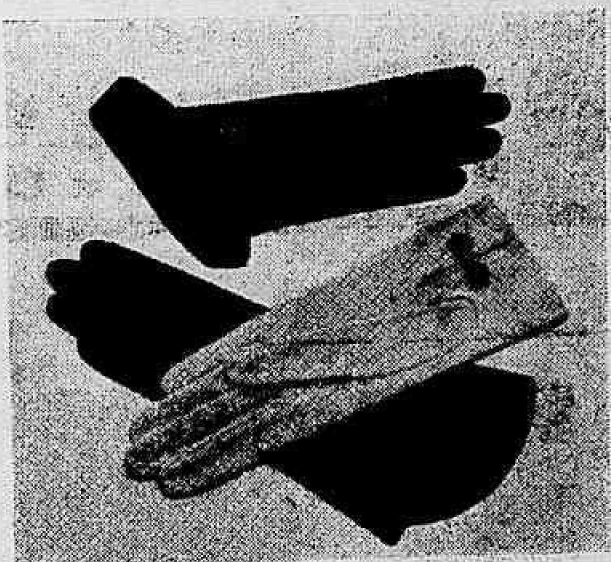


SCHIAPARELLI



WORTH







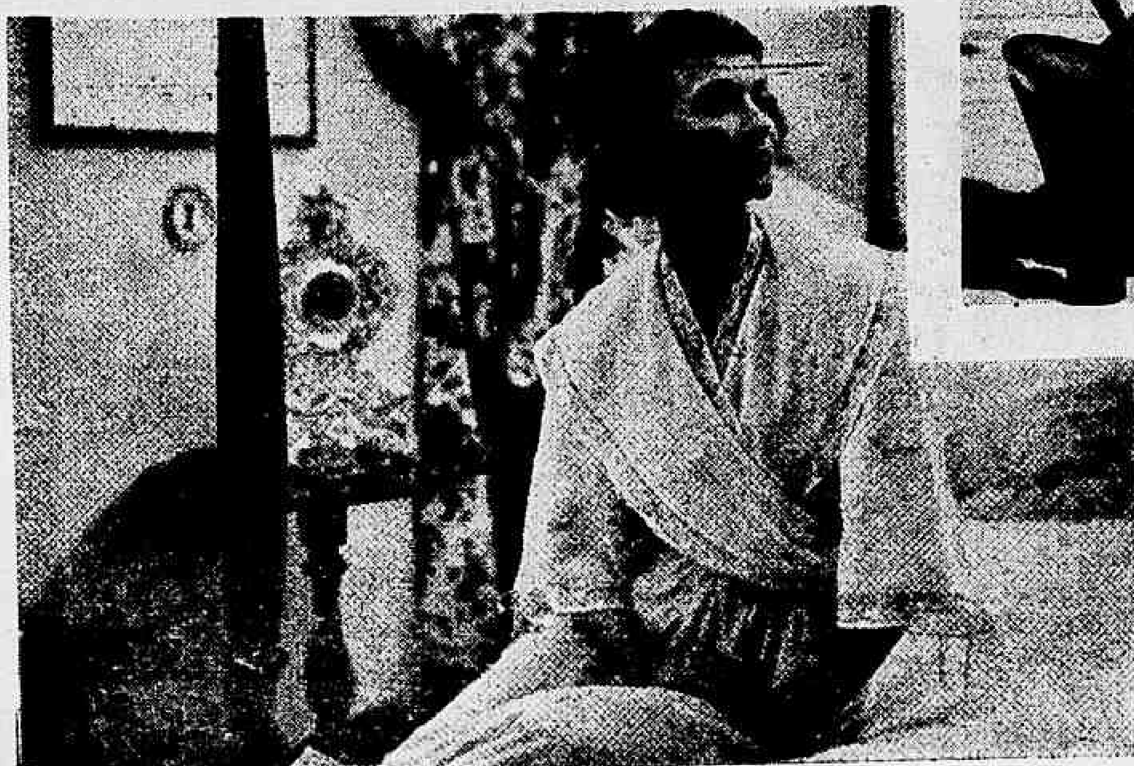
# DETALHES E NOVIDADES



ALGUNS sugestivos e encantadores detalhes que muito contribuirão para a sua elegância aqui estão estampados nesta página. Ao alto temos: cardigan feito a mão com mangas "raglan", luvas de camurça para trajes meio "habillés", "clips" em ouro, feitio de laço. Em baixo, nova maneira de empregar o véu, cobrindo apenas parte do rosto, elegantes gola e mangas para o seu "negligée", sapato em veludo e ouro, original movimento desta saia em tafetá com "pois".







# MOURNING BECOMES ELECTRA

(Conflito de paixões)

Fotos R. K. O.



LUIS ALÍPIO DE BARROS



Uma das mais famosas peças do grande Eugene O'Neill.
"Mourning becomes Electra", foi transportada para o ci-
nema pelo conhecido Duddley Nichols, que, além de ser
o produtor e diretor da película, trabalhou na adaptação
e na cenarização. Na foto acima, uma cena do filme, onde
aparecem Michael Redgrave e Rosalind Russell. Obra de
difícil transposição para o cinema, "Mourning becomes
Electra" deve ter oferecido muitos obstáculos ao brilhante
Dudley Nichols



Um dos momentos mais dramáticos da versão cinemato-
gráfica da notável tragédia de O'Neill, "Mourning becomes
Electra". Na foto aparecem Katina Paxinóu e Raymond
Massey, na cena em que o personagem interpretado pelo
ator inglês encontra a morte. Dudley Nichols, segundo os
críticos americanos, deu ao filme uma grande intensidade
dramática, intensidade esta bastante valorizada pela exce-
lente fotografia. A amostra que aparece acima é sugestiva



Rosalind Russell, a conhecida atriz de Hollywood, recebeu
o encargo de interpretar a "Lavinia" de "Mourning beco-
mes Electra". Não sabemos a que ponto chegou o valor
interpretativo de Miss Russell, pois não tivemos oportu-
nidade de ver o filme. No entanto, alguns críticos norte-
americanos deram a "Lavinia" cinematográfica muitos elo-
gios pelo seu desempenho. O que é certo, no entanto, é
que "Mourning becomes Electra" é uma peça teatral de
difícil adaptação cinematográfica

## VISITA O BRASIL

# O BRASILEIRO ALBERTO CAVALCANTI

CHEGOU ao Rio, na quentíssima tarde do dia 3, o brasileiro Alberto Cavalcanti. Nascido no Rio de
Janeiro em 1897, de pai alagoano e mãe pernambucana, e batizado na igreja da Glória, no largo do
Machado, Alberto Cavalcanti vive na Europa há mais de trinta anos. Formando-se em arquitetura na
Suíça, Cavalcanti voltou ao Brasil (no Rio tinha êle iniciado o curso de direito) com a intenção de aqui
dedicar-se à sua profissão. Mas, depois de poucos meses de Rio de Janeiro, êle compreendeu que ser dese-
nhista de modelos de móveis em uma pequena movelaria não era nada interessante para um jovem cheio
de sonhos e possuidor de um diploma. E apesar da bondade do português dono da movelaria, sempre pa-
ternal e compreensivo, o brasileiro Alberto Cavalcanti preferiu tentar a sorte na Europa. Tinha lá muitos
amigos, e naturalmente êles poderiam arranjar algumas oportunidades interessantes. Para a Europa seguiu
Cavalcanti, definitivamente, em 1920. Primeiro foi para a Suíça, mas logo depois estabelecia-se em Paris.
Na capital francesa o brasileiro Alberto Cavalcanti ia iniciar uma carreira que o tornaria famoso em todo
o mundo: a carreira cinematográfica.

Começando como cenógrafo de Marcel L'Herbier, Cavalcanti tomou parte depois no famoso movimento
da avant-garde, realizando então, já como diretor e cenarista, alguns filmes de fama mundial. Na França
o brasileiro fêz ainda vários filmes, destacando-se alguns documentários de notável importância (Cavalcanti
é considerado como um dos mestres do documentário). Passando-se depois para a Inglaterra, em cujo cinema
está radicado, Alberto Cavalcanti realizou um expressivo número de películas, dramáticas ou documentárias,
de indiscutível valor artístico.

Agora, Cavalcanti volta à terra, para rever parentes e olhar a paisagem natal. E aqui recebe, do mundo
cinematográfico brasileiro, as homenagens que a sua importância na história do cinema exige. Isto prova que
o Brasil não esqueceu o seu filho que tanto se elevou lá fora, em terras estranhas. Cavalcanti é um nome
e uma expressão do cinema. Sua carreira cinematográfica, plena de realizações sempre brilhantes, afirma
um espírito criador e uma sensibilidade profunda. A obra de Alberto Cavalcanti orgulha a cinematografia.
Êle é um cineasta no perfeito sentido do têrmo.

Artífice de um sem número de filmes, de longa e pequena metragem, Cavalcanti orientou sempre os seus
trabalhos para as tendências estéticas e humanas. Os seus filmes, documentários ou de ficção, sempre se
apresentaram apoiados em um nível artístico excelente.

Dentre os trabalhos cinematográficos de Cavalcanti, como cenógrafo, cenarista, diretor e produtor, pode-
remos destacar, na França e na Inglaterra, os seguintes filmes, de longa e pequena metragem, películas
dramáticas ou documentários: como cenógrafo, "L'inhumaine" e "Feu Mathias Pascal": como diretor, "La
jalousie du Barbouillé", "Le train sans yeux", "Rien que les heures", "La P'tite Lily", "Le Petit Cha-
peron Rouge", "En Rade" (também foi o responsável pela cenarização), "Yvette", "Le Captain Fra-
casse", "Tout sa vie", "Dans une Ile perdue", "A mi-chemin du Ciel", "Tour de chant", todos na França;
na Inglaterra fêz "Pett and Pott", com Griegson, e depois, como produtor de documentários, realizou:
"Night Mail", "Rainbow Dance", "Coal Face", "Roadway", "North Sea", "Men in Danger", "First Days",
"Squadron 992", "Men of the Lightship"; como produtor associado e diretor, fêz "The Foremen went to
France", "Went the day well", "Greek Testament", "The halfway house", "Champane Charlie", "Dead of
night" (Na solidão da noite); em colaboração: "Nicholas Nickleby", "They made me a fugitive" (Nas garras
da fatalidade), "The first gentleman" e "For them that trespass".

No momento Cavalcanti está se preparando para empreender talvez um dos seus trabalhos mais difíceis.
Vai êle realizar, no cinema, "Sparkenbroke", película extraída da notável história de Charles Morgan.
Segundo nos informou o próprio Cavalcanti, Charles Morgan o está auxiliando na confecção do argumento
e do cenário.

Cavalcanti está entre nós, numa visita à sua terra. Devemos homenageá-lo como um herói que volta
de uma batalha. Êle ganhou lá fora, numa guerra que não era nossa, uma batalha para o Brasil — a
batalha do espírito.



NO GALEÃO, depois de desembarcar do avião transcontinental, Alberto Cavalcanti dá as suas primeiras impressões ao redator desta seção

## FESTIVAL DE VENEZA

No Festival de Veneza, realizado recentemente, o júri concedeu os seguintes prêmios:

Grande Prêmio Internacional "Leon di San Marco" para o melhor filme apresentado ao Festival: "Manon" (Anjo perverso), de Georges-Henri Clouzot (França).

Prêmio Internacional por Méritos Especiais: "Ex-aequo" — "The Quid ONU", de Sidney Meyers (Estados Unidos); "Berliner Balland", de R. A. Steemle (Alemanha); "The Snake Pit" (Na cova das serpentes), de Anatole Litvak (Estados Unidos).

Prêmio Internacional para a "Mise-en-Scène": Aggosto Genina (Itália), por "Cielo Sulla Palude".

Prêmio Internacional para a Melhor Interpretação Feminina: Olivia de Havilland (Estados Unidos), em "The Snake Pit" (Na cova das serpentes).

Prêmio Internacional para a Melhor Interpretação Masculina: Joseph Cotten (Estados Unidos), em "Portrait of Jenny" (O retrato de Jenny).

Prêmio Internacional para a Melhor Encenação: Jacques Tati (França), com "Jour de Fête".

Prêmio Internacional para Fotografia: Gabriel Figueroa (México), por "Malquerida".

Prêmio Internacional para os "Decors": William Kallner (Inglaterra), para "Kind Hearts and Coronetts".

Prêmio Internacional para a Música: William Greenwood (Inglaterra), com "Last Days of Dolwin".

Prêmio "Presidência do Conselho de Ministros", para o Melhor Filme Italiano: "Cielo Sulla Palude", de Aggosto Genina.

Prêmio Internacional para o Melhor Documentário "L'Equateur aux Cent Visages", de André Cauvin (Bélgica).

Prêmio Internacional para o Melhor Curta Metragem: "Ex-aequo" — "Houles Celestes", de Martin Rikli (Suíça); "1948", de Spiri Merianton (França); "Singaresca", de Arne Succedorff (Suécia); "Tibet Proibition", de Mele (Itália).

Prêmio para o Melhor Filme para Crianças: "Rosa di Bagdad", de Antoin Meneghini (Itália).

## DE TODO O MUNDO

O chefe de orquestra e ator cinematográfico Rudy Valee, de 48 anos de idade, obteve licença para contrair matrimônio com Eleanor Norris, de 21 anos.

★

Greta Garbo e Ingrid Bergman tiveram em Roma longas e amigáveis palestras.

★

Depois de cumprir um longuíssimo contrato, Deanna Durbin deixou a Universal.

★

Anuncia-se que 5.777 filmes foram projetados nos cinemas italianos no período de 1948 a 1949, numa média de dois filmes diários. Nessas exibições a produção norte-americana figura em primeiro lugar, com 386 películas, seguida a distância por 53 películas italianas, 41 britânicas, 33 francesas, 15 mexicanas, 13 de diversos países e 37 reprises.

★

A Internacional Filme, de Palermo, concluiu um acôrdo com os Estúdios São Miguel, da Argentina, para a produção comum de quatro filmes em duas versões. Os temas e cenários para duas películas já estão prontos e em janeiro de 1950 o primeiro deles começará a ser rodado. A mesma emprêsa de Palermo estaria em negociações idênticas com estúdios britânicos, para uma série de filmes comuns a partir de setembro do próximo ano.

Ainda sôbre a colaboração com o cinema argentino, afirma-se que o famoso ator italiano Amedeo Nazzari voltará proximamente a Buenos Aires para filmar "Il Signore dell'una e mezzo", calcado num "script" do escritor portenho Cesar Tiempo.

★

De Cannes informam que a atriz cinematográfica Merle Oberon contemplou, horrorizada, seu possível noivo, o rico conde Giorgio Cini, perecer num desastre de aviação. Segundo um amigo do conde e da artista, Miss Oberon declarou depois do acidente que "para mim a vida não tem mais significação". Com o conde Cini pereceu também o pilôto do aparêlho particular do primeiro.

Merle Oberon comparecera ao aeródromo para se despedir do conde, que seguia para a Itália a fim de visitar sua mãe.

★

Notícias de Washington informam que o Departamento do Comércio revelou que os latino-americanos estão demonstrando uma preferência cada vez maior pelos filmes cinematográficos produzidos no México e na Argentina, em língua espanhola.

A informação do Departamento diz que, embora os filmes norte-americanos continuem a predominar, já há uma grande concorrência dos argentinos e mexicanos. Cita, mesmo, o caso do filme argentino "Deus lhe pague", extraído de uma peça teatral brasileira de grande sucesso, que bateu todos os "records" de bilheteria em Costa Rica. Explica o Departamento que nas pequenas cidades, onde quase ninguém fala o inglês e é grande a porcentagem de analfabetos, as películas faladas e cantadas em espanhol não podem deixar de ter a preferência popular.

No caso de Costa Rica, por exemplo, os filmes mexicanos que fixam aspectos da vida rural têm um enorme acolhimento pelas semelhanças que apresentam com a própria vida rural do país, com a sua paisagem. Acrescenta o Departamento que o que se passa em Costa Rica é o mesmo que nos demais países latino-americanos de língua espanhola.

O informe do Departamento chega à conclusão de que, embora nos países latino-americanos sejam exibidos muito mais filmes norte-americanos do que mexicanos, argentinos e espanhóis em conjunto, a popularidade está perfeitamente dividida entre os primeiros e os de língua espanhola.



Uma das mais violentas cenas de "O pior dos pecados" (Brighton Rock). Na foto, aparece Pinkie, o jovem chefe da quadrilha de "gangsters" (Richard Attenbourough), depois de ter o rosto cortado a navalha pelos componentes da quadrilha rival, dentro de um hipódromo. A todo momento a encenação descritiva do filme alveja uma brutalidade e um desespêro nunca completamente declarados

# A VIOLÊNCIA NO CINEMA INGLÊS

## "O PIOR DOS PECADOS" (BRIGHTON ROCK) ALCANÇOU O MÁXIMO

Por DILYS POWELL

**Por gentileza da revista "Britain Today", transcrevemos aqui êste artigo de Dilys Powell, um dos maiores nomes da crítica cinematográfica britânica. Êste material foi enviado especialmente para a REVISTA DA SEMANA, que assim tem oportunidade de transcrever em primeira mão, no Brasil, um excelente trabalho assinado por um dos mais expressivos nomes de uma autêntica literatura cinematográfica. Dilys Powell aparece sempre assinando a página cinematográfica de "Britain Today", a magnífica revista inglêsa.**

LONDRES — O climax da violência foi, presumivelmente, alcançado no novo filme "O pior dos pecados" (Brighton Rock); muito dificilmente poder-se-ia ultrapassar a dilaceração da sensibilidade. Não na Inglaterra, bem entendido, onde o cinema se reduziu às mais primitivas brutalidades físicas, no molde das produções hollywoodianas dos últimos anos. A violência de "O pior dos pecados" não é sadismo; não é o murro nas têmporas ou um cadáver que é violentamente atirado pela janela do arranha-céu, nem o massacre em massa de que se constituem os filmes de gangsters americanos; é antes a tradução em têrmos visuais de uma espécie de violência intelectual. E' isso bastante compreensível se levarmos em consideração o fato de que a peça é uma adaptação de uma das novelas de maior sucesso de Graham Greene.

Graham Greene, como muitos de seus contemporâneos de 1930 e 1940, é um moralista que força a si mesmo à contemplação daquilo que mais o horroriza: sua cumplicidade e interêsse no problema dos "fora-da-lei" na sociedade é a manifestação de um temperamento que, tem na ordem e na tradição o seu ideal de conduta; usou o thriller como um espêlho no qual faz refletir conflitos que ao mesmo tempo o aterrorizam e fascinam. Sua novela, "O pior dos pecados" (Brighton Rock), lançada em 1938, tem como figura central um rapaz educado na tradição católica, que acredita no dogma católico e escolhe deliberadamente a danação: um rapaz que, na idade de dezessete anos, é o chefe de uma quadrilha de criminosos. O filme, como a peça teatral, a qual foi também baseada na novela, preserva a estrutura geral da história, apesar de haver, naturalmente, alterações de narrativa. O caráter do rapaz foi, não suavizado, mas, digamos, libertado de alguns de seus abismos; e alguns críticos não titubearam em dizer que o ângulo da história foi alterado. Na realidade "O pior dos pecados" pode servir de texto para a discussão sôbre os problemas da tradução da palavra escrita para a imagem visual: as perdas e os ganhos, a necessidade de encontrar na narrativa pictorial aquilo a que T. S. Elliot daria o nome de objetivo correlato pela passagem da descrição literária.

Mas, para dizermos a verdade, a metamorfose aqui obriga o leitor-espectador a um choque muito menor que o normal. Verdade é que uma vez pelo menos o novelista participou na tradução de seu trabalho: o screen-play é do próprio Graham Greene, em colaboração com o libretista Terence Rattingan. O resultado é um filme cujo libreto está, para dar a mais simples classificação, brilhantemente esculpido. Possui um final, é verdade, do desagrado de um grande número de pessoas, entre as quais devo contar a mim mesmo. Mas em contraposição a isso deve ser levada em conta a vivaz movimentação da trama, a incisiva e real definição dos caracteres e um ele-

(Cont. na pág. 52)



RICHARD ATTENBOUROUGH
O chefe da "gang"



CAROL MARSH
Pausa na brutalidade



WILLIAM HARTNELL
O lugar-tenente



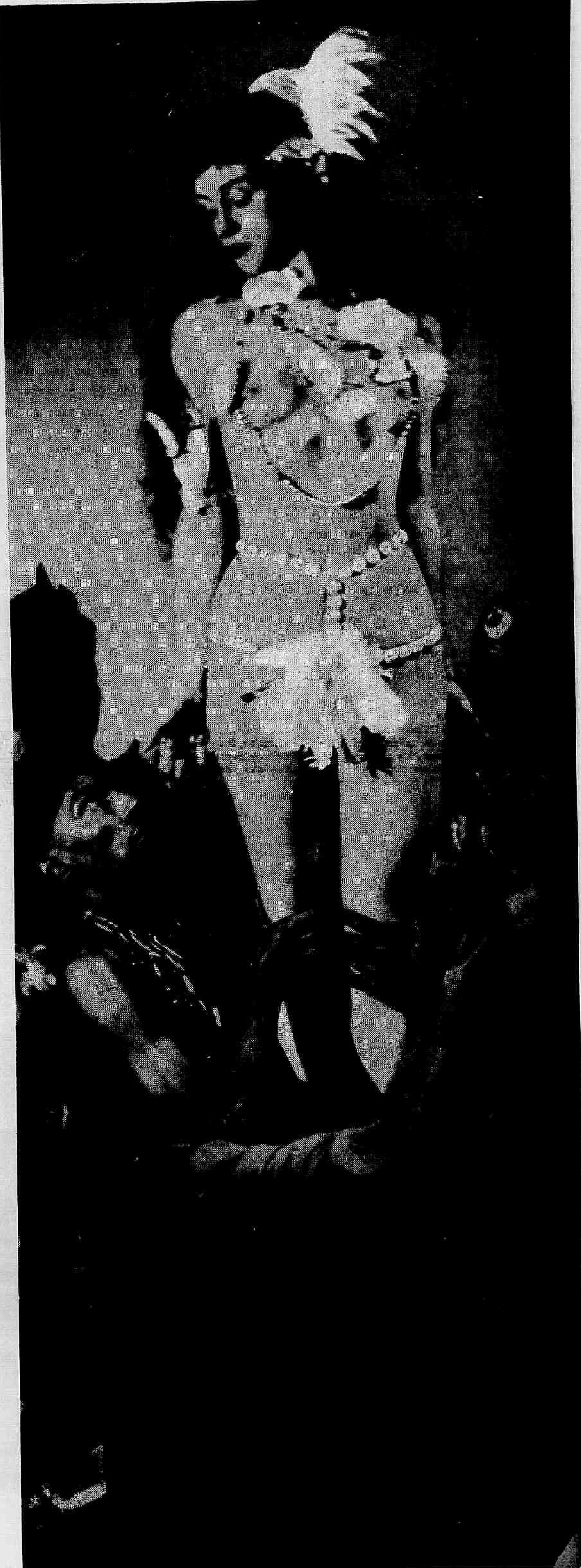
Os colhedores de castanhas do Pará aprisionam o terrível e voraz macaco "Cupelobo"



A aparição de Iemanjá, Rainha do Mar enfeitiçando Malu e o convidando para o seu Reino



Quando o perigoso macaco "Cupelobo" se desencantou, surgiu uma mulher de grande beleza



# AS LENDAS DE ZUMBI NAS SELVAS DO BRASIL



Os selvagens dançavam e glorificavam seus deuses quando "Cupelobo" se transformou

FELÍCITAS é uma apaixonada do folclore afro-brasileiro. Dedicando-se desde muito à arte da interpretação coreográfica dos mistérios da selva no sentido das crenças do negro africano que encheu o Brasil de lendas e abusões, percorreu, em longas viagens, as florestas e campos amazônicos, colhendo dados interessantes que vivem apenas das tradições orais, transformando tudo em emotivas criações coreográficas.

Assim como os poetas e os pintores fixam em livros e telas suas impressões psicológicas, Felícitas transplantou para a coreografia os sonhos de seu mundo maravilhoso e fantástico, mostrando-nos tôda a beleza selvagem e bárbara das danças africanas implantadas no Brasil.

Os seus bailados negros arrancam aplausos entusiásticos e nos ficam na memória de maneira indelével. As lendas de Zumbi, Iemanjá, de Cupelobo, revivem nos volteios de sua coreografia, narrando-nos tudo o que sucedeu entre os senhores das selvas com seus deuses e duendes e os estrangeiros que têm a ousadia de penetrar em seus domínios sagrados.

Um dos mais belos bailados de Felícitas é o de "Cupelobo". Que significará? Eis o resumo de sua origem: um povo lendário, cuja existência se confunde com as tradições do mais longínquo passado, traz de suas caçadas nas selvas um macaco a que chamam de "Cupelobo". E' um antropóide carnívoro e temível, já muitas vêzes visto pelos colhedores de castanhas no seio denso da floresta virgem.

O grande símio é, porém, dominado graças ao poder dos deuses protetores dos habitantes daquela tribo e é subjugado. Em volta do animal que ruge de raiva, são realizadas danças propiciatórias em louvor aos deuses que os ajudaram. Os feiticeiros pedem aos deuses que os livrem daqueles macacos, a fim de que possam viver em paz.

Mas, com imensa surprêsa para os caçadores, aquêle macaco horrendo, pavoroso e ameaçador, tranforma-se numa mulher branca de rara beleza física. E' uma deusa, uma Vênus escultural e fascinante.

Os dominadores do macaco, perplexos, atônitos, não acreditando no que os seus olhos viam, dançam e rendem homenagens a seus deuses pela graça recebida.

Mas essa divina visão os domina.

Outra das histórias folclóricas e lendárias constantes do grande repertório de Felícitas é aquela das tradições sôbre a existência do Zumbi na região do alto Amazonas.

A tribo do Rei Zumbi é guerreira e forte, temida por todos os seus semelhantes naquelas redondezas selvagens. Sua fama vem desde as mais elevadas montanhas dos Andes nas fontes iniciais do grande Solimões.

Um dia o velho e poderoso Zumbi desejou desposar uma índia. Mas era necessário que ela fosse bela e forte, a fim de que sua descendência continuasse as tradições do seu povo.

Trazem a noiva à presença do Rei. Êste começa a dar-lhe ordens. A índia se revolta e contraria os desejos de Zumbi. A luta corpo a corpo entre os dois não se faz esperar.

Mas, por fim, o Rei vence e domina sua escolhida. Ela reconhece afinal a superioridade do seu espôso e cai desfalecida. Zumbi então a cobre com o seu manto e com as insígnias reais.

Outra história emocionante é a daquele homem que, tendo prometido vencer as dificuldades contra seu inimigo, foi procurar o feiticeiro da tribo no seio da mata e lhe pede auxílio.

Para facilitar a bruxaria, mostra ao macumbeiro uma imagem de sua vítima, representada num boneco.

O feiticeiro recua. Não fará trabalhos de mandingas para matar ninguém; mas, por fim, é vencido pelas razões do cliente. Começa o rito bárbaro. Surgem duendes sob os efeitos daquela liturgia macabra na noite impenetrável.

Súbito a vítima aparece; vem de longe, sob os efeitos hipnóticos das danças e ritmos selvagens; percebendo, porém, o seu fim nas mãos do feiticeiro, tenta reagir. O boneco que representava sua efígie ali está, na iminência de ser trespassado pelo alfinete do

(Cont. na pág. 48)

Casamento do Zumbi, o Rei dos mais famosos guerreiros do alto Amazonas



O bailado bárbaro fêz descer sôbre a tribo os efeitos misteriosos das danças



Cena dramática dos ritos negros de Vuchi, liturgia selvagem dos feitiços africanos e mortais

Cena culminante em que os feiticeiros dominam sua vítima hipnotizada pela dança bárbara

# AS ROSAS VERMELHAS

CONTO DE AURORA R. C. ARAUJO

[illegible]

Mário não insistiu, pois desejava mesmo ficar, enquanto durasse a festinha que sua agência de publicidade oferecia ao jovem triunfador que era Jaime Rossi.

Acompanhou a noiva até o elevador, e à sua passagem muita gente se virou. Era-lhe comum despertar a atenção dos outros homens, quando levava a noiva pelo braço. Vânia era de uma beleza pura, os traços delicados num rosto moreno, a pele aveludada e macia como a de um pêssego maduro. Os cabelos pretos e brilhantes, artisticamente penteados num coque no alto da cabeça davam-lhe maior distinção ao porte elegante e ao corpo esguio e bem feito.

Beijou-lhe de leve a mão e ficou esperando que o elevador descesse, para então voltar à sala de recepção.

Vânia sentiu prazer em respirar o ar fresco da noite primaveril. Lá em cima, muito acima dos prédios altos, brilhavam estrêlas no céu escuro. Como era agradável sentir a brisa suave, depois do ar viciado de dentro da sla!

— Quer que chame um taxi?

Voltou-se, sobressaltada, para encontrar os olhos dêle fixos no seu rosto. Respondeu secamente:

[illegible]

Com as mãos sôbre os olhos, esperou que as batidas de seu coração voltassem ao compasso normal, para, depois, trocar o vestido por um penteador de crepon estampado e soltar os cabelos, deixando-os caídos sôbre os ombros.

Então, de dentro de uma gavêta de sua cômoda, bem debaixo das roupas, suas mãos trouxeram para fóra um caderno com capa de couro vermelha, com as seguintes palavras gravadas em ouro: "O Meu Diário" — Florianópolis, setembro de 1943. Com o caderninho entre as mãos, o tempo voltou atrás e tornou a ouvir a voz dêle:

— O meu primeiro presente para você. E' para que, nêle, você anote os nossos momentos felizes!

Conhecera-o num piquenique que havia feito com umas amigas, e, instantaneamente, deram-se conta da atração irresistível que os aproximara. Ela tinha vinte anos, naquela época era cheinha de corpo e usava os cabelos curtos e crespos.

Ele, êle era o rapaz mais bonito da cidade! Tinha vinte e quatro anos, era descendente de italianos, seus cabelos eram louros e crespos, e os olhos, estranhamente verdes, formavam um magnífico contraste com a pele bronzeada pelo sol.




Jaime era desenhista numa firma da cidade e seu maior desejo era terminar o curso de Belas Artes, interrompido quando conseguira aquêle emprêgo em Florianópolis. Fanático pelos pincéis, vivia procurando temas inspirados para fixá-los na tela e seus melhores trabalhos começara a fazê-los depois que a conhecera e amara.

Os dedos trêmulos da moça vão virando as páginas e a magia dos dias passados revive diante de seus olhos.

Acaso naqueles meses o sol brilhava mais quente e radiante sôbre os campos, o azul do ceu teria se esmerado em parecer mais puro e as flores em desabrochar mais belas, ou seria o sentimento da felicidade que sentia, aquêle doce encantamento que a envolvia, que assim a fazia ver as coisas?

Debaixo de cada data havia algumas linhas escritas, mas seu coração completava o que os olhos liam, pois que sempre sentira dificuldade em expressar seus sentimentos, por escrito. E mesmo, quais os termos que empregaria para descrever o despontar do amor no seu intimo, a paixão que Jaime despertara em seu coração juvenil, o encantamento que lhe produziam seus beijos apaixonados e suas palavras de amor?

Sua mãe compreendera a fôrça e a profundeza daquele amor e procura aconselhá-la a dominar um pouco seus ímpetos. Mas póde alguem impedir que a onda rebente em espumas na praia arenosa, que o sorriso surja sempre, meigo e confiante, no rosto das crianças ou que, diariamente, a vida se renove? Pois a mesma coisa era desejar que ela sentisse de outra maneira. Profundamente apaixonada, conhecendo, pela primeira vez, as doçuras do amor, ela não pensava noutra coisa senão o Jaime. A primavera e o verão passaram ligeiros e ela via a vida e o futuro através do encantamento que envolvia o presente. Sua felicidade era perfeita, pura!

Depois, em fins de março, Jaime lhe dissera, cheio de entusiasmo:

— Arranjei um modêlo lindo para um quadro. Vou pintá-lo e chamá-lo-ei "Juventude".

— Quem é o modêlo, Jaime? Conheço-a?

— Não sei se você a conhece, Vânia. E' uma sobrinha da Sra. Pimentel, a Marília, que veio de Santos...

Os olhos brilhantes, antevisando o quadro pronto, continuara:

— Ela é loura e linda e será um modêlo notável!

Pela primeira vez em sua vida, Vânia sentiu o aguilhão do ciúme, que iria crescer diariamente e destruiria a fé e confiança depositadas em Jaime.

Procurando demonstrar indiferença, fizera a perguntas que há semanas estava a espera duma oportunidade para ser proferida:

— Por que você não me usa como modêlo?

A resposta viéra, espontânea e natural:

— Por que hei de querer retratá-la? Para que colocar numa tela a imagem que guardo no coração?

As páginas que Vânia folheia agora são as que falam em Marília e em suas seções de pôse. O quadro progredia rapidamente e Jaime estava satisfeitíssimo com o que pintava. Marília posava com um "short" vermelho que lhe deixava nús os braços e as pernas, e seus cabelos, louros e lisos, caindo-lhe brilhantes pelos ombros, voavam ao vento. Uma das mãos da moça se apoiava numa rocha escura, ela olhava para a frente, com os olhos cheios de luz, e a relva muito verde, e o céu muito azul, formavam o fundo do quadro. Quasi diariamente Vânia ia assistir alguns instantes de pôse, e seu coração se apertava, roido de ciumes, vendo como a camaradagem crescia entre o pintor e seu modêlo. Havia sorrisos, olhares e palavras que a feriam profundamente e um dia, ao chegar inesperadamente, vira a mão de Marília demorar-se, numa carícia prolongada, no rosto de Jaime, que lhe sorria alegremente. Vânia não esperara mais. Voltara correndo para casa, sentindo-se desfalecer de angustia, enlouquecida pelo ciúme, e se havia refugiado no seu quarto, onde, deitada de bruços sôbre a cama, o rosto enterrado no travesseiro, soluçara sentidamente, até que suas lágrimas se esgotassem.

Sentindo o coração dolorido, a cabeça latejando, aguardara a chegada do noivo, à noite, na hora do costume. Fôra ela quem iniciara a discussão e, exaltados, tinham trocado, ambos, palavras terríveis.

Vânia recorda êste dia e os outros dois que se seguiram, nos quais se sentira infeliz, amargurada, incapaz de confiar novamente na lealdade de Jaime, impotente para lutar contra o ciúme que invadira e se apossara de seu coração.

Depois, algumas linhas manchadas pelas lágrimas, marcando o termino de seu romance e as últimas palavras de Jaime; "Lembre-se sempre, Vânia, de que foi você que assim o quiz"!

Havia mais uma página escrita no seu diário e nela se viam apenas três datas. Vânia torna a lê-las:

11 de maio: "Meus Deus, fazei com que Jaime não se tenha ido para sempre! Fazei com que êle volte, porque, senão, o que será de minha vida? Um deserto árido, sem emoções nem alegrias!"

24 de setembro: "Mamãe faleceu ontem. Ia fazer uma simples operação de apendicite, sobreveio a peritonite e ela morreu. Estou sózinha com minha dor. Que será de mim, sem mamãe querida e sem Jaime?"

16 de dezembro: "Nada mais me prende em Florianópolis. Parto amanhã para o Rio, depois de me ter desfeito da casa e dos móveis. E' esta a última vez que escreverei aqui. Vou iniciar um novo capítulo na minha vida. Que Deus me proteja e me faça feliz!"

As outras páginas, tôdas em branco. Como dissera, nunca mais escrevera, desde que viajara para o Rio, onde conseguira um emprêgo numa Agência de Publicidade.

Os primeiros meses no Rio haviam sido difíceis. Amargurada, triste, cheia de desânimo, não tinha desejos de passear ou se distrair. Saía da pensão onde morava somente para o serviço, e cada dia passado parecia tornar mais forte a falta que sentia da mãe. Em Jaime, procurava não pensar, porque compreendera, cheia de remorsos, que a única responsável pela sua infelicidade fôra ela mesma, que fôra incapaz de ter confiança no homem que seu coração elegera, e que não soubera combater o ciúme que fôra mais forte que tudo!

Mas, paulatinamente, a dor que sentira fôra amenizando. E deliberadamente, cada vez que uma recordação de momentos que estivera com Jaime tornava a aparecer, procurava pensar em coisa bem diferente. Conseguira até convencer-se que havia agido bem, e que, junto de Jaime, nunca seria completamente feliz, porque a par dos momentos de êxtase estariam os instantes de dúvida, incerteza e ciume!

Na sua nova vida, Vânia conquistou um desembaraço e altivez que dantes não possuia e seu corpo, adelgaçado adquiriu uma nova elegância. Aprendeu a realçar seus encantos e acostumou-se a receber elogios e cumprimentos dispensados à sutil fascinação que se desprendia de sua pessoa.

No fim do segundo ano que estava no Rio era já a secretária particular de um dos dirigentes da firma, o Sr. Mário Cunha, um homem moço e simpático, que, cativo de sua beleza, por ela se apaixonara.

Sentindo-se em segurança, apoiada no amor dêste homem bom, trabalhador e honesto, aceitou, mais tarde, o anel de noivado que êle lhe ofereceu. Sabia que seria feliz, casada com Mário, mas não tinha pressa em dar êste passo. Seria feliz, de uma felicidade calma, estavel, sem momentos de delírios e paixões. Mas sua própria experiência não lhe dizia que isto era o melhor que poderia desejar? Não conhecer novamente o ciume, ter certeza de saber-se amada, de ser a única no coração do espôso?

(Cont. na pág. 49)

ILUSTRAÇÃO DE **OSWALDO DA CUNHA**
SELECIONADO PELA **REVISTA DA SEMANA**







Altas patentes militares que assistiram ao desfilar de nossas fôrças armadas na manhã de Sete de Setembro, vendo-se, à esquerda para a direita: Generais Otávio da S. Paranhos, Eudoro Barcelos, Cândido Caldas, Saldanha Mazza, Fiuza de Castro, Mendes de Morais, prefeito do Distrito Federal e Agra Lacerda

# O GRANDE DESFILE DE SETE DE SETEMBRO

Fotos de A. VIEIRA

O tempo, que se mantinha ameaçador até altas horas do dia seis de setembro, com fortes ventanias e chuva impertinente o que já durava alguns dias, para alegria do carioca, amanheceu mais acolhedor a sete, data máxima da nacionalidade.

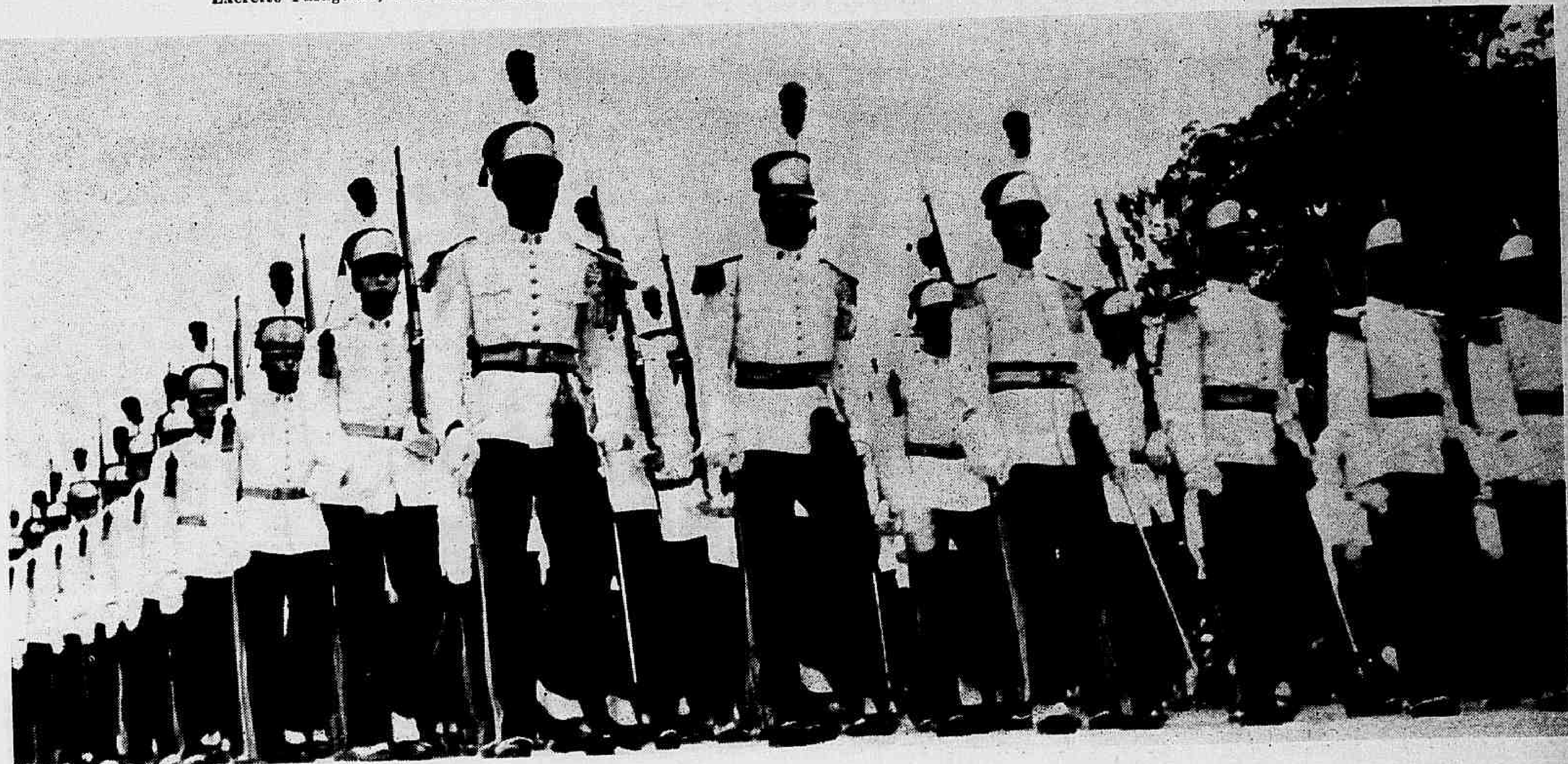
Embora não estivesse com ares de primavera, céu escampo e azul, a situação meteorológica passa a manter-se de forma que a população pudesse sair de suas casas e vir à vasta área das formações militares, a fim de assistir e admirar a magnificência de nossas fôrças armadas no seu desfilar pelas artérias principais do centro da cidade em memória da grande data brasileira.

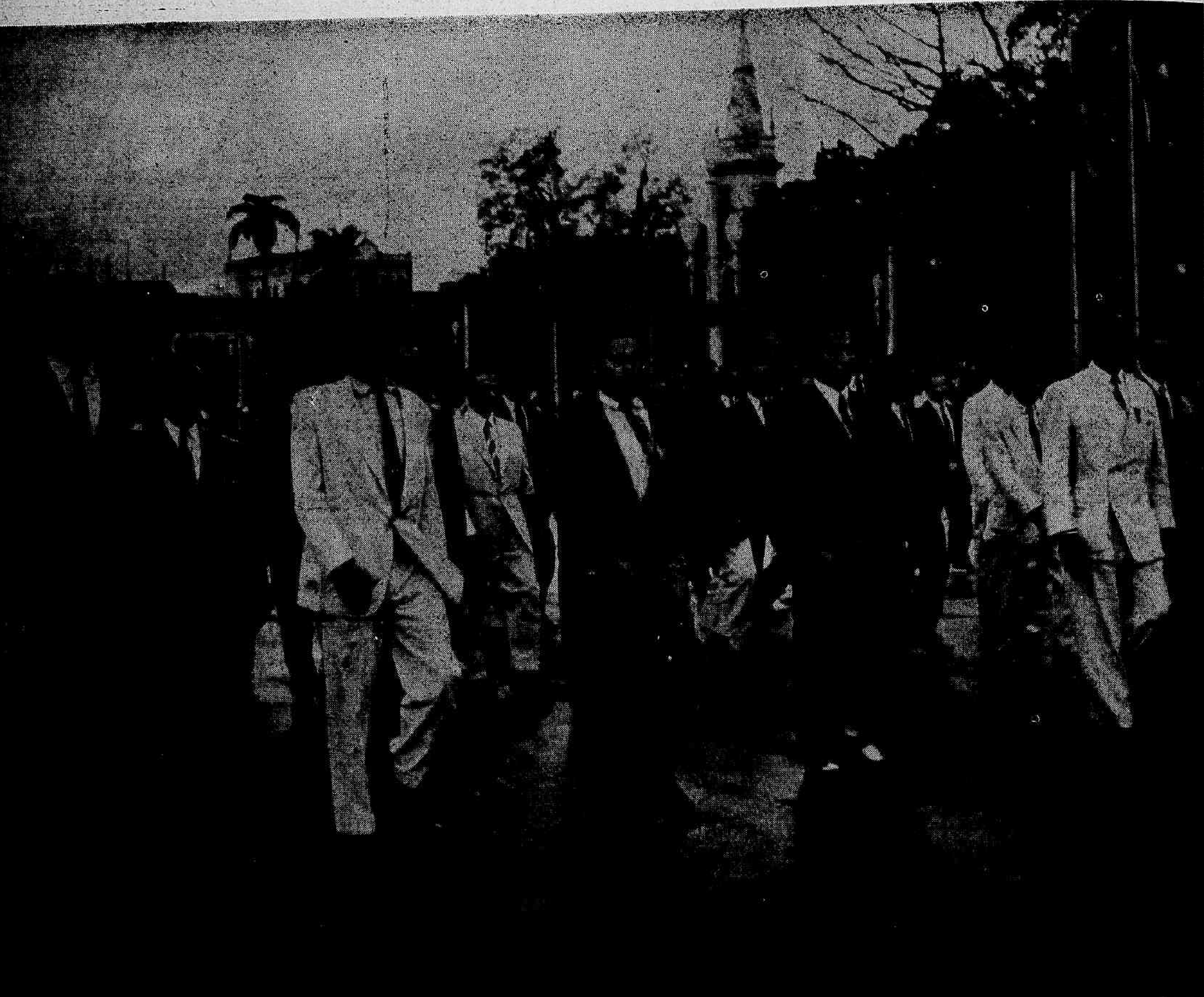
Desde muito cedo grandes massas populares afluíam ao centro urbano tomando posição por tôda a extensão nos locais mais apropriados para ver as solenidades, com tôdas as tropas em uniforme de gala, desde a praia do Flamengo até ao Quartel General.

Havia muita curiosidade pública acêrca

(Cont. na pág. 52)

Na página, à esquerda: Personagens nacionais e estrangeiras na Tribuna Oficial, vendo-se, da esquerda para a direita, o sr. Nereu Ramos, brig. Cesar R. Ojeda, ministro da Aeronáutica da Argentina, o presidente Dutra, dr. José Z. Arza, ministro da Defesa Nacional do Paraguai, general Canrobert P. da Costa, general Francisco C. Alvarez, do Exército Paraguaio, e dr. Cirilo Júnior e Láudo Camargo. Em baixo: Infantaria da Escola Militar de Rezende em marcha





Na grande parada militar dêste ano tomaram parte os nossos ex-combatentes que foram aos campos da Itália defender o Brasil. Ei-los a desfilar na Praça da República. A grande multidão que assistia ao desfile aplaudiu com incontido entusiasmo àqueles civis que tão alto ergueram o nome do Brasil nos campos da Itália



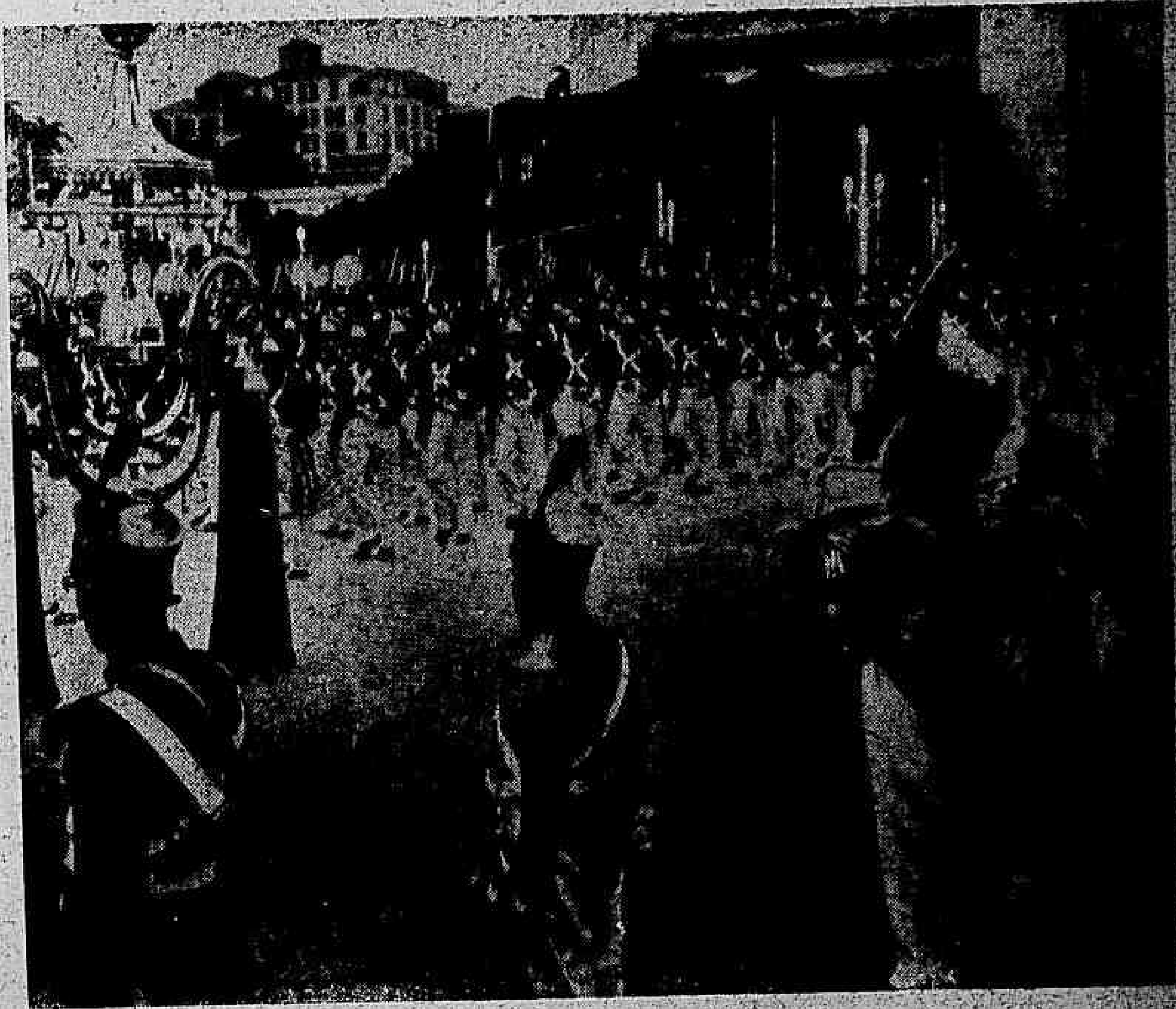
Soldados da Aeronáutica desfilam garbosamente diante da Tribuna Oficial, onde estavam as autoridades da República e representantes de várias Missões estrangeiras



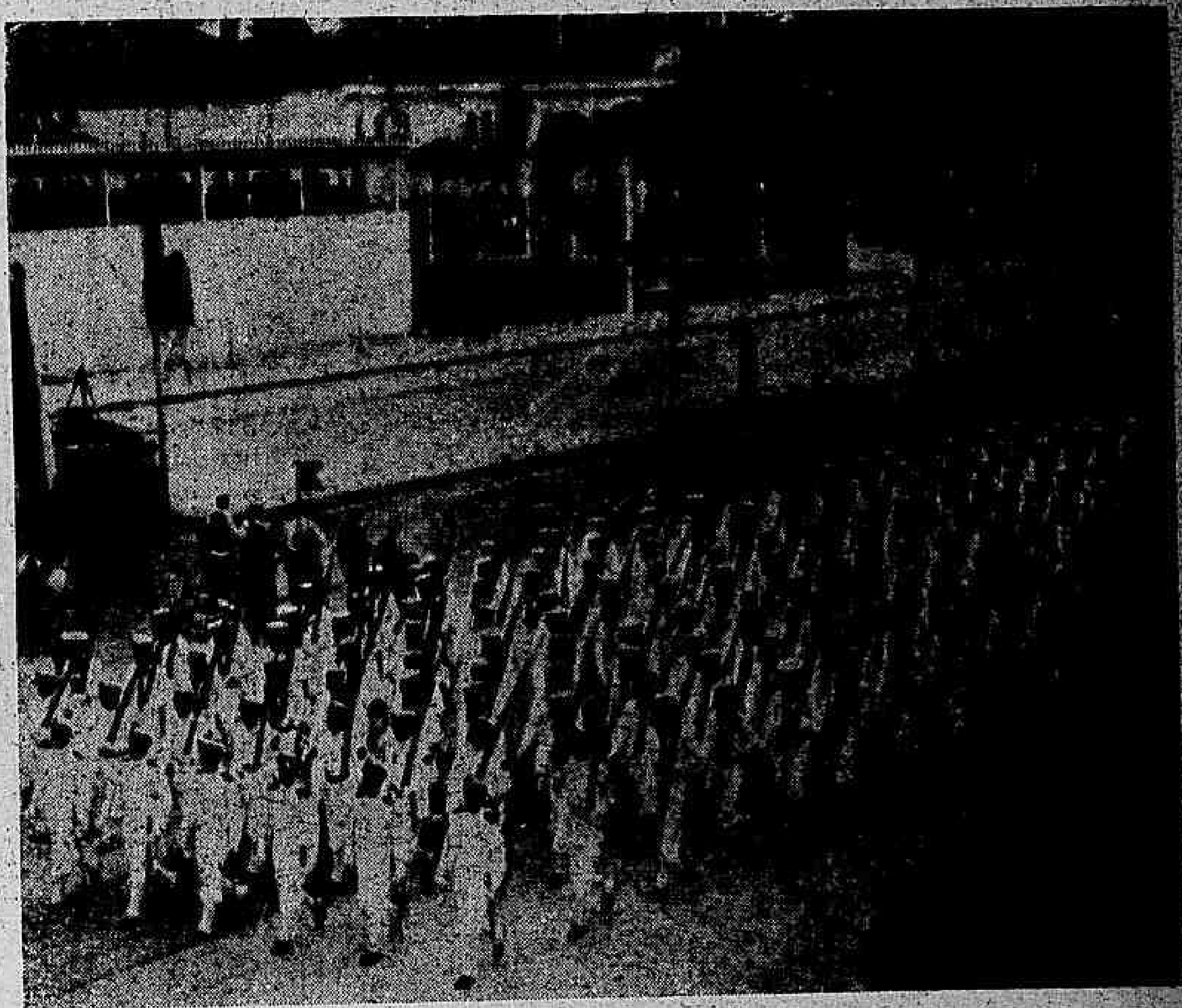
Emprestaram o maior brilho às festividades de nossa data máxima, os soldados da Escola Naval, cujo garbo é sempre um motivo de aplauso do povo



Outro aspecto do desfile da Escola Militar de Rezende em seus uniformes de gala e que sempre constituem um motivo de aplausos do povo



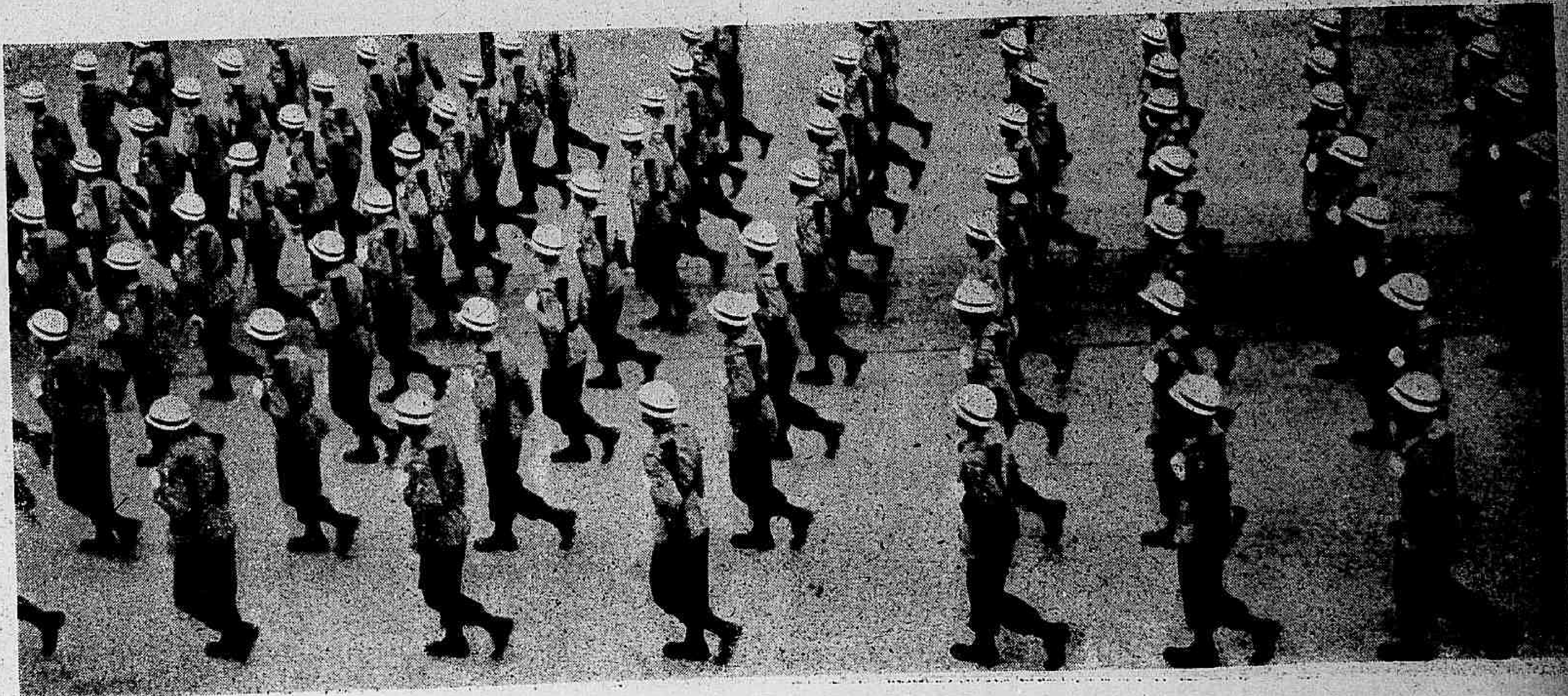
O Batalhão de Guardas quando chegava à Praça da República, desfilando garbosamente diante do coreto oficial e sob palmas de grande multidão



Nossa gloriosa Marinha de Guerra deu o mais refulgente brilhantismo à Parada da Independência Nacional, como vemos por êste flagrante expressivo

★

Formação de Paraquedistas de nossa Aeronáutica, com suas armas de ataque desfila diante da grande massa de povo, sendo motivo de gerais aplausos. Embora uma organização militar de guerra ainda em começos de desenvolvimento, já conta com considerável número de soldados, mostrando que o Brasil está cuidando de sua defesa

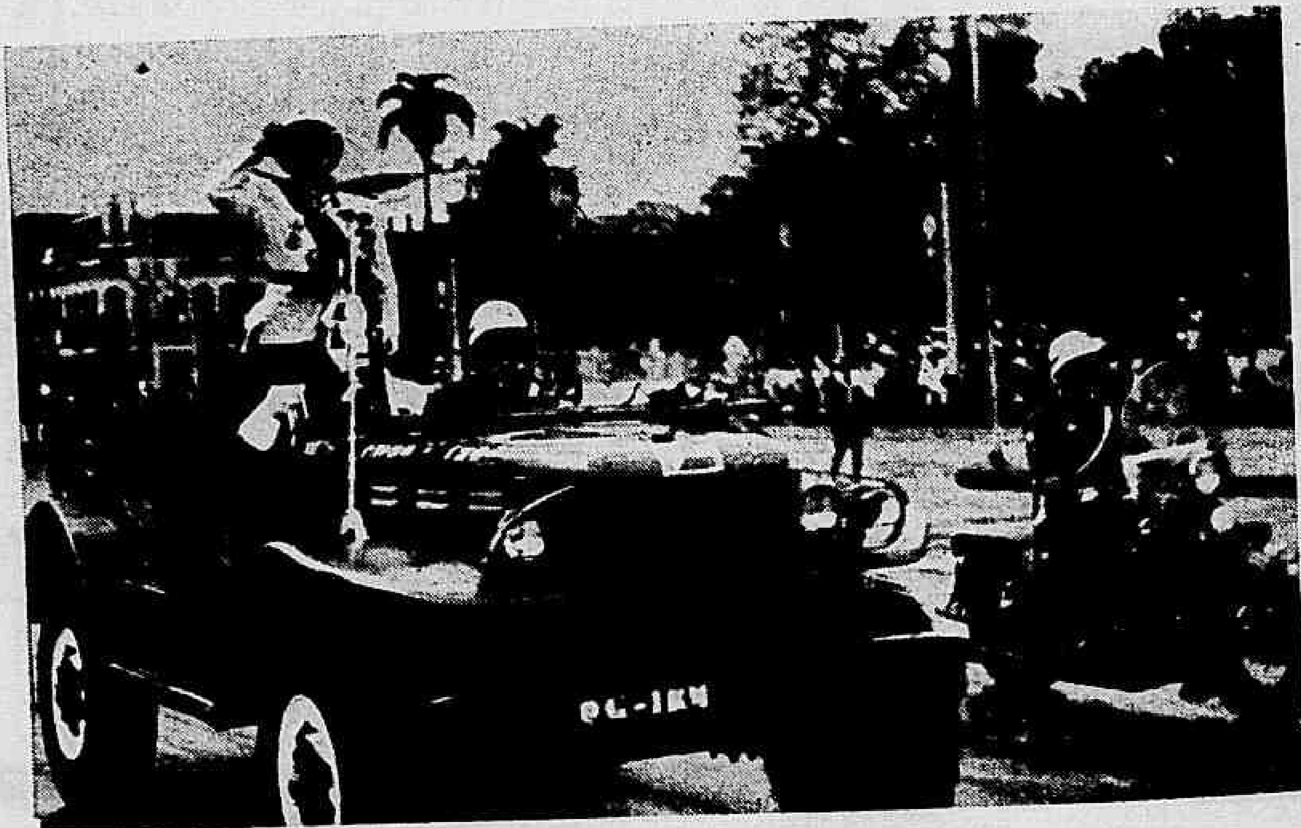




Foi considerável a afluência de povo para ver o desfile das tropas pelas nossas principais avenidas. Famílias com seus filhos menores, operários, militares reformados, etc., todos se postaram nos melhores locais para o grande espetáculo. Neste flagrante vemos crianças que furaram os cordões e um grupo de Irmãos Maristas




Esquadrão "Tenente Amaro", primeiro Esquadrão de Reconhecimento na Segunda Grande Guerra, e que tantas glórias alcançou na campanha da Itália



General Euclides Zenóbio da Costa, comandante em chefe de tôdas as formações militares que tomaram parte na Parada de Sete de Setembro dêste ano



Jeep em que tomaram parte os oficiais do Comando da Escola de Aeronáutica, uma das mais queridas corporações militares do Brasil



Os Dragões da Independência, em seu vistoso e tradicional uniforme, quando cavalgavam pela Avenida Presidente Vargas, na grande Parada Militar



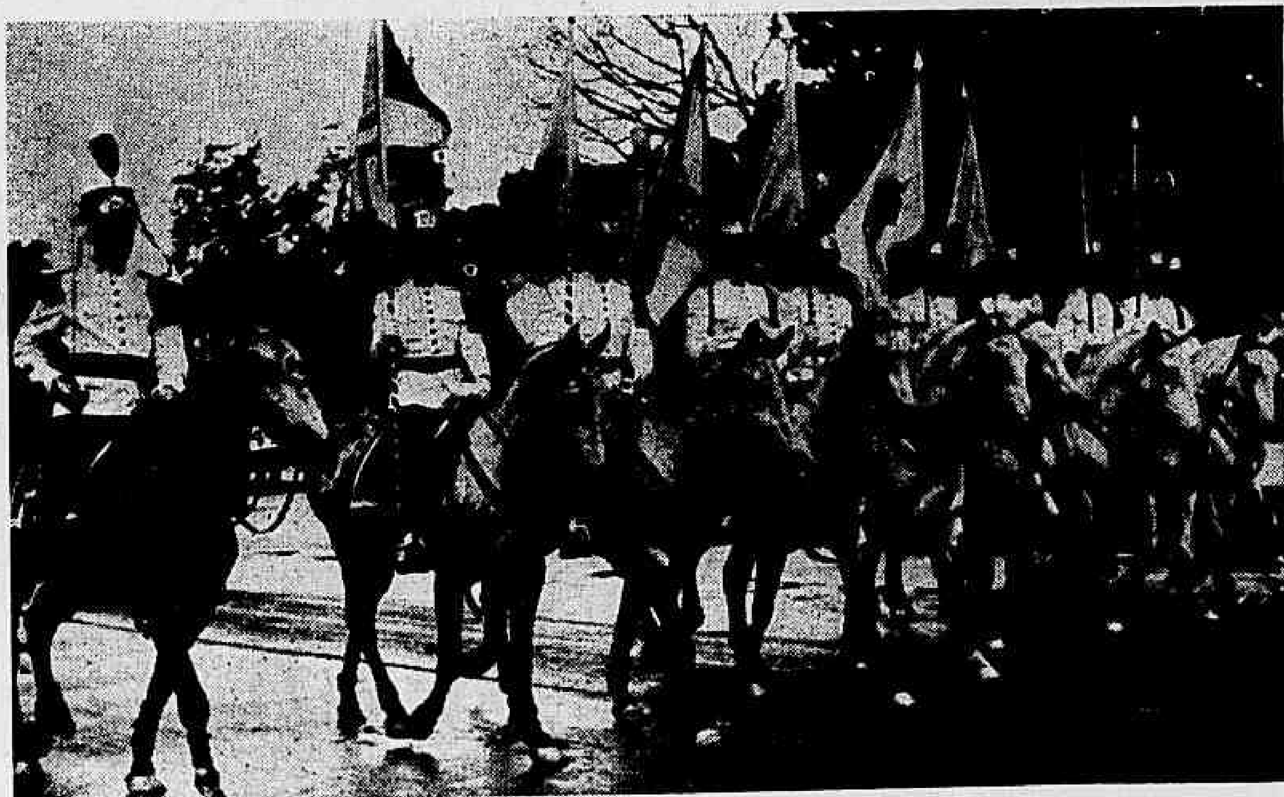
Em tôdas as festividades cívico-militares, as crianças não perdem tempo. Aqui vemos interessante grupo de garotos de ambos os sexos empunhando suas bandeirinhas, pacientemente sentadas ao meio-fio das avenidas à espera da passagem das tropas. Elas também rendem suas homenagens à Pátria



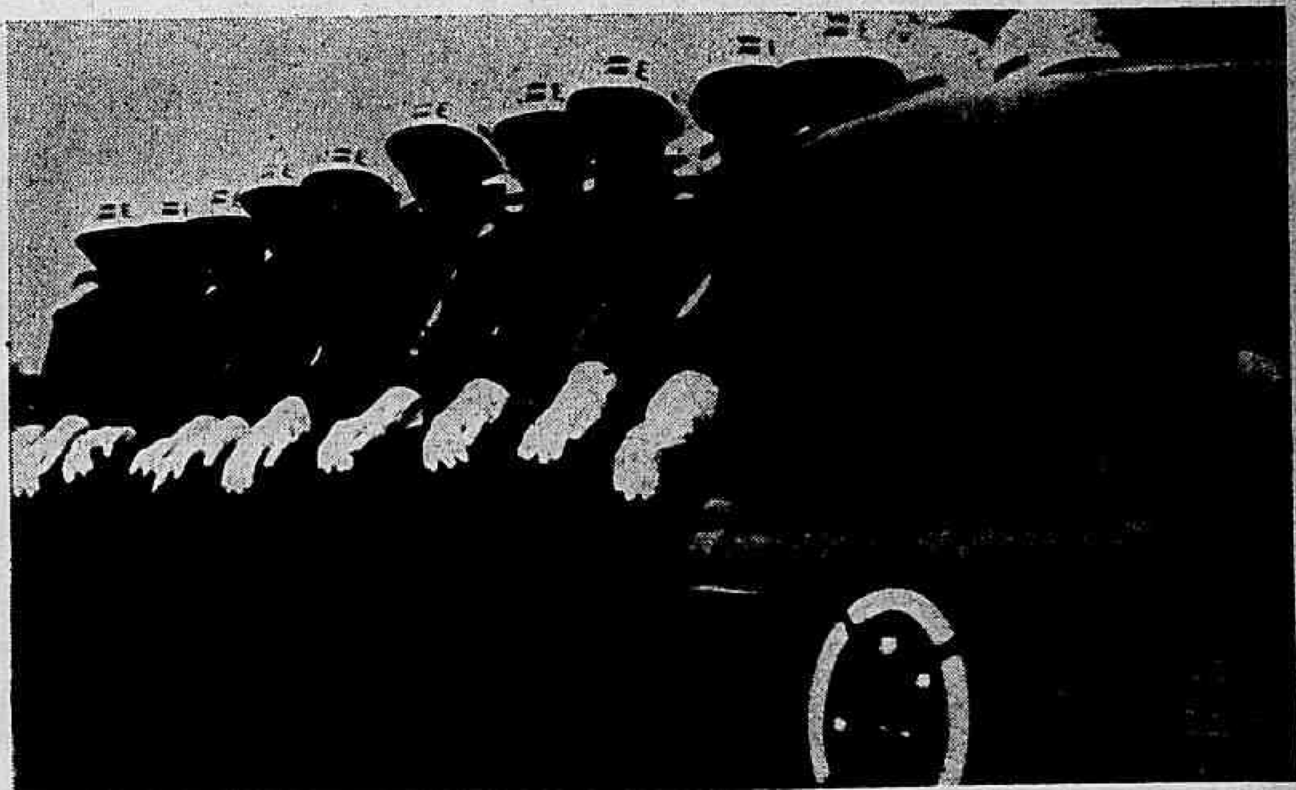
Belíssima formação de tanques do exército desfilando diante do Palanque Oficial, dando à Parada de nossa data máxima uma expressão de fôrça



Grandes peças de artilharia pesada puxadas por tratores rodaram seus grandes pneus pelo asfalto das avenidas, despertando a curiosidade do povo



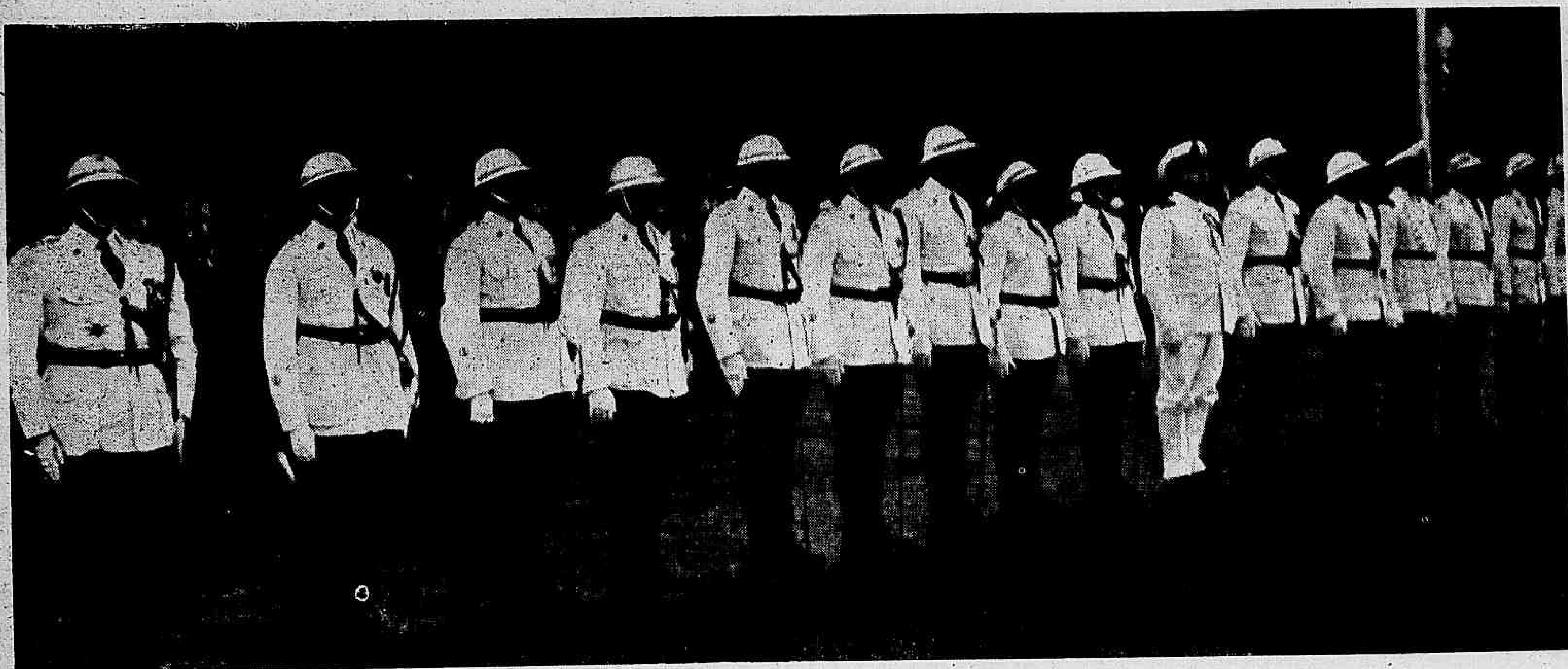
Bandeiras históricas do Brasil, conduzidas pelos alunos da Escola Militar de Rezende, constituindo aspecto de grande beleza à Parada da Independência



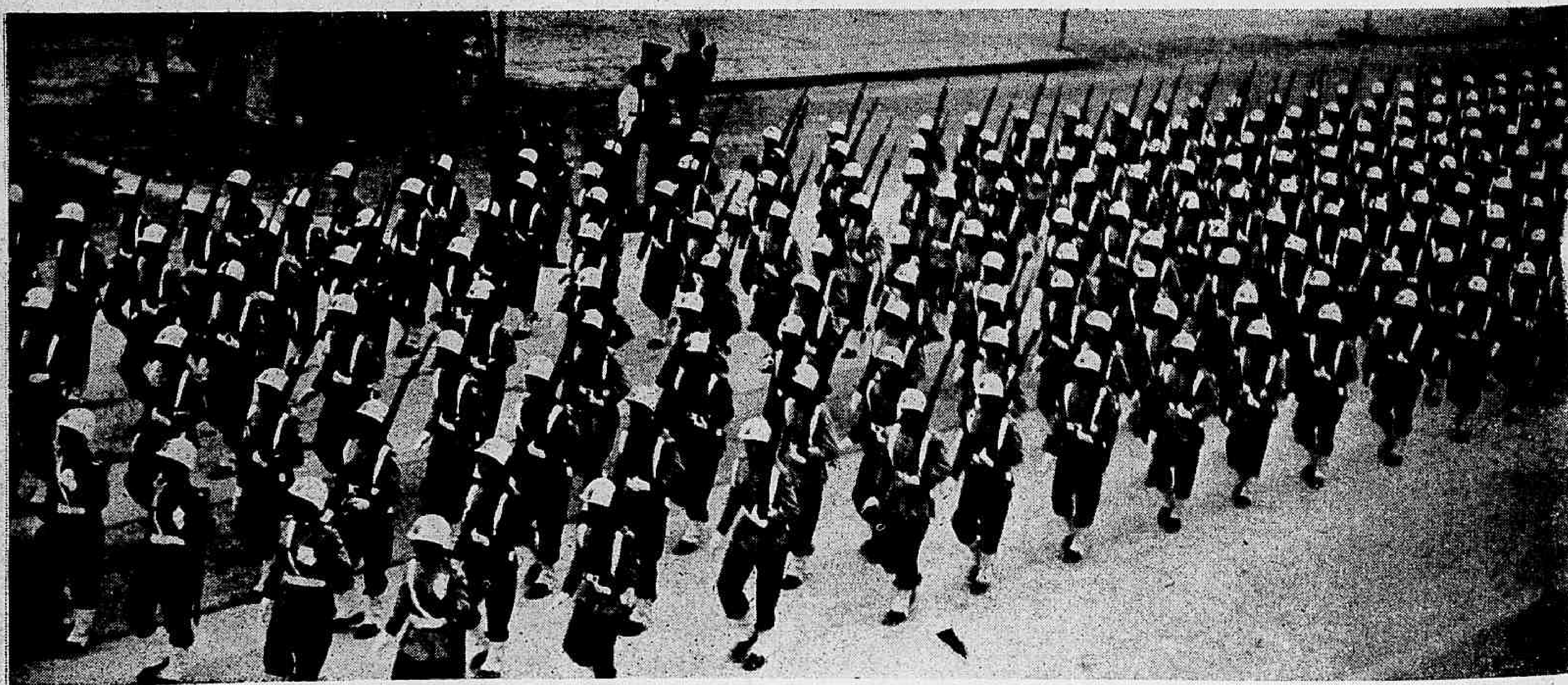
Em carros especiais desfilaram grupos de soldados da Polícia do Exército em uniforme de grande gala, conforme apresenta êste flagrante



Nossos garbosos soldados do Segundo Regimento de Infantaria quando marchavam pela Praça da República, na memorável Parada de nossa Independência, na manhã de Sete de Setembro dêste ano, tendo arrancado da multidão que se comprimia entre os cordões de isolamento os mais justos aplausos



Estado Maior da Parada Militar de Sete de Setembro, perfilado diante do Palanque Oficial, assiste ao desfilar de nossas tropas de tôdas as armas. Vê-se, à esquerda, o coronel Nelson de Melo, chefe do Estado Maior da Primeira Região Militar, que tem sua sede no Distrito Federal

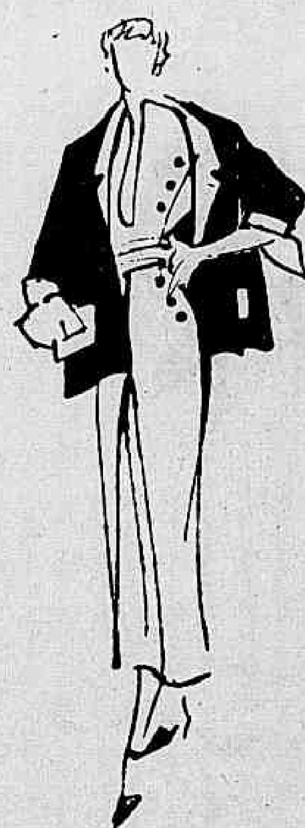


Formação da Escola de Sargento das Armas, quando desfilava pela Avenida Presidente Vargas em direção da Praça da República, onde se erguia o Palanque Oficial com o sr. presidente da República, autoridades civis e militares, os srs. representantes de Repúblicas vizinhas e suas exmas. espôsas



Impressionante e empolgante aspecto do desfile da infantaria do Colégio Militar, vendo-se, ao fundo, o majestoso edifício do Ministério da Guerra





CHRISTIAN DIOR



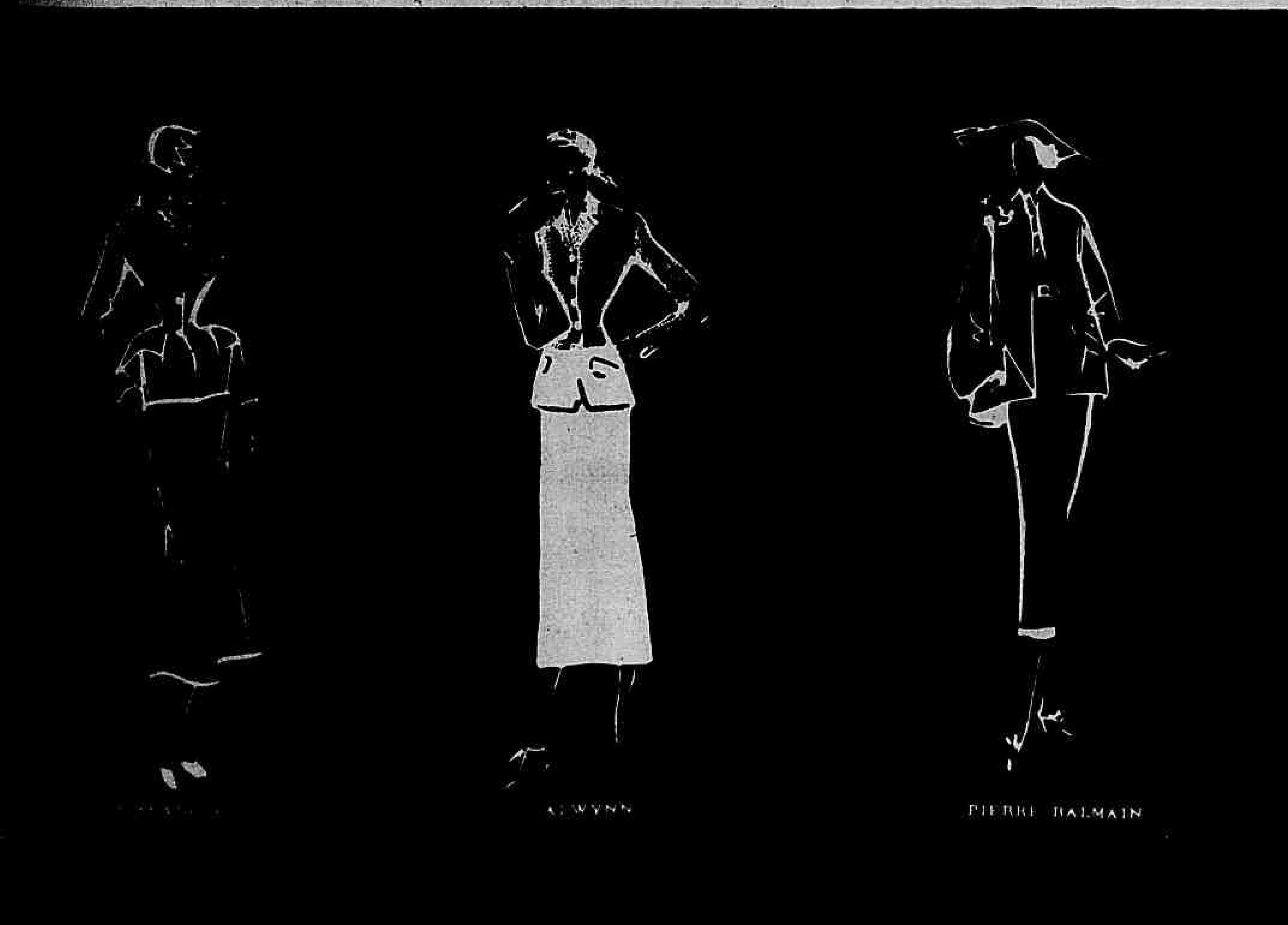
MARCELLE CHAUMONT

# AGASALHOS LIGEIROS

AINDA existem, durante a primavera, manhãs ou tardes em que a temperatura não nos permite sair com vestidos muito ligeiros. Para êsses dias existem agasalhos leves, que podem constar de uma écharpe de lã com franjas, de um casaco de lã escocesa de linhas amplas, de ligeiros "manteaux" sem gola, de "ensembles", etc., os quais, se não agasalham de mais, pelo menos nos protegem contra um friozinho que muitas vêzes insiste em ir até dezembro.







[illegible] — ALWYNN — PIERRE BALMAIN



WORTH — PAQUIN

# week-end NA COZINHA



Você poderá fazer "ostras falsas" recheando as cascas com camarão com môlho de maionese

BOLINHOS DE BACALHAU

Tome 300 grs. de bacalhau aferventado, passado na máquina, e leve ao fogo num refogado com salsa, cebola e cebolinha bem picadas. Retire do fogo, junte 150 grs. de batatas amassadas, ½ colher de manteiga e 4 ovos, as claras em neve. Misture tudo e vá fritando às colheradas em banha quente.

★

FÍGADO DE PANELA

Tome 1 quilo de fígado, corte em fatias, tempere de sal, deite numa panela com manteiga, salsa e cebolinha picadinhas, ½ colher de farinha, 1 colher de vinagre, 1 pitada de pimenta do reino, 1 pedacinho de louro e 1 xícara de vinho tinto. Deixe cozinhar uns vinte minutos e sirva.

★

OMELETE DE PÃO FRITO E PRESUNTO

Faça um omelete com 8 ovos e recheie com a seguinte composição: tome 100 grs. de presunto, 100 grs. de queijo e ½ xícara de miolo de pão frito na manteiga em cubos de 1 cm., misture e recheie a omelete.

★

CREME DE TAPIOCA

Ponha 1 xícara de tapioca de



A uma refeição saudável e variada não deverão faltar as frutas, que muito a enriquecerão

môlho, depois desmanche com 1 garrafa de leite quente, junte açúcar até adoçar, ½ colher de manteiga, 3 gemas, 1 pitada de sal e leve ao fogo, sempre mexendo, até aparecer o fundo da panela. Sirva quente polvilhado com canela.

★

PUDIM DE ABACAXI

Abra 1 lata de abacaxi em compota; retire o caldo, junte 200 grs. de açúcar e leve ao fogo para tomar ponto de pasta. Depois da calda morna adicione 6 ovos e peneire. Forre 1 fôrma com açúcar queimado, despeje dentro a calda com os ovos e leve a assar em banho-maria. Deixe esfriar bem, desenforme e faça ao redor uma



As massas constituem também pratos bastante apreciados por todos

grinalda com as rodelas de abacaxi cortadas ao meio.

★

BANANAS EM NEVE

Descasque 12 bananas prata e corte em fatias finas sôbre o comprimento. Arrume num prato untado de ir ao fôrno, em camadas polvilhadas com açúcar. Bata 6 claras em neve, deite sôbre as bananas, polvilhe com açúcar e leve a assar no forno.

★

CULINARIA

**Uma alimentação de legumes e frutas é excelente para manter a "linha".**

★

**O arroz ficará muito mais saboroso se depois do refogado lhe colocarmos caldo de carne ao invés de água.**

★

**Com a massa de pastel fazem-se uma variedade de pratos, inclusive canudinhos que poderão ser recheados de doce ou salgadinho.**

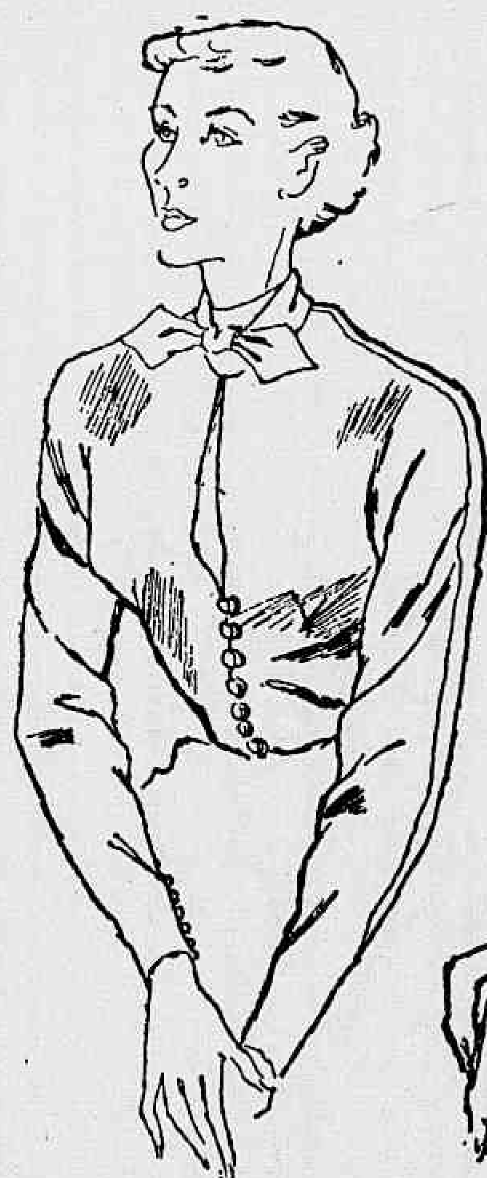


# PARA A PRIMAVERA

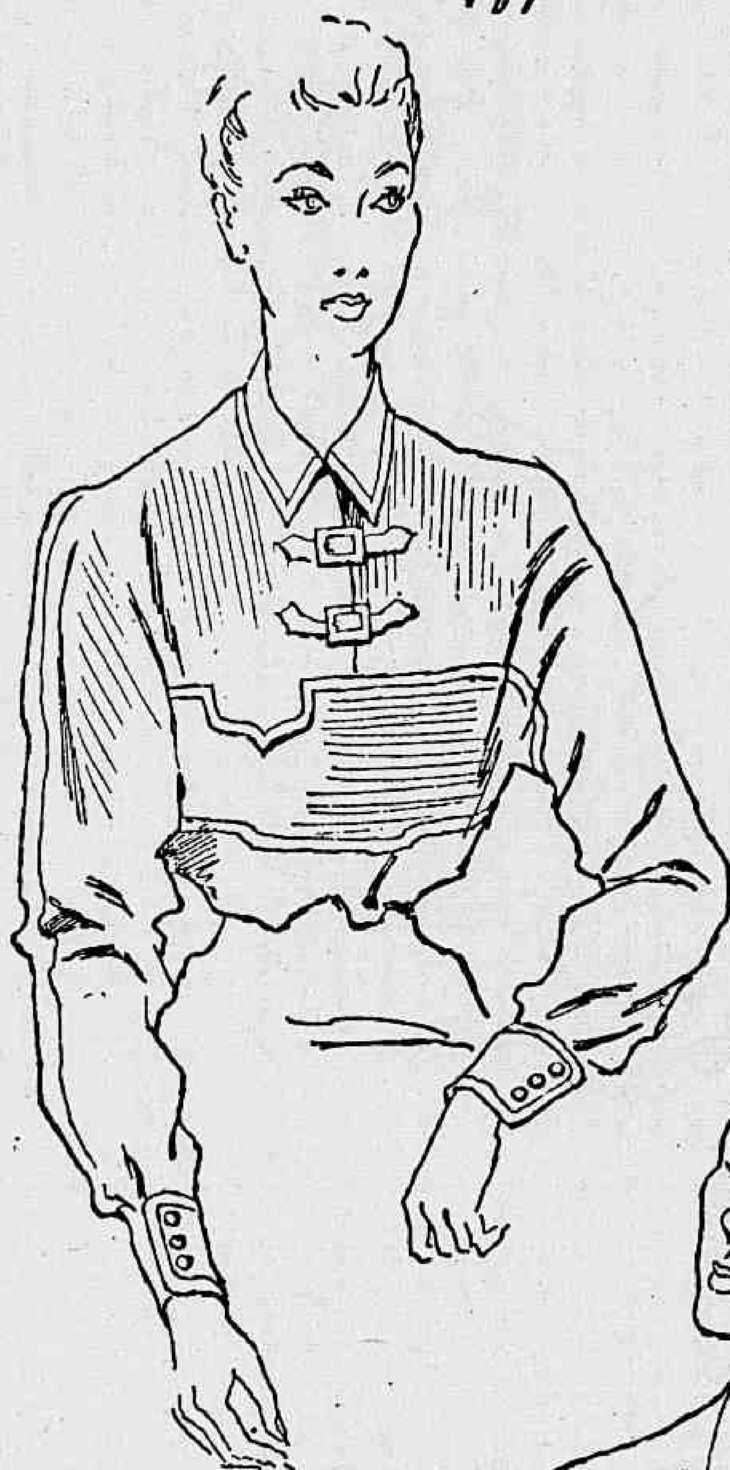
DIFICILMENTE poderá a mulher resistir à atração de um dêsses chapéus de primavera. Parece mesmo que a intenção dos seus criadores é essa mesma, procurando assim fazer com que a mulher volte a usar um dos seus mais elegantes adornos. Realmente, já não se compreende um traje elegante sem que o mesmo seja acompanhado de um chapéu adequado.



# ELEGANCIA DO BUSTO











CARVEN, Molyneux, Vera Borea, Manguin, Charles Montaigne, Jean Patou, Calixte e Schiaparelli são os criadores destas blusas que visam, antes de mais nada, a elegância do busto. Nos seus talhes, nos seus drapeados, nos seus transpasses, nas suas "pences" o objetivo é plenamente alcançado.

# O AMOR É ASSIM...

LUCILE D'ARLEMONT

O sentimento humano que mais prova a existência de um Poder Supremo a dirigir a vida sôbre a terra, é o Amor.

Não somente entre os homens, porém, entre os próprios animais inferiores na escala zoológica.

Todos sabemos o quanto é forte o amor materno. Contam os zoólogos os mais belos e edificantes exemplos a respeito da dedicação entre bichos aos quais nós, injustamente, chamamos de irracionais.

Certos animais domésticos dedicam tal amizade aos seus donos que, muitas vêzes, morrem de saudade. Há episódios emocionantes de cães e até de gatos a êsse respeito.

Desta forma, é o Amor o mais divino dos sentimentos que embelezam o espírito dos que vivem e têm em tôrno de si uma vida de relação social, doméstica e de família.

Mas não queremos falar de bichos, e sim de gente.

Maria Luiza herdara sólida fortuna de seus pais. Era viajada, conhecendo vários países da América e da Europa. Não cursara nenhuma Escola Superior, mas, graças às suas excursões pelos mais refinados centros de civilização e sempre em contacto com elementos de relêvo social e intelectual, Maria Luiza demonstrava possuir bela cultura geral.

Falava três línguas com desembaraço. Conhecia Artes, discutia música, dava opiniões sôbre os maiores compositores, suas óperas, seus intérpretes.

Ia sempre aos Salões de Paris, conhecia os mais famosos teatros do mundo. Conhecia "in loco" onde se travaram os mais trágicos e mais emocionantes episódios históricos que determinaram mudanças no curso da humanidade e discorria sôbre tudo isso com admirável proficiência.

Mas, um dia...

Numa de suas viagens turísticas Maria Luiza caiu de amôres por um cidadão que a enfeitiçou de maneira incrível.

Não se tratava de um homem tipo bonitão. Era mais idoso do que ela cêrca de dez anos. Não possuia recursos para ser considerado rico. Não era bonito, vistoso; mas possuia uma certa irradiação de simpatia que o tornava muito atraente.

A jovem milionária se enfeitiçou por êle; mas, com profundo desgôsto soube que se tratava de um homem casado. Como em nosso país não há a instituição do divórcio, ela não poderia unir-se ao mesmo sem infringir os bons costumes sociais.

Daí por diante, a vida dessa jovem felicíssima passou a ser um deserto. Vivia acabrunhada, indiferente a tudo. Deixou de viajar, de frequentar reuniões elegantes, de brilhar nos salões da alta aristocracia.

Encerrada em si mesma com todo o seu cortejo de tristezas e desgostos, Maria Luiza começou a definhar... a definhar...

Eram inúteis os conselhos de parentes e de amigos mais íntimos. Ela estava decidida a pôr têrmo aos seus desenganos, acabando com a vida. E escolheu uma das mais horrendas formas de suicídio: pelo fogo.

Por que? Porque o amor é assim.



# DECEPÇÕES DE UM CABOCLO

CONTO DE **MARTINIANO DA CRUZ FILHO**

NÃO fôra em vão que o Juca, numa manhã de sol, se dirigira ao barracão do "seu Alexandre", à beira do grande rio, para fazer parte daquela legião de escravos que se dedicam, na bacia do Amazonas, à tarefa de carregar de lenha os gaiolas que por ali trafegam e que consomem aquêle combustível, apanhado no decurso de suas viagens de regatão.

Êle já ouvira o apito do gaiola ao dobrar da curva da matraca em demanda ao barracão. Como consequência dêsse apito, já soara na mata virgem o tanger do sinão chamando os trabalhadores adventícios para aquêle embarque à tarefa.

De pronto ficara a ponte cheia de caboclos e caboclas das redondezas, que recebiam a chegada do navio como um divertimento para os seus dias de cansativos trabalhos, mata a dentro, em busca da goma elástica e dos ouriços de castanha, fontes da receita de região.

Juca não fugia à regra. Lá estava êle entre todos se destacando pelo seu porte de atleta e pelo bom humor eterno. Riso franco e coração votado à prática das mais belas ações, Juca impunha-se entre todos pela possibilidade de tornar-se um bom partido para qualquer moçoila do lugar.

★

Êle chegara ao lugar um ano antes numa leva de arigós, trabalhador de borracha, com a esperança de regressar ao seu Rio Grande do Norte com o bôlso cheio e capaz de realizar o belo sonho de possuir uma fazenda, num pedaço de terra lá dos Piancós, perto do açudão do Coronel Zé Florêncio. Partira com outros sonhadores através dos ensolarados sertões nordestinos em busca da riqueza nas selvas do Inferno Verde, crente de que estava servindo ao seu torrão natal. Iria lutar, na mataria, extraindo borracha para o combate ao inimigo do Brasil... Ouvira falar, certa noite de serão na casa grande da fazenda do Coronel Zé Florêncio, que os inimigos do Brasil estavam destruindo tudo e que logo chegariam a apropriar-se de sua choupana. Quando isso se verificasse, não poderia êle mais tomar banho no riacho do açude. Não poderia correr pelas campinas atrás do gado do coronel, montado no seu Azulão. Era preciso ir combater. Todo esfôrço valia... Não era só como soldado de farda que se poderia lutar... Havia o Exército da Borracha, do qual já ouvira falar. Era voz geral que não se sairia do Brasil e que, terminado tudo, cada qual voltaria, por conta do Govêrno, e com o seu pé de meia. Era grande o entusiasmo na fazenda. Chico Bezerra, Nenê Corôa, Zé Mepé, Bento Tenório e outros já se tinham alistado com o apoio do Corônel, que lhes fornecera até a indumentária.

Alistára-se...

★

Nunca pisara o convés de um navio. A viagem pelo sertão, feita de caminhão do Govêrno, deixara saudades. Ia-se enchendo o veículo com outros soldados arrebanhados pelo caminho. A viola chorava noite e dia, alegrando aquêles que partiam. Corria a cúia da branquinha fornecida pela representante do Govêrno.

O Juca se despercebera até de que fora deslocado do lugar que o vira nascer e crescer e que tanto queria. Dormiu, teve sonhos côr de rosa, para sentir a realidade configurada na proa de um cargueiro do Lóide, no pôrto de Fortaleza.

Estava tão cheia de esperanças que não sentira as amarguras da viagem marítima com os seus enjôos, embaraços e desembarques, nem a do gaiola que, partindo de Belém, o levara até ao barracão do sírio que o tomara como empregado na extração da goma elástica.

Mal se deitava... De manhã cedinho, quase dormindo ainda, atirava-se à mata, machadinha à mão, sangrando aqui e ali as árvores da estrada que lhe fôra destinada. Qlase noite, regressava pelo caminho antes percorrido, recolhendo o leite das tigelas pregadas sob o golpe dado.

Comera ali mesmo na floresta, sentado no tronco de uma velha sumaumeira, a matôla preparada de véspera no barracão. Bebera, mão em concha, para mitigar a sêde, a água de um igarapé. Voltava cansado mas com esperança no resultado de sua colheita. Obteria, pelo menos, dois quilos. Era o seu cálculo...

Mal chegado à choupana, atirava-se no preparo da bola que, naquela mesma noite, levaria ao patrão. Apanhara de volta semente de urumuru e toca a defumação do leite.

Apenas 1.500 gramas pesara êle na sua balança tôsca. Essa mesma bola, na balança do patrão, acusara o pêso de 850 gramas com quebra e tudo. Paciência...

★

Cansara de ser seringueiro. Não valia a pena estafar-se dia e noite naquela árdua tarefa por um resultado tão insignificante. Já devia ao patrão o rancho de três meses, sem esperanças de poder pagar... Fôra-se o sonho de voltar cheio ao seu Rio Grande. Não mais se banharia no açude do Coronel Zé Florêncio.

Tudo aquilo não passara de cma tapeação...

Pensara uma manhã inteirinha deitado e, ao levantar-se, já tomara uma resolução. Deixaria de ser seringueiro. Iria trabalhar por conta própria. Far-se-ia pescador e arpoaria os mais belos especimens de pirarucu, a exemplo do Zé Pedro do barracão do Seu Onofre... Iria juntar, nas épocas próprias, nas longínquas praias formadas pelo rio, em noites de luar, a tartaruga na desova.

Teve sorte...

Pagou tudo o que devia ao patrão Voltará-lhe a alegria de viver. Fizerá-lhe, ainda, carregador adventício de lenha para os gaiolas, não pelo ganho muito relativo que lhe trazia êsse novo afazer, mas pelo prazer de ficar em promiscuidade com as caboclas e passageiros dos navios. Já era exímio violonista e as suas canções enlevavam as cabrochas e desesperavam seus rivais.

Era êsse o Juca que esperava, sarrapilheira ao ombro, dôrso nu, o navio que se aproximava...

Divisará-lhe o perfil de longe... Quem seria aquela que meditava no portaló do gaiola, já vestida como se fôsse saltar? Ali não era pôrto de desembarque de passageiros... Que estaria fazendo na ponte o Seu Alexandre, que nunca se afastava de detrás de seu balcão, limitando-se, nessas horas, a pegar os passageiros? Eram as perguntas que o Juca fazia a si mesmo, à medida que o gaiola atracava e todos se atiravam à faina de carregá-lo de lenha.

Mesmo absorvido com o exaustivo trabalho, não perdera uma cena do que se

(Cont. na pág. 48)

ILUSTRAÇÃO DE **SYBILLA** ★ SELECIONADO PELA **REVISTA DA SEMANA**

# BROADCAST




**POBRES MOÇOS!** O "cartaz" tem sido a "causa-mortis" de alguns elementos novos que, à luz bruxoleante da publicidade, se consideram os donos do negócio. Como tal, vendendo caro o cumprimento, êles cruzam o corredor da emissora, dão palmadinhas no ombro do maestro, reclamam dos músicos e contam um punhado de balelas, sem esquecerem, é claro, de ridicularizar os valores. Ninguém os suplanta em cabotinismo, nem os vence em pôse. Maiores do que Francisco Alves, explicam a ausência do mercado de discos, em virtude do protecionismo de que desfruta o "rei da voz". Falam de Sílvio Caldas, como se estivessem tratando de um calouro, uma vez que se consideram com capacidade indispensável para tratar do "caboclinho querido". Autoridades em tudo, discutem a opinião dos críticos, desancam a ripa nos diretores de "broadcasting", falam dos colegas e não perdem vasa para insinuar qualidades que jamais possuíram. Através dêsse sistema, sem que o saibam, vão cavando o próprio túmulo, onde enterram, mais tarde, o pedantismo estúpido que os domina. Daí, a facilidade com que tão rapidamente desaparecem da circulação. E' que neles, infelizmente, tudo é fictício: talento, voz e repertório...

Mas são êsses pobres moços que enchem os corredores das estações cariocas, confundindo-se com os verdadeiros artistas. Êles figuram, com destaque, na galeria dos atrapalhadores, uma vez que não fazem outra coisa senão perturbar o trabalho alheio... E êles são muitos. Contam-se às dezenas. A primeira oportunidade que se lhes apresenta, aparecem como semi-deuses, forçando hosanas para a medíocre audição com que perturbam o sossêgo público. Sendo grande a lista, é melhor não lhes citar os nomes. Deixemo-los entregues à própria vaidade, sabido que o tempo é curto. Amanhã êles estarão cuidando de outro ofício, uma vez que lhes faltou qualidades para vencer no rádio. Depois, Francisco Alves e Sílvio Caldas estão aí mesmo para compensarem os maus momentos proporcionados pelos "gloriosos" pedantes do rádio carioca.

A. MIGUEIS

## RADIO-FLASHES

### NOVIDADES EM FOCO

Djalma Ferreira assinou contrato com a Mayrink Veiga, reaparecendo aos ouvintes cariocas, após uma vitoriosa temporada fora do Rio. ★ Ernesto Bonino é o novo cartaz internacional da Guanabara. Trata-se de famoso intérprete da música italiana. ★ Chucho Martinez está entre nós, contratado que foi para uma série de audições ao microfone da Rádio Globo. ★ Chica Pelanca está com a "urucubaca", haja vista que, por motivo de desordem, foi prêsa e recolhida ao xadrez... ★ José Maria Campos deixou a Nacional, passando a chefiar o Departamento de Notícias da PRA-9. ★ "Meu destino é pecar", eis a noa atração lançada pela Tamoio, cabendo a Rodolfo Mayer e Haidée Miranda viver os principais personagens dessa história. ★ Sob a direção de José Sila, e interpretação de Valter Luiz, a Rádio Clube do Brasil está apresentando "Devaneio". ★ Jacques Pills, "fantaisiste" dos "nigh-clubs" parisienses, está cantando ao microfone da Rádio Nacional com apreciável sucesso. ★ Norma Cardoso aniversariou na última semana, sendo alvo de calorosa manifestação de seus companheiros da PRA-3. ★ Maria Helena vai apresentar na onda da Mayrink Veiga, um programa feminino, é o que anuncia Lourival Marques. ★ Zacarias e sua orquestra foram incluídos nas "big" atrações da PRE-8. Conjunto dos mais famosos, sua apresentação pela Nacional foi recebida com agrado. ★ "Por uma vida melhor", cartaz que focalizará a história das grandes descobertas, é o novo lançamento da Rádio Nacional.



Maria Helena vai comandar o programa feminino da Mayrink Veiga, por decisão de Lourival Marques

### ACONTECEU NO ETER

O mundo infantil, conquanto não mereça maior atenção de nossos radialistas, nem por isso deixa de participar das emoções vividas por alguns personagens das histórias em capítulos que, com desusada frequência, as emissoras cariocas transmitem. Êsse foi o caso da sobrinha do rádio-ator Sérgio Érico, que acompanhando as aenturas do "Fantasma Voador", não pôde conter sua indignação ante a atitude do próprio tio. E' que lhe coube, na peça em apreço, matar o **Tit-tong**, tipo vivido por Navarro de Andrade e queridíssimo da petizada.

A menina magoou-se com o tio, chorando copiosamente pela morte dêsse personagem...

### VOCÊ SABIA...

... que Ronaldo Lupo, há seis meses ausente do Rio, já visitou onze grandes cidades do nordeste, obtendo sucesso sem precedentes em sua carreira artvstica?

... que Lourdinha Bittencourt, há muito fora do rádio, está substituindo a atriz Renata Fronzi, no elenco do "Teatrinho do Leme"?

... que Zezé Fonseca está ensaiando uma versão de R. Magalhães Júnior, intitulada "Amor de um estranho", com a qual substituirá "De braços dados"?

... que Jorge Murad, na última semana, foi vítima de um acidente automobilístico, sofrendo ferimento sem gravidade?



Ronaldo Lupo anda pelo nordeste, atuando nas emissoras locais. Tão cedo, ao que nos afirmou, não pretende visitar o Rio



Jorge Murad foi vítima de um acidente quando, em companhia de parentes, dirigia seu carro

### MAIS UMA DO HEBER

Heber de Bôscoli, seguindo as pégadas de seu tio Geysa, acaba de enveredar pelo caminho do teatro, lançando, com abundante publicidade, uma companhia de revistas que, para começar, reune Oscarito e Dercv Gonçalves, dois nomes populares no gênero de revista, além de Lamartine Babo, que volta a compor.

Heber, porém, não pretende abandonar o rádio, onde, diga-se de passagem, conseguiu fortuna, popularidade e... aborrecimentos. Mas, segundo afirmativa que nos fêz, se considera bem recompensado de tudo.

### DEIXA A SAUDADE BATER

*De Mário Lago*

Deixa a saudade bater que êste
[nêgo
Vai se arrepender
De andar fazendo uma nêga
[como eu
Cansar de sofrer.

Seu vigário já me disse,
Confirmou seu sacristão:
Querer bem é uma tolice,
Homem já nasceu sem coração.

Estou vendo que é verdade
Mas espero ocasião,
Pois a dor desta saudade
Vai ter forra, como não!

★

### O BALANCEIO TEM AÇÚCAR

*De Laura Maia e Humberto Teixeira*

Se todo o mundo escutasse
A voz do meu Ceará
E depois disso provasse
Aquela dança de lá
Todo o mundo só dançava } bis
O "balancei-balançá"...

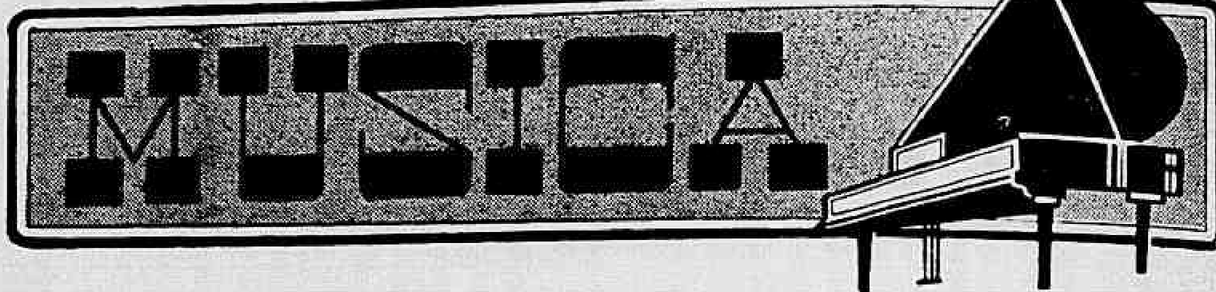
O balancei tem açúcar
Outras danças não têm!
Conforme diz o seu Juca
E a Maricota também,
Quem dançar balanceio
[uma vez } bis
Dança dez, dança vinte,
[dança cem!

### POBRE MULHER

**Samba-canção de Jair Maia e Fernando Martins. — Gravação de Alcides Gerardi (Odeon)**

Pobre mulher,
Eu não quero que chores assim
Por mim...
Meu amor já morreu,
Tudo já se acabou
E o culpado fui eu...
Vendo-te assim
A chorar pelo amor que morreu,
Sentirei compaixão
E será mais difícil
A separação.

Eu não posso te amar,
Já dei meu coração.
E' melhor confessar
Para que tu não vivas assim na
[ilusão.
Quero ver-te sorrir
E outro amor arranjar.
Eu preciso partir
E não quero te ver mais chorar.




## SERGE KOUSSEVITSKY ★ CANÇÕES DE FRANCISCO MIGNONE ★ A ESTRÉIA DO BALLET SOCIETY

De ROBERTO LYRA FILHO
(Especial para a REVISTA DA SEMANA)



Alice Ribeiro

A Orquêstra Sinfônica Brasileira receberá, êste ano, como convidado especial, o maestro Serge Koussevistky. A visita dêsse artista e a série extraordinária de concêrtos de que êle participará foi promovida por Eleazar de Carvalho. Trabalhando, ativamente, no sentido de dar à nossa música a divulgação que ela merece e necessita, Eleazar de Carvalho não esquece sua contribuição para a aproximação artística do Brasil com os grandes centros musicais. Voltando à pátria, depois de uma longa ausência, êle nos trouxe diversas obras mais recentes de compositores americanos. Já agora trata-se de uma grande figura internacional que, graças à intervenção de Eleazar de Carvalho, tomará a direção da Orquestra Sinfônica Brasileira, numa temporada que está despertando grande interêsse e expectativa.

Ainda entre os serviços que espontaneamente vem prestando Eleazar de Carvalho ao seu país, no setor que concerne a sua intensa atividade, é possível citar a apresentação de artistas brasileiros nos Estados Unidos. O caso mais recente é o de Bernardo Federowsky.

Chegando ao Berkshire Music Center, Bernardo Federowsky pôs-se a estudar com afinco e já agora se pode dizer que honrou a confiança depositada no seu talento pelo seu patrono no meio musical americano: Eleazar de Carvalho. Vitorioso como violinista, estreou como regente, confirmando as opiniões lisongeiras de Jascha Heifetz e Gregor Piatigorsky, que o recomendaram, com entusiasmo, depois de uma audição.

### BALLET SOCIETY

Enquanto o Ballet da Juventude, lutando para sobreviver a crises financeiras, apela para a generosidade do público, o "Ballet Society", dirigido por Tatiana Leskova, estreou e... decepcionou.

O conjunto, ainda muito hesitante, é composto de grande maioria de elementos ainda não aparelhados para grande responsabilidade do bailado clássico. Por que "Sílfides" — e logo na estréia? Êste ballet é uma prova de virtuosismo, que exige um acabamento técnico impecável; é veículo para a exibição da arte requintada de bailarinos que completaram a sua formação. E o "Ballet Society", conquanto seja um conjunto simpático e agradável, não está, absolutamente, à altura de tais proezas.

Lastimo, sinceramente, que a sra. Tatiana Leskova, experiente e competente, tendo integrado o famoso "Ballet de Monte Carlo", não escolhesse coreografias mais de acôrdo com as possibilidades de sua companhia. Poderia oferecer espetáculos leves e despretenciosos, mas quis enfrentar "Sílfides" — o que é mais uma imprudência do que uma demonstração de coragem. E se o "Ballet Society" tivesse preferido uma apresentação mais modesta, talvez não provocasse um julgamento tão severo.

Merece um comentário especial a orquestra. Raramente ouvimos um conjunto tão descuidado e negligente. Não se trata, absolutamente, da possível competência de cada um dos elementos, mas tal a insegurança, a desafinação constante, o desequilíbrio da execução que, em vez de dar apoio aos bailarinos, orientando-os, perturbava-os, frequentemente.

### FRANCISCO MIGNONE

Recentemente, o programa "Ondas Musicais" apresentou uma série de concêrtos, com obras de Francisco **Mignone.**

Já agora, a Associação Brasileira de Imprensa ofereceu um recital dedicado às canções dêsse compositor.

Quem leu a revisão que, aos cinquenta anos, Mignone fêz de sua obra, nas páginas de um livro importantíssimo ("A Parte do Anjo"), há-de ter compreendido, através da confissão franca que surge na sinceridade daquelas páginas, os processos de pesquisa, as experiências artísticas, as preocupações e as realizações principais dessa grande figura de nossa música contemporânea.

Julgando, severamente, os próprios trabalhos, Mignone fêz crítica esclarecida e construtiva, fixando as tendências de seu espírito e os rumos de sua evolução. Ainda que discordando de uma ou outra afirmação, não podemos deixar de louvar o tom corajoso e firme do reexame, pelo compositor, de sua própria atitude em face da arte. E' preciso salientar que é fecunda essa meditação sôbre as concepções estéticas e sua concretiza-

(Cont. na pág. 51)



Francisco Mignone




Desperte seus atrativos femininos usando em seu maquillage social o super-creme "O SEGRÊDO DA SULTANA", dando à tez um precioso e sedutor aspecto, dissimulando os defeitos e beneficiando a pele.

Liquido, sólido e em bastões para barba

Há ainda para higiene, saúde e beleza da mulher:
Agua de Colônia 107
Sabonete 107
Sabão Russo, liquido
vidro de 270 grs
vidro de 630 grs
vidro de 1.000 grs
A VENDA EM TODA PARTE




Indispensáveis em todos os lares

Laboratório do SABÃO RUSSO
FUNDADO EM 1830
MANOEL LUIZ GARCIA
Rua D. Maria, 107 — RIO DE JANEIRO

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!




PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES, COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

# TEATRO

JOSÉ FOMM

## "DE BRAÇOS DADOS"

Foi com vivo interêsse que o público carioca recebeu a notícia de que Zezé Fonseca se reunira a Rodolfo Mayer para a encenação de uma peça chilena com somente dois personagens. Realmente, êste fato merecia uma atenção especial, pois as peças com um número tão reduzido de intérpretes necessitam de um assunto original, elaboração magnífica, interpretação exemplar e cenário perfeito, a fim de evitar um estrondoso fracasso.

"De braços Dados" foi escrita por Armando Moock, que tratou de um assunto já explorado por vários dramaturgos, utilizando-se de um fim não muito corriqueiro. Narra um episódio de 12 horas da vida de um casal, Alberto e Maria, cuja harmonia era frustrada pela falta de recursos monetários. Ambos discutiam e faziam as pazes como muitos outros casais. O primeiro ato da peça resume-se nessas pequeninas discussões e consegue livrar-se do desinterêsse total por parte da platéia, pela habilidade na dialogação. O autor deu o máximo de movimento possível num ato desprovido de qualquer interêsse, demonstrando conhecer verdadeiramente a técnica teatral.

No ato seguinte, algumas horas depois do primeiro, é a confissão da espôsa que traiu o marido. Êste, como era de se esperar, tem as reações de qualquer outro marido enganado. Maria confessa haver regressado ao lar somente para ser devidamente punida por Alberto, pois agora pôde constatar que o amava mais do que nunca. O marido tem ímpetos de matá-la, mas não a mata; tenta abandoná-la, mas não a abandona. O ódio produzido pela infidelidade da espôsa não foi suficientemente grande para que cometesse os atos que lhe passaram pelo cérebro. No terceiro ato reside todo o interêsse da história. Qual seria o desfêcho daquela situação? Ambos amavam-se demasiadamente e resolveram matar-se; relembram, porém, os bons momentos que tiveram, as pequenas coisas que proporcionaram a êles tanta felicidade. Essa lembrança impede a trágica resolução e Alberto encontra no perdão a voz da sabedoria, e assim a felicidade os acompanharia eternamente. Fôra preciso Maria trair Alberto para que ambos compreendessem o amor que os unia, para que aprendessem a arte de viver, e o terceiro ato termina na manhã do dia seguinte, quando a vida continuaria aos dois como se nada de anormal tivesse abalado o lar.

Embora somente dois personagens em cena, um tema não original e alguns defeitos de concepção, a peça de Armando Moock tem valor, inda mais levando em consideração um único cenário pobre, e o não ter sido utilizado o recurso de telefone.

Zezé Fonseca interpretou "Maria" com felicidade: deu boas inflexões, gesticulou e movimentou-se de acordo com a personagem. Não convence, apenas, nas cenas de chôro, onde transparece a sua longa experiência radiofônica. Ela não chora, mas emite sons.

Rodolfo Mayer esteve muito bem no "Alberto" e sua atuação foi marcada com perfeita segurança. Seu papel teve altos e baixos momentos, conforme a elaboração do autor.

"De braços dados" foi magnificamente dirigida por Ruggero Jacobbi e teve uma boa tradução de Geysa Bôscoli.

★

A Casa do Estudante do Brasil, em reunião de sua diretoria, deliberou que se transformasse o salão nobre do edifício da rua Santa Luzia, em um teatro refrigerado, com aprovimadamente 450 lugares, além de 10 camarins e entrada independente. Êste fato cobriu de júbilo o Teatro do Estudante, que, desta forma, não terá mais dificuldades nas apresentações de suas temporadas, podendo também alugá-lo a companhias profissionais quando dele não necessitar.



Zezé Fonseca

★

Brevemente mais um teatrinho abrirá suas portas em Copacabana. E' o Follies, de propriedade de Juan Daniel, conhecido cantor que fêz parte do elenco do Teatro Jardel. As modernas instalações do Follies estão sendo ultimadas e deverá estrear com uma revista de Floriano Faissal e Mary Daniel.

★

Em São Paulo, desde julho está sendo apresentada "Arsênico e Alfazema" de Joseph Kesselring no Teatro Brasileiro de Comédia pelo Grupo de Arte Dramática. Nos principais papéis estão Cacilda Backer, Madalena Nicol e Maurício Barroso, que interpretam, respectivamente, Abby, Martha e Mortimer Brewster. "Arsenic and Old Lace" foi filmada nos Estados Unidos e apresentada entre nós com o título de "Êste Mundo é Um Hospício".



Rodolfo Mayer



Aspecto apanhado no dia 23 de julho próximo passado na igreja de Nossa Senhora do Destêrro, nesta Capital, por ocasião do casamento da senhorita Rosa Sofia com o sr. Osvaldo Rodrigues Siqueira, elementos de nossa sociedade. Oficiou a cerimônia D. Pedro Masa, bispo do Amazonas



Flagrante feito durante o "cocktail" realizado na A.B.I. no dia 18 de agôsto p. findo, oferecido pela Foote, Cone & Belding International de Nova York festejando o acôrdo com a Inter-Americana de Publicidade para representá-la no Brasil. Vêem-se os srs. Armando d'Almeida, presidente da Inter-Americana de Publicidade, Luiz G. Dillon e Fernando Rincon Gallardo, respectivamente, vice-presidente e diretor regional da Foote, Cone & Belding International

# "MINHA JANGADA DE BAMBU"

ADAUTO PONTES

(Especial para o "Diário de Notícias")

Editado pela Companhia Editora Americana — Rio, acaba de aparecer mais um excelente livro do escritor Renato de Alencar.

"Minha jangada de bambu" é o título um tanto fraco de um livro vigoroso, romance de ação contínua, belo pela própria simplicidade com que foi escrito, sem lances de aventuras nem tragédias passionais. Entretanto, prende-nos a atenção da primeira à última página.

Em "Minha jangada de bambu" o autor retrata com mestria o panorama do atraso intelectual em que vivem milhões de brasileiros nos sertões nordestinos. São populações à margem da civilização, corroídas por tôdas as doenças imagináveis, vítimas de flagelos periódicos, ignorantes, profundamente ignorantes, secularmente ignorantes, querendo combater cheias de rios com rezas, e epidemias de varíola com procissões e ladainhas.

As personagens, descritas com pena de mestre, desfilam no livro. E são tão reais, tão objetivas que podemos identificá-las. São tipos que conhecemos, que existem, que sempre existiram. E' o dr. Luis, médico distinto, maçon, homem de idéias largas que não hesita em deixar se inaugure, em sua própria casa, um culto protestante, sob a violenta indignação do padre Simeão que manda a molecada apedrejar a casa; é o menino que comia vício (terra) e que dormia de mãos amarradas com uma cruz atada ao punho da rêde, a fim de que o cão (diabo) não viesse tentá-lo, única terapêutica que seus pais conheciam para combater o mal; é Chico Doido, débil mental, ridicularizado pelos moleques; é o professor primário ensinando gramática e aritmética por métodos antiquados, com bolos, castigos e descomposturas. Tôda a vida, enfim, de uma cidade pequena, com os seus tipos característicos e mexericos das mulheres desocupadas.

O autor, em diálogos simples, põe o leitor ao corrente do por que da ignorância dos nossos patrícios do interior:

— Menino, onde estuda você?

— Em canto nenhum...

— Sabe ler?

— Não senhora.

— E por que não vai para uma escola?

— Porque ajudo papai o dia todo.

— E à noite?

— De noite não tem escola...

E' êste o círculo vicioso da mocidade dos sertões brasileiros, onde não há indústrias, porque há o latifúndio, onde não há vida intelectual, porque há o trabalho escravo do campo, e o trabalhador não tem aspirações, porque não é sua a terra que trabalha.

Quando chega a epidemia de varíola, temos uma noção nítida da profundeza da ignorância em que vivem mergulhados milhões de patrícios nossos. As cenas dantescas descritas com realismo pelo autor nos emocionam e nos angustiam, como se estivéssemos no cenário da tragédia. Morreram centenas de pessoas, antes que o auxílio oficial chegasse, porque a máquina burocrática é emperrada e as vias de comunicação, péssimas.

O romance é, em parte, uma autobiografia. O autor viveu-o. Foi criado no ambiente que tão bem descreve. Possuiu, certamente, a célebre jangada de bambu que dá nome ao livro. E nada nos emociona mais que as nossas recordações da infância, aquilo que constituiu, em determinada fase de nossa vida, a nossa mais alta aspiração.

A criança vive num reino encantado onde tudo é grande, tudo é belo, tudo é maravilhoso, porque vive da imaginação e pela imaginação. Quando nos tornamos adultos, saímos do reino de nossa fantasia e entramos na dura realidade da vida que se torna insípida, desenxabida.

Quando eu era pequeno, morava, em Olinda, numa casa onde havia, ao que me parecia, no quintal, imponente escadaria de pedras que se me afigurava ter pertencido a majestosa construção antiga. A minha imaginação infantil trabalhava e dava aspectos fantásticos à velha escadaria. Depois de homem, muitos anos depois, voltei a revê-la casualmente: era uma pequena escada de tijolo, sem imponência, sem majestade. A minha febril imaginação infantil é que a fazia imensa, magnífica, grandiosa, fantástica.

Certo, a jangada de bambu de Renato de Alencar era insignificante e o rio onde praticava as suas estrepolias bem menor do que lhe parecia na infância, mas era a embarcação que sua imaginação elevara à categoria de símbolo.

Todos tivemos, na infância, a nossa jangada de bambu e é por isso que o livro de Renato de Alencar nos desperta tantas reminiscências belas, tantas emoções suaves que afinal de contas constituem a parte mais bonita de nossa vida.

**"Minha jangada de bambu" está à venda em tôdas as livrarias do Brasil e pode ser adquirida pelo reembôlso postal, por Cr$ 25,00, à Companhia Editora Americana — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio**

## Decepções de um caboclo

(Cont. da pág. 44)

passara no fim da ponte, nem uma palavra da conversa que se travara e se surpreendera quando, olhando para o convés da embarcação, lá vira abraçados o seu velho patrão e a moça que, antes, notara no portaló do navio.

Soubera logo de tudo. Dona Toinha era o nome dela. Sobrinha do patrão, por êle educada e que, dois anos antes, se fôra para Belém completar seus estudos. Viera residir com o tio e tratar de seus negócios, já que se formara em guarda-livros.

Com tristeza o Juca recebera a notícia que lhe transmitira, depois, a Marocas, conhecida cozinheira do barracão. Seu Alexandre, de noite, iria apresentar a sobrinha. Festa... Viria de Santo Antônio do Machado o conjunto de páu e corda do "Tuchaua", ali encalhado cêrca de dois meses à espera de cheia para baixar. Entristeceu-se porque, desejando comparecer ao dançará, sentia-se humilhado com o papel que poderia ali fazer com a farda de soldado da borracha, única que êle tinha e que guardava com tanto carinho como uma lembrança do lôgro em que havia caído.

A noite não caíra e todo o rio já começara a coalhar-se de montarias vindas das redondezas, contendo os convidados. Já chegara tôda a turma do "Tuchaua" trazendo o conjunto musical que se tornara famoso naqueles rios.

Juca tudo assistira trepado no pico de um barranco frente à sua choupana. Criou coragem afinal. Fôra também convidado, lá iria.

★

Quando lá chegou havia falação. O velho Alexandre apresentava a sobrinha aos presentes. Dona Toinha agora seria a patroa, dizia. Muitas palmas, muitos vivas da caboclada. Corrida a cúia da branquinha vinda de Igarapé-Mirim, a festa começou.

Dona Toinha não dava conta dos que queriam dançar com ela. Os caixeiros viajantes do "Tuchaua" logo a cercaram e ela passava de mão em mão e dos braços de um para os de outro.

Qu'esperança, disse o Juca ao passar-lhe pela cabeça o desejo de dar uma dançada com a moça... Ainda se fôsse no seu Piancó, onde era conhecido... Bem, nem é bom pensar nisso. E, entretanto, o maldito desejo continuava a persegui-lo... Será possível, monologava...

E' certo que já se olhara no espêlho grande da sala do barracão e verificara que não estava fazendo figura feia. Sua calça de brim mescla azul estava limpa e bem gomada. A blusa de madapolão branco alvinha de tanto ser lavada, por êle mesmo, na beira do rio. Ainda tinha nos pés aquelas alpercatas de couro cru ganhas em Fortaleza num jôgo de dados com um matuto boiadeiro do sertão... Afinal de contas era homem novo e cheio de vida e tôdas as cabrochas das redondezas o olhavam com interêsse. Porque ficar encolhido frente a uma moça cuja diferença era ter sido criada na capital e ser sobrinha do patrão rico?

O Juca já se detivera espiantando a moça quando ela dançava e fizera o seu julgamento. Era bem boa o diabo da D. Toinha. Atirava-se para os homens. Era diferente das moças do lugar que só sabiam dizer: "Nho sim" ou "Nho não". Dona Toinha não; conversava e prendia os homens à sua roda.

Aqcela era a noite dele, pensou...

Iria arriscar um golpe... Num intervalo de uma dança para outra, alisou os bastos cabelos negros, tomou de sua viola com cabo enfeitado de fitas multicôres, oferecidas pelas suas inúmeras namoradas, e dedilhando as cordas lançou aos ares uma canção terna como o sussurro do regato que corria por detrás de sua choça...

Êle aprendera, na mata virgem, quando ainda seringueiro, o canto do Uirapuru; arremedava o tregeito do olhar da Cobra-Grande e a maciez do pisar do Saci-Pererê, e dos seus lábios aquela canção saía com as modulações da água do pequeno regato a correr sôbre as minúsculas pedras do seu leito.

Mal ferira as cordas de seu pinho fizera-se silêncio no barracão. Estampára-se nos rostos dos que o conheciam o enlêvo pela audição. Dona Toinha parara de conversar. Aproximara-se dele à proporção que a canção lhe saía. Parara à sua frente bebendo-lhe as palavras e prêsa já ao encanto de suas pupilas negras. Fôra a primeira a estender-lhe a mão de unhas polidas, mal acabara.

Um arrepio lhe passou pelo corpo quando ela falou:

— Mas, ainda não o tinha visto aqui... Ainda não me tirou para dançar...

Nesse instante a orquestra rasgou um frêvo pernambucano para a satisfação da moçada do lugarejo, ávida por essa música barulhenta.

Já se afastava o Juca para dar lugar aos pares em volteios quando a moça, rompendo a sua timidez, tomou-lhe das mãos a viola depositando-a num banco perto, oferecendo-se para dançar com êle. Cingiu-a sôbre o peito, então. Apertou-a nos braços másculos, sentindo-a vibrar. Emérito dançador dessa música de origem bárbara, logo o par chamara a atenção dos demais que, fazendo roda, deixaram-no dentro dela.

★

Conversaram, depois, encostados à janela. Ela mesma o servira de pinga numa cúia com o seu nome gravado, presente de uma amiga de Santarém. Pediu-lhe que cantasse para ela, somente para ela, na noite seguinte, no banco do barracão. Fizeram-se íntimos.

Levou-a, várias vêzes, em sua montaria para a desova da tartaruga. Ensinou-lhe a arpoar o pirarucu e a caçar, no alto das sumaumeiras, o Uirapuru. Beijou-a, pela primeira vez, deitada sob a sombra de um piquiazeiro. Há quinze dias sonhava acordado e dormia sonhando.

Promessas de amor, juras eternas...

A moça não tinha aspirações tão altas. Entendia que a felicidade está em viver junto de quem se ama.

Mas, pensava o Juca, aceitaria o velho se juntasse êle, pelo casamento, à sua sobrinha? Temia que tudo se desmoronasse ao saber o patrão de suas intimidades com a Toinha.

Não é que o Diabo, incarnado em Dona Marocas, veio meter-se no meio...

Que tinha a mulher de ir apanhar gravetos na mata perto de sua choça para pilhá-los abraçados e ir, correndo, tudo dizer ao patrão?

Sequestraram a Toinha. Levaram-na para longe nesse mesmo dia na lancha a gasolina do barracão. Fizeram-se de desentendidos para com o pobre Juca. Deixaram-no ficar no lugar. Era melhor para não assanhar contra o patrão a caboclada, que estava gozando com o namôro do seu igual. Juca ficou. Ficou com ele a lembrança daqueles beijos e daqueles doces lábios. Ela, às escondidas, mandara dizer que voltaria; que êle esperasse. Esperaria. Espera ainda meditando, sentado na ponte do barracão, espreitando a curva da matraca na esperança de ali aparecer um novo gaiola que lhe traga a Toinha.

Parou de cantar. Espera, compondo as mais ternas canções para cantá-las à sua Toinha.

Esperará até morrer...

## AS LENDAS DO ZUMBI NAS SELVAS DO AMAZONAS

(Cont. da pág. 29)

denunciam a existência do mistério. Mas ninguém crê neles. Zombam da história de feiticeiro. A vítima tudo faz para evitar o transe final. Mas é debalde. Quando o feiticeiro fere o boneco com o alfinete, a vítima cai fulminada como se houvesse recebido uma punhalada em pleno coração.

Um outro bailado de grande efeito cênico é o de Iemanjá, Rainha do Mar. Ela conduz para o fundo misterioso das ondas um homem. Malu e sua mulher ouvem vozes que Malu. Um dia, diante de todos, quando Malu puxa a rêde, vem nela um grande peixe; mas Iemanjá o chama e êle vai ao seu encontro. Debalde a mulher e os seus amigos procuram dissuadi-lo da fascinação. Malu vai para os braços da Rainha do Mar e desaparece para sempre.

## AS ROSAS VERMELHAS

(Cont. da pág. 31)

Agora, um encontro com o passado vinha atirá-lo outra vez num mar de incertezas, de antigos desejos renascidos, ao poder que sôbre ela exerciam a fascinação daqueles olhos verdes!

Então Vânia compreendeu que a antiga luta seria reiniciada, que novamente deveria viver em busca do esquecimento!

★

Vânia esperava tornar a ver Jaime na hora do almoço, mas êle não apareceu neste dia nem nos outros dois que se seguiram. Depois, numa noite em que voltava sòzinha ao apartamento, tendo se despedido de Mário na cidade, encontrou Jaime de pé, na porta do edifício em que morava. Não se surpreendeu de vê-lo ali, pois sabia que êle voltaria outra vez. Entraram juntos, Vânia acendeu as luzes da sala e sentaram-se no sofá, conversando. Curioso como puderam falar com tanta calma sôbre os anos transcorridos, ela contando como se sentira triste e sòzinha no primeiro ano que passara no Rio e como se adaptara tão bem, depois, encontrando tanto prazer naquela vida agitada e febril. Depois ficou escutando a voz dêle, melodiosa e profunda, contando como se sentira infeliz com a desinteligência entre ambos, como partira desejando colocar a maior distância entre êles, a difícil escalada na escada da fama, a primeira exposição de seus quadros, os elogios da crítica a seu respeito, os prêmios que conseguira, a viagem que fizera à Argentina e a que pretendia fazer a Paris!

— E a "Juventude", deu-lhe algum prêmio?

— Nunca o expuz, Vânia, mas continuo achando êste quadro um dos melhores que pintei. Há nele tanta vida, espontanedade e alegria! Talvez porque me sentisse tão feliz quando o pintei!

— Você não pretende expô-lo?

— Não falemos agora em meus quadros sim? Falemos em nós, em meu amor por você, na nossa ventura em estarmos juntos novamente...

— Por favor, Jaime, não insista neste assunto!

— Como não insistir? Não vê que só você existe para mim?

Não esperou resposta e abraçou-a. A moça levantou-se, ligeira, mas Jaime, de pé também, tornou a abraçá-la, procurando-lhe os lábios. Ia beijá-la quando ela pediu, a voz trêmula e fraca:

— Jaime, suplico-lhe! Por favor, não, não...

Não foram as palavras dela, mas a expressão de seu olhar que o comoveu. Havia medo, dúvida, e ao mesmo tempo, desejo de ceder, naqueles escuros olhos de mulher.

Jaime largou-a, delicadamente, e a fez sentar-se no sofá. Segurou-lhe as mãos, com carinho e pediu:

— Vânia, não faça assim. Um amor como o nosso, querida, que se conservou assim vivo, apesar da separação e da distância, é um dom tão raro! Nós nos pertencemos, Vânia, é inútil lutar...

— Não sei, Jaime. Deixe-me sòzinha, para pensar com calma...

Preciso ver bem claro em meu coração.

Quando Jaime saiu, a moça permaneceu sentada, sem coragem de se mexer, presa novamente do mesmo encanto de outróra, subjugada pelos laços fortes de seu primeiro amor.

★

Jaime não voltou ao apartamento de Vânia, mas todos os dias enviava-lhe, numa caixa de celofane, três rosas vermelhas.

No primeiro dia, junto com as flores, veiu um cartãozinho dêle e Vânia sentiu prazer em ver novamente sua bela caligrafia, ousada e nítida. Leu e releu

## A SAÚDE DO BEBÊ

(Continuação da pág. 20)

garganta, e então e em bom tempo deve-se proceder à colheita do material para o exame bacterioscópico e à cultura do esfregaço.

e) O **crupe** é a descida do processo até o laringe. A voz rouca portanto, a tosse áspera, a respiração embaraçada, são a consequência natural. A ausência do processo nas amigdalas fala contra o crupe. Bem assim quando os sintomas do crupe se instalam sem nenhum antecedente mórbido na criança; neste caso se pensará antes no **falso crupe.**

f) O **falso crupe** é uma inflamação catarral do laringe que acomete brusco a criança às mais das vêzes no meio da noite com tosse espasmódica e retumbante, respiração ruidosa, voz rouca, febre súbita e alta.

No crupe não faltará gânglios, na nuca, no maxilar inferior (lado interno da borda). No falso crupe não. No crupe a voz não obstante rouca é audível, clara; no crupe há afonia.

g) Além dos sérios perigos que ameaçam a vida da criança com difteria (e desta estão sempre ameaçadas as portadoras de amigdalas infectadas), há sempre temer na difteria as paralisias, uma vez passada a infecção.

As paralisias post-diftéricas atingem principalmente o véu palatino, a musculatura do pescoço, e extrínseca dos olhos (muitos estrabismos têm essa origem).

Muito frequentes, por outro lado, como complicações, a bronco-pneumonia (das mais graves pela participação costumeira do estreptococo).

h) Se a **presença de membranas** é o característico das anginas diftéricas patentes, cumpre porém estar lembrados de outras membranas que se prestam à confusão e que não são diftéricas. As **falsas membranas** de natureza diftérica **são muito aderentes.** As que se formam na **angina lacunar,** ao contrário, facilmente destacáveis, formadas que são de pus (o exame microscópico revela a existência de cocos). Outra **angina a membranas** é a de Vincent; além de encontradiça no lactente (o que se não dá com a diftérica), acompanha-se, por vêzes, de uma úlcera funda, de fundo irregular e pardasco, exalando um fétido bastante suspeito. E' comum o ataque a uma única amigdala. Espirilos e fusiformes são encontrados ao exame microscópico do material colhido junto ao processo.

i) O estado tóxico da criança portadora de amigdalite aguda é já o prenúncio, muitas vêzes, de uma angina a membranas, diftérica (isto é, amigdalas e falsas membranas aderentes).

Durante a primeira infância, anginas a membranas são antes de Vincent, princípio que deve nortear, no terreno prático, o tratamento certo.

Quase tôdas as **doenças comuns da infância,** como se vê do exposto, têm um começo nitidamente caracterizado como uma afecção gripal.

Isto pôsto, vê-se logo quanto é flagrante o êrro de atribuir-se, sem maior exame, à gripe sempre que uma criança adoece com febre e fenômenos catarrais.

Porque se há medidas mais ou menos comuns a tôdas elas, a verdade é que a **indicação específica** é tanto mais eficaz quanto mais cedo empregada seja. E' preciso, por exemplo, reconhecer a difteria antes ainda das falsas membranas para assegurar-se um tratamento cento por cento ativo com o sôro antidiftérico. O mesmo com a coqueluche, em relação ao **guincho,** que vem tardio ou mesmo pode faltar, como no lactente; o êxito das vacinas depende principalmente de seu emprêgo precoce, antes como quer que seja do período espasmódico. As complicações do sarampo, da escarlatina e da paralisia infantil requerem a mesma precocidade nas medidas terapêuticas, quer se recorra à vacinação para-específica (como com os germes anticatarrais) ou quer a soroterapia específica( infelizmente mais exequível durante as epidemias).

O ideal seria retardar para uma idade mais dilatada da criança o instante de aquisição dessas doenças, já que nos primeiros anos a criança é mal formadora de anticorpos (os elementos por excelência das defesas naturais), e isso poderá ser esquematizado nas seguintes medidas principais:

a) Tratamento da diatese exsudativa da criança (êsse estado é de tal modo favorável às infecções da criança, e as exalta, que na Alemanha a vacinação antivariolica não é praticada nas crianças portadoras); a pedra de toque são as crianças eternamente resfriadas, portadoras de eczema, hipertrofia das amigdalas e adenóides.

b) proploxia do contágio aerógeno (a criança não deve ter nenhum contacto com portadores de afecções catarrais — corizas, anginas, bronquites). Nos momentos de qualquer surto epidêmico, retirada da criança para o campo.

c) Estimulação das defesas naturais: alimentação adequada, habitação higiênica, ar, luz e sol.

d) Vacinação profilática: BCG ao nascimento, vacinação contra a coqueluche. Finalmente, e por outro lado, não se esquecerá que as doenças comuns da infância são retardadas, nos primeiros meses, mediante o alactamento ao seio, e são tornadas mais graves quando recaem sôbre crianças portadoras de avitaminoses ou que padeceram de distúrbios do intercâmbio nutritivo, provenientes dos erros alimentares ou outras infecções (pielites ,disenteria, etc.).


NÃO DEIXE DE LÊR!

# A CENA MUDA

EM SUA NOVA E PALPITANTE FASE



**Lourdes está amando** (Leon Eliachar) ★ **Clássicos do cinema** (Moniz Viana) ★ **Telas da cidade** (Alex Viany) ★ **"Ameaça vermelha"** (Red Kaim) ★ **Intelectuais falam de cinema** (Alberto Conrado) ★ **Robert Mitchum** (close-up) ★ **Postais de Buenos Aires** (L. A. de Barros) ★ **Claude Rains** ★ **Dolores Del Rio** ★ **Coluna do Fan** ★ **Jane Greer** (close-up) ★ **"Traidor"** (cine-romance) ★ **Curiosidades do cinema britânico** ★ **Um romance no outono** ★ **Melodias para você** ★ **Notícias** ★ **Rádio** (A. C.) ★ **"Fôrça do mal"** (conclusão do número anterior) ★ **Teatro** (Osvaldo de Oliveira) ★ **Jazz** (Sylvio Túlio Cardoso) ★ **Pausa para meditação** ★ **Cartas ao editor**.

# A CENA MUDA

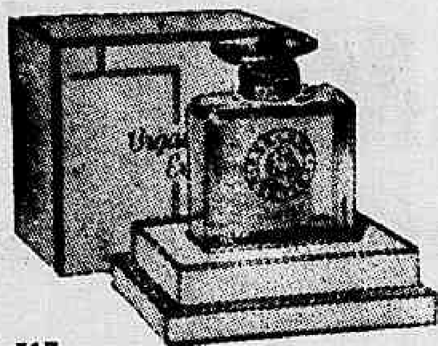
A REVISTA DO FÃ

HOJE EM TÔDAS AS BANCAS DE JORNAIS

PERFUMES

Exótica

Um lindo presente em finíssimo estôjo



N.º 517

ORGANZA EXÓTICA

Preço Cr$ 70,00

★

Em fina e elegante embalagem. Perfume de alta classe e de um exotismo sensual e arrebatador, verdadeiro sonho das mil e uma noites.

PEDIDOS À

Perfumaria Exótica

Pelo Reembôlso Postal, sem qualquer outra despesa. — Rua Campos da Paz, 165 — RIO

Enviamos catálogos.

VARIZES E HEMORRÓIDAS



Hemo-Virtus

USE A POMADA NO LOCAL E BEBA AO MESMO TEMPO O LIQUIDO

ONDULAÇÃO PERMANENTE

| | | |
|---|---|---|
| Processo a frio ...... | Cr$ | 100,00 |
| Processo a quente .... | Cr$ | 70,00 |
| Tinturas ............ | Cr$ | 50,00 |
| Manicure ............ | Cr$ | 10,00 |

CABELEIREIRO TAVARES

Especialista em permanentes e tinturas, faz êstes preços a título de propaganda, e para tornar bastante conhecida sua casa e seus trabalhos. Rua Santa Luzia n. 799 — 5.º andar — Sala 504, à esquerda — Telefone: 42-2363 Procure pela placa que diz "Cabeleireiro Tavares".

N. B. — Só se atende por êstes preços com a apresentação dêste anúncio.

BANCO DO COMERCIO S. A.

FUNDADO EM 1875

O mais antigo da praça do Rio de Janeiro

Sede:

RUA DO OUVIDOR, 93-95

TEL. 43-8966

Agências no: Distrito Federal, Estado do Rio, Estado de São Paulo, Estado de Minas Gerais

★

Tôdas as operações bancárias, inclusive câmbio


as duas linhas: "Querida, estarei à sua espera. Amo-a muito. Jaime".

Vânia lembrou-se do dia em que lhe dissera:

— Você não calcula o encanto que acho nas rosas vermelhas.

Que coisas lindas me sugerem suas pétalas macias, aveludadas e sangrentas!

Então não fôra ela, a única a recordar o que se passara entre ambos!

Mas como poderia ela magoar Mário, o bom, delicado e gentil Mário? Era uma coisa impossível ferí-lo, magoá-lo...

Mário, porém, começou a notar a mudança de Vânia, sua indiferença, seu modo esquivo, o olhar ausente, distante e triste Notou, também, a presença das rosas vermelhas e suspeitando de alguma coisa perguntou-lhe o motivo, mas a noiva tranquilisou-o, respondendo:

As rosas vermelhas são as flores de minha predileção, tenho prazer em vê-las alegrando minha salinha...

Uma tarde Jaime telefonou. Depois das fráses iniciais, perguntou-lhe:

— Porque você prolonga nossa separação? Por que não quiz ainda dizer-me o que decidiu?

Com um aperto no coração, pensando no noivo, que era leal e bom, a quem ela devia uma lealdade igual, respondeu:

— Não quero renovar minhas relações com você. O que passou, passou. Nada quero reviver, sabe?

— Vânia, por Deus, pense bem! Tudo tem um limite... O resto da fráse, a moça não escutou. Poz o fone no gancho e sentou-se perto da janela. Alguma coisa morrera no seu íntimo. Não atendera seu pedido, permitindo que Jaime voltasse, e ela, pela segunda vez fazia de sua vida um deserto árido, sem emoções ou alegrias.

E já no dia seguinte deixaram de chegar as rosas vermelhas...

★

Apesar de perceber a infantilidade de sua atitude, Vânia não se achava com coragem de desfazer seu compromisso com Mário. Não queria magoá-lo, mas não podia casar-se com êle...

Foi Mário que simplificou a situação, compreendendo que alguma coisa viera modificar sua Vânia. Num sábado, ao meio-dia, quando saíam do escritório, perguntou-lhe:

— Você está querendo me devolver isto, não é? — com a mão tocou no anel de noivado, onde brilhava, altaneiro, um grande solitário.

Incapaz de dizer uma palavra, a moça concordou com a cabeça. Vendo-a triste, o rapaz continuou:

— Vamos, não fique assim! Continuaremos os melhores amigos do mundo... Ande, despeça-se de mim sorrindo...

Separaram-se no ponto de ônibus e Mário seguiu seu caminho, tentando afastar a tristeza que, traiçoeiramente, procurava dominá-lo. Passando por uma casa de flores, lembrou-se da predileção de Vânia. Entrou, escolheu cinco magníficas rosas vermelhas e mandou que as entregassem no apartamento de Vânia.

— Não vai mandar seu cartão, Sr.

— Não, não será necessário.

Pagou e saiu, caminhando sem rumo certo...

Quando a campainha da porta ecoou, Vânia foi atender. Era um mensageiro, com um pacote. Na sala, a moça abriu-o. Dentro de uma caixa de celofane estavam, belas, belíssimas, cinco rosas vermelhas!

Encostando o rosto nas pétalas macias e perfumadas, a moça murmurou, cheia de gratidão: "Obrigado, Deus de Bondade! A segunda vez permiti que êle volte..."

Feliz como há muito não se sentia, Vynia foi ao telefone e discou o número de Jaime. Êle mesmo atendeu, e ao escutar-lhe a voz, cobriu-se de rubor o rosto de Vânia. Meigamente pediu:

— Você me perdôa, Jaime? Você tinha razão, para que abafar o nosso amor?

Havia surprêsa e alegria na voz dêle.

— Mas perdoar-lhe o quê, querida?

— Então venha jantar comigo, sim? Eu o espero, ansiosamente!... Escutou a resposta dêle e desligou o telefone. Tudo era lindo no mundo, o sol brilhava alegre e quente, nuvenzinhas brancas corriam pelo céu, e na sua vida havia O encantamento, o êxtase provindo do amor de Jaime!

Enchendo de água o vaso de porcelana, delicadamente a moça arrumou as longas hastes das rosas dentro dágua límpida e fresca.

Colocou o vaso no centro da mesinha afastou-se um pouco, para apreciar o efeito. Lindas! Lindíssimas rosas! Sain-do da sala, foi providenciar o jantar. Daí a pouco, em menos de duas horas, Jaime estaria ao seu lado. Sufocava-a, esta sensação de imensa felicidade, a que não estava mais habituada. Mas a gente se acostuma tão depressa com a felicidade...

## VIVER COM AMOR

(Cont. da pág. 12)

Pensando em sua vida, Carol reconhecia que era aquela a mais importante reunião noturna a que assistia depois do divórcio. Esperava que não estivessem presentes à festa, nem Bill, nem Evelyn. Quando o carro em que ia com Scott deixou o centro da cidade para dirigir-se à zona rural, ela se sentia como que redimida. Achava que, com Scott estava salva. Não que êle fôsse um pretendente à sua mão; mas, com o rapaz se sentia livre de importunações e a presença dele ao seu lado, constituía uma barreira contra os outros. Scott não possuia o jeito delicado e atraente de Clive, sua intensa curiosidade que dava a impressão de ser-se de vidro e êle estar a ver-nos através do corpo. Scott era de outro tipo e de feitio diferente. Com êle não precisava estar na defensiva. Iam no carro quando Scott perguntou:

— Já tem algum plano para o próximo verão, Carol?

— Ainda não pensei nisso.

Quando vivia com Bill, êste fazia, todos os anos, seus planos para passar os mêses dessa quadra do ano. No princípio êles estavam sem muitos recursos para passar o verão fóra da cidade. Mas, já nos últimos anos êles dispunham de meios suficientes para passar os meses quentes nas praias ou rodar de carro pelos Estados do Norte. A pergunta de Scott lhe fêz recordar suas excursões pelo interior com Bill, os dias maravilhosos em que passavam em ótimos hotéis, especialmente aquêle luxuoso e grande de Quebec.

— Freda está com vontade de ir para o campo com o filho e Ian e, depois, ir passar uns dias em Nova York. Pediu-me que a fôsse encontrar ali. Ela e o espôso vão também gozar férias na praia e passear em seu barco. Perguntaram-me se não teria prazer em acompanhá-los.

— Magnífico, Carol. Com certeza você aceitou o convite, não?

— Não resolvi nada ainda, Scott.

— Também nenhum programa organizei para mim.

No íntimo, estava pensando Scott que seria convidado por Ian e, desta forma, se Carol fôsse, êle estaria ao seu lado durante êsse tempo e isso nada lhe custaria.

Já estava de todo escuro quando êle chegou à residência da família Williams, bela e espaçosa casa de campo. Quando desceram do auto, estavam oferecendo coquetéis no terraço, onde se espalhavam diversas pessoas, umas de fisionomias ainda desconhecidas e outras já familiares e de suas relações.

Carol e Scott passaram por entre os convidados. Logo que encontraram Ian e Freda pararam para conversar. Ali também estavam Dee e Johnny Downs. Dee estava muito bem vestida, parecia ter recebido uns toques de varinha mágica.

Conversando com Dee acêrca das duas coisas que mais lhe interessavam, seu filho e sua casa, pressentiu Carol uma certa frieza. Mas isso teve sua explicação quando Carol se recordou que Johnny trabalhava no mesmo estabelecimento de Bill. Não restava a menor dúvida de que Dee e o espôso viam Evelyn e Bill constantemente.

Johnny sorriu sòmente para constar e falou:

— Já viram como é o costume dêsse povo? Não tratam de coisas úteis e sim do impôsto sôbre a renda e de outros horrores, da fôrça de nossa marinha e do nosso exército e dos meios para reduzir despesas domésticas.

Carol interveio:

— Sim, mas, quanto às mulheres, estão sempre a falar de seus bebés e de suas casas de residência.

— Isso é natural nas mulheres — respondeu Scott.

— Talvez — voltou Carol. — Entretanto, também sabem as mulheres que elas precisam ir pensando noutras coisas para ser normais..

Nesse instante, quando o criado passou com uma bandeja de coquetéis Johnny estirou o braço e apanhou mais um. Sua espôsa advertiu:

— Johnny, querido, você não comeu ainda nada...

Êle, porém,, não se perturbou e respondeu:

— Não se impressione. Sei sustentar a linha com os meus drinks...

— Está bem. Se é assim, eu também vou tomar mais um — respondeu a espôsa.

Johnny soltou uma gargalhada e lhe lembrou:

— Mas querida, você não pode fazer isso! Você também não comeu nada!

*Continua*

## O PÃO DE STO. ANTÔNIO

(Cont. da pág. 18)

das contas, a velhinha nos falou com amabilidade:

— Bá noite, meus senhore moços! S'abanque, seu Coroné. — E para êle: — E' o seu fio dotô?...

— Não, Mãe Inacinha, êsse é um amigo que vem do Rio a fim de passar uns dias aqui, e deseja ouvi-la sôbre a história de D. Leonor!

A velha deu um muxôxo, abanando a cabeça negativamente:

— Prá mode quê quê senhozinho sabê dos pobe já no outo mundo? Faz má... Deus castiga...

E nos contou uma porção de exemplos. Porém eu já estava ciente dessa superstição e mantive o desejo de saber daquela história.

— Que Deus Nossinhó nos perdoe a todos.

Benzeu-se e começou a contar o que sabia do engenho cujo passado arrepiava cabelos.

★

D. Leonor era casada com um senhor de excelente coração. Ela, porém, possuía gênio de fera. Malvada, cruel, sem misericórdia, via-se centro de chuvas de pragas.

Tinha duas filhas moças. Ambas orgulhosas e más. O espôso sofria guerra sem tréguas das três.

Os escravos pediam a Deus que êle ficasse livre de tanta maldade. D. Leonor sabia disso e os perseguia, castigando-os sem piedade. Certa vez mandou amarrar um escravo na roda dágua. Os gritos e gemidos daquele infeliz se confundiam com o ranger da moenda e o estalar das canas esmagadas. Quando o retiraram estava agonizante. A mulher e os filhos do martirizado nada puderam fazer. Aguardaram a chegada do seu amo, o capitão Antonico, como lhe chamavam, para narrar-lhe a desgraça. O marido de D. Leonor tinha ido à vila fazer compras. Quando chegou soube de tudo. Condoeu-se da sorte daqueles pobres negros e lhes deu carta de alforria. Eram livres. Os pretos choravam de contentamento; mas sentiam no fundo dalma o amargo da separação daquele senhor tão bom e amigo.

Quando D. Leonor soube, teve ataques de estupidez. As filhas a secundaram. Só o capitão se mostrou sereno. Explicou-lhes que escravos não eram coisas nem animais. Também tinham alma, eram criaturas humanas, filhos de Deus. Infelizmente, quanto mais êle assim falava, mais se exasperavam as serpentes. Por mais de uma vez o bom senhor dera liberdade a escravos para livrá-los da extrema crueldade da mulher e das filhas. Prevendo futura falta de braços para o engenho e a lavoura, elas, às vêzes, deixaram de proceder malvadamente; mas pouco durava a trégua. O suplício dos negros constituía o seu sádico prazer.

Um dia, dia de Santo Antônio, data natalícia do capitão Tonico, todo o engenho se preparava para festejar o santo e o aniversariante. Já era tradição. Nesse dia, o trabalho terminava mais cedo, o engenho pejava, a escravaria se limpava, trá-

jando a melhor roupa. À noite, havia danças e batuques em louvor a Santo Antônio e ao capitão. Êste dava liberdade aos pretos. Todo o engenho se animava. Violas, berimbaus de barriga e ganzás inspiravam os negros. Emboladas, desafios, côcos e rodas nos terreiros enfeitados, e no centro grande fogueira a crepitar. Os negros podiam colhêr milho verde e assar as louras espigas no braseiro das coivaras. Uma noite de liberdade!

D. Leonor e as filhas sentiam revolta diante dessas liberalidades do capitão. Do sobrado da casa grande costumavam olhar a festa dos escravos, e se sentiam contentes quando qualquer imprevisto vinha prejudicar os folguedos. Chegavam a simular acidentes, fingindo doenças ou malestar, para não haver alegria na senzala. Para elas o negro só tinha duas formas de viver: — trabalhando ou apanhando.

Se o dia de Santo Antônio era motivo de alegria para os trabalhadores e o capitão Antonico, para D. Leonor e as filhas só causava indignação e ódio. Imaginou mil coisas para perturbar a festa. E escolheu esta: acusou a pretinha Luana, filha da lavadeira, de ter furtado um vestido de uma das brancas.

— Olhe, "seu" Antonico — bradou para o espôso. — Só haverá furdunço hoje se aparecer o vestido da menina. Quem o furtou foi essa lambisgóia da Luana, a quem você dá tanta ousadia!

— Ora, deixe de implicância, mulher — respondeu o capitão de bom humor. — O vestido há de aparecer. Luana não ia furtar um vestido de nossas filhas. Para quê? Para usar onde?

— Pois é o que lhe digo — vociferava a perversa mulher. — E' o que lhe digo! Ou aparece o vestido, ou não haverá festejos hoje aqui no engenho!

O espôso procurava acalmá-la. Era o dia de seu natalício. Os pretos tinham o direito de gozar umas horas de folga. Que se deixasse essa história de vestido para o dia seguinte. Com certeza estava por ali mesmo. Não desaparecera.

A negraria já iniciara todos os preparativos para a festança. Embandeiraram o pátio, fincaram pés de ouricuri, e ornamentaram de palmas a fachada da casa grande em homenagem ao senhor Antonico. Grande e farta mesa foi servida no terreiro. Saborosa buchada de carneiro regada a aluá e cachimbo fraternizou escravos e patrões. D. Leonor roía-se de raiva. E jurou a si e às filhas, em como a festa acabaria ali.

E recorreu a uma farsa. Tudo parecia em ordem quando D. Leonor começou a queixar-se de forte dor de cabeça. Deram-lhe chás, escalda-pés, uma preta rezou. Nada. A mulher gemia inquieta na cama. Os negros estavam preocupados, e um deles se ofereceu para ir à vila em busca de remédio. Mas o capitão não consentiu. O dia era de completo repouso e diversão. Êle próprio iria, pois, se fosse preciso, traria o boticário.

Nos olhos da espôsa fulgiu um lampejo de trágica alegria. Só as filhas o compreenderam.

Eram umas três horas da tarde e os céus ameaçavam chuva. O calor abrasava. O capitão mandou selar o cavalo e partiu para o povoado que ficava a umas quatro léguas. Só à noite estaria de volta.

Quando já estava longe, D. Leonor mandou chamar à sua presença a pretinha Luana. Quem a foi buscar foi a própria mãe, temendo pela filha.

— Pronto, minha senhora — disse a mocinha quase a ajoelhar-se.

D. Leonor fitou-a de alto a baixo, como se a quisesse fulminar com a violência do seu ódio.

— Onde está o vestido de cambraia de Luísa?

— Não sei, não senhora! — respondeu a pretinha a tremer.

— Você o furtou, negra sem vergonha! Cabrita ordinária!

A mãe escrava interveio, com as mãos em súplica:

— D. Leonor, pelas cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo, não culpe minha filha!... Luana está inocente. Quem lava tôda a roupa sou eu. Ela apenas ajuda e a estende no quaradô! E o vestidinho de sinhazinha não foi na trouxa, não senhora. Juro por Nossa Mãe Maria Santíssima...

Não pôde terminar. D. Leonor a jogou por terra com um ponta-pé na bôca.

— Mamãe! — gritou a pretinha, lançando-se sôbre o corpo da preta velha. Soluçavam abraçadas.

D. Leonor, longe de comover-se, chamou o carrasco de sua confiança e lhe deu esta ordem satânica:

— Amarre-a na pitombeira e obrigue-a a confessar, no chicote! Meta-lhe o bacalhau! Essa peste agora me paga!

A negra velha implorou, de joelhos, banhada em lágrimas, com a bôca a escorrer sangue:

— D. Leonor, pelo dia de hoje, não castigue minha filha! Ela está inocente!

Mas já a êsse tempo ia a infeliz arrastada, escadas abaixo. Lá fora os escravos percebiam as torturas por que passavam mãe e filha nas garras daquelas feras. Mas nada podiam fazer.

A pretinha foi amarrada no tronco da pitombeira. A primeira chibatada, soltou lancinante grito.

O carrasco dera início à cruel tarefa. O rebenque com que açoitava os escravos era de couro cru, com três pontas e um nó ao fim de cada uma, guarnecidas de chumbo.

Ao ouvir o estalo do chicote, o grito angustiante da filha, a preta velha arrojou-se aos pés da terrível senhora e suplicou, num gemido doloroso entrecortado de soluços:

— D. Leonor! Não mate minha filha!... Lembre-se que eu a fiz passar fome quando era pequenina, para reservar o leite de meus peitos para nutrir as sinhazinhas! Tenha piedade! Luana não furtou o vestido. Está inocente!

Lá fora, porém, o chicote vibrava no ar o estalo arrancava gritos desesperados da pobre vítima.

De uma das janelas, por entre a folhagem rala da árvore, as filhas de D. Leonor apreciavam o martírio da jovem escrava. Estava semi-nua. Amarrada pelos braços e cintura à árvore, deixava livres, ao rigor das chibatadas, o dorso e o colo. As pontas do azorrague na violência do impulso muscular do carrasco, zuniam na carne de ébano e queimavam como lâminas de fogo. Luana se estorcia a cada golpe. Gemia, sufocada pela dor e pelas lágrimas.

Vendo que nada conseguia da senhora, a mãe da martirizada correu para o local do suplício e, diante da cena selvagem, ajoelhou-se e pediu ao inquisidor que não matasse a filha. Tudo em vão.

D. Leonor desceu e ordenou de uma das janelas:

— Meta-lhe o couro até confessar!

E o algoz, já de braço cansado, continuava a surrar a desventurada Luana que, exausta, mal podia gritar pelo capitão, por sua mãe, por Nossa Senhora, por Jesus, por Santo Antônio...

De quando em quando o surrador parava para tomar fôlego e lhe perguntava com arrogância:

— Vamos, arrelaxada! Onde está o vestido de Sinhazinha?

A negrinha, com voz sumida, a gemer e a chorar, respondia que ignorava, que estava inocente.

E novamente o chicote lhe estalava nas costas, na cabeça, nos seios...

Na senzala havia murmúrios de revolta. Todos verificaram que o pretêxto da doença de D. Leonor fôra arquitetado para ausentar o senhor e ser possível a revoltante vingança e obstrução da festa de Santo Antônio.

Um dos negros foi até o pelourinho e trouxe a mãe da seviciada para a senzala. Muitos choravam; mulheres e crianças rezavam chorando.

Já ia longe a tarde e o calor aumentava. Súbito desabou o temporal. Relâmpagos e trovões atordoantes afugentavam alguns negros que ousaram aproximar-se do suplício da acusada. Ao reiniciar-se a tortura, sobreveio êste fato surpreendente: enorme clarão abriu-se nas nuvens, e um raio seguido simultaneamente de estrondo cataclismico atingiu a árvore que servia de pelourinho, fendeu-a meio a meio, matando o carrasco e libertando a negrinha, que foi arremessada a vários metros, caindo sem sentidos no terreiro da casa grande.

D. Leonor e as filhas refugiaram-se na sala do oratório e pediam proteção a Deus, diante da procela ululante. Velas foram acesas e tôdas as pessoas da casa se ajoelharam diante do altar, implorando misericórdia.

Lá fora, a borrasca prosseguia. Relâmpagos e trovões alarmavam os trabalhadores.

O vento forte assobiava pelas frestas de portas e janelas, abalando os edifícios, destelhando o engenho e a senzala. Estalavam árvores frondosas e galhos se partiam com estrépito. O terror se apoderara de todos. Era o castigo de Deus. O mundo escurecera, os relâmpagos ofuscavam e os coriscos riscavam de fogo o cimo das montanhas.

Os dois corpos jaziam ao chão sob o temporal.

Já era quase noite quando amainou a tempestade. D. Leonor, recuperando o ânimo, providenciou a remoção do carrasco que estava carbonizado. Mandou depositá-lo no alpendre, sôbre um banco tôsco. Luana, porém, ainda vivia quando fôra levada para junto da mãe-preta, na senzala, coberta de dor e luto, alagada de chuva.

A descarga elétrica que atingira em cheio o algoz, poupara a martirizada que continuava sem fala, e cujo coração apenas pulsava, debilmente.

À meia-noite, os negros se reuniram no terreiro da senzala e cantaram com a lúgubre modulação dos condenados a canção litúrgica das tragédias da raça:

*Babá!*
*Eu sonhei, Babá!*
*Que estava tristonho*
*Nosso terreiro, Babá!*
*Babá! Pegue o obará,*
*Ou vá vigiar*
*O que vai se dar*
*Obatum, Babá ô...*
*Êle avisou*
*Quêto muquequêto*
*Colena quêto*
*Recomendou, Babá!*
*Babá! Chame Pai Alá,*
*Para nos livrar!*

No silêncio da noite densa o gemer da liturgia negreira era como a própria voz da vingança, contra os assassinos de Luana.

D. Leonor, pela primeira vez, teve medo. Redobrou as trancas nas portas e janelas. As filhas estavam assombradas. Os pretos lacaios pareciam temerosos. Tinham nos olhos o terror do dia do juízo final.

Grande coivara começou a arder no terreiro dos escravos, e suas labaredas se erguiam fantásticas iluminando o cenário e fazendo dançar as sombras. Era o desafio a D. Leonor. Acendia-se a fogueira de Santo Antônio.

Por uma das janelas do sobrado, meio aberta, D. Leonor e as filhas observavam a cena fantástica. Os negros dançavam e cantavam no ritual da morte e da vingança.

Todos estavam reunidos. Seus escravos e guardas da casa grande também se juntavam aos outros. Não havia mais dúvida. Algo de perigoso estava para suceder.

E seus temores foram confirmados. Os negros trouxeram para o terreiro a inocente negrinha supliciada. Estenderam-na numa esteira de ouricuri. Sua mãe e os amigos, ajoelhados, rezavam e choravam erguendo os braços ao céu. Ela estava morta. E a vingança começou.

Os escravos cercaram a casa da cruel senhora e lhe atearam fogo. D. Leonor e as filhas, entrincheiradas, disparavam suas armas contra os atacantes. Alguns foram feridos, mas a luta prosseguia furiosamente.

Horas depois tôda a casa ardia como enorme fogueira. Ao crepitar do incêndio ouviam-se gritos de socorro lá de dentro e brados de vingança dos negros revoltados.

★

Ao amanhecer, tudo estava reduzido a escombros. Dos destroços apenas saíam fios de fumaça. As paredes enegrecidas pelas chamas deixavam cair, de quando em quando, blocos de rebôco estalados pelo intenso calor.

Da escravaria, apenas ficara a preta velha, mãe de Luana, ajoelhada diante do corpo inerme, a orar por sua alma, esperando a chegada do seu senhor para dar sepultura à infeliz.

O resto fugira conduzindo os feridos. Sumiram-se por aquêles montes onde fundaram um quilombo, dispostos a enfrentar a ferocidade dos capitães do mato, as perseguições da justiça dos brancos.

Já clareavam os horizontes, e os raios do sol inundavam de luz os cabeços das serras, quando o capitão Tonico chegava ao engenho, trazendo remédios para a fingida dor de cabeça da espôsa.

A borrasca o retivera na vila, e, já de volta, os caminhos alagados o impediram de apressar a marcha.

Ao aproximar-se da casa incendiada, apeou-se e correu aflito, para junto da mãe preta, que velava resignadamente o cadáver da filha. Ao lado, restos da fogueira, símbolos de um passado reduzido a cinzas.


ANEMIA
DEBILIDADE
CLOROSE

O grande restaurador dos organismos DEBILITADOS, CLORÓTICOS, ANÊMICOS, DESNUTRIDOS. Regenerador do sangue.
HEMOGLOBINA
GRANADO
Preparado com hemoglobina pura retirada do SANGUE DE BOVINOS

CASPA
QUEDA DOS CABELOS
CALVICIE
JUVENTUDE ALEXANDRE
Faz cessar a queda dos cabelos
Evita os CABELOS BRANCOS
Evita a prematura CALVICIE

A BELEZA DOS SEIOS
BÉL-HORMON
Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando for ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio
BÉL-HORMON
Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro
Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº ....
NOME ....................
RUA .................... Nº ......
CIDADE .............. ESTADO.......
Preço para todo o Brasil Cr$ 35,00

A beleza ao seu alcance
LEITE Beloitan
É O ÚNICO PREPARADO QUE REALMENTE ELIMINA AS MANCHAS DO ROSTO, ESPINHAS, CRAVOS, PANOS, SARDAS, ETC. CONSERVA A CÚTIS SEMPRE LISA, BELA E ACETINADA
PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL
Rua Souza Dantas, 23 - RIO.

PARA A SAÚDE E A BELEZA DOS SEUS CABELOS!



LOÇÃO TÔNICA MAC BIR

*Um Produto Cientificamente Preparado*

A LOÇÃO TÔNICA MAC BIR é o mais poderoso revitalizador capilar. Medicinal à base de vegetais, seu uso constante é uma *garantia de saúde* para o couro cabeludo, eliminando a caspa e a seborréia, evitando e detendo o *embranquecimento* e a queda dos cabelos!

★

*A venda nas boas farmácias, drogarias e perfumarias* — Preço Cr$ 35,00

Atendemos também pelo Reembôlso Postal

1 vidro Cr$ 40,00 - 3 vidros Cr$ 100,00

6 vidros Cr$ 192,00 - Livre de porte

Pedidos à

CAIXA POSTAL 4.272 - RIO - D. F.


## UMA RESTAURAÇÃO EM...

(Cont. da pág. 55)

Foi nesse quadro, hoje rigorosamente reproduzido, que viveu a Rainha Maria Antonieta. Prolonga as suas veladas até tarde da noite e levanta-se também muito tarde. Entrega-se aí à paixão do jôgo, paixão inocente, mas que a desmerece terrivelmente na opinião pública. Vêzes há em que adianta o relógio, a fim de adiantar a hora em que Luís XVI, sonolento, se deita para instalar depois uma mesa e dar-se a seu prazer favorito.

Êste relógio ainda está lá, toca melodias que encantam a Rainha "rigaudons, minuetes e a mais popular canção do tempo "Il pleut, il pleut Bergère", obra de Fêbre d'Eglantine, o futuro dantonista que vota a morte do rei...

A Rainha Maria Antonieta preferia a êste quarto os gabinetes interiores que mandou dispor para fugir à etiqueta e ao cerimonial do castelo, e suas "bergeries" do Trianon. Foi, entretanto, dessa peça que ela se evadiu, meio vestida, a 6 de outubro de 1789, quando os amotinados forçaram as portas; os lençóis de seu leito, cortados a golpe de sabre, guardam vestígios do furor popular.

A Quarta República tem velado pela conservação de Versailles com o mesmo zêlo inteligente que os regimes que a precederam. O castelo não é apenas a evocação de uma página da história, onde alternam o esplendor com a tragédia, e também — o que muitas vêzes se esquece — um monumento erguido à glória da arte e do artesanato francês.

## A VIOLÊNCIA NO CINEMA INGLÊS

(Cont. da pág. 7)

mento de seriedade fora do comum na análise dos seus motivos. Na realidade, "O pior dos pecados" tem qualidades suficientemente definidas para justificar-se na simples consideração única do cinema, sem referência ao seu original.

Temos, pois, um filme sôbre crime e punição: crime que desde que os fundamentos religiosos são tacitamente aceitos, não está divorciado das consequências espirituais. Temos aqui a história de um rapaz que acredita na danação eterna e que conscientemente pratica um pecado mortal, com a traição e o crime. Em contraposição a esta figura está situada a de uma moça inocente, uma católica cujo amor pelo rapaz a induz a fazer um pacto de suicídio: na realidade para cometer o pecado para o qual, diz ela, não há perdão. A personagem, representada por um elemento recém-chegado, Carol Marsh, introduz um elemento de pathos humano numa narrativa que, sem ela, seria quase que totalmente inexpressiva.

Quase, mas não inteiramente. O rapaz Pinkie, de quem nos querem fazer crer ter obtido completa ascendência sôbre uma quadrilha de bandidos de hipódromo, duramente experimentados no campo do crime, é um complexo de ódios e nervos tensos; inquieto, impermeável à bondade, um produto da sargeta, arrastado por um ódio perverso à vida.

(Cont. no próximo número)


Contra o esgotamento físico e mental!

VINHO DA VIDA

VINOVITA

RENOVADOR DAS FORÇAS

Tonico poderoso!


— Mãe-Preta! — exclamou atônito o capitão. — Que significa tudo isto?!

E antes que ouvisse da escrava e mártir tôda a história daquela tragédia na última noite de Santo Antônio, sentiu o pobre homem faltar-lhe o chão sob os pés e caiu ao solo como fulminado por um raio.

★

Aqui, leitor, terminava a narração de "Mãe Inacinha".

Muitos anos depois, num asilo de velhos desamparados da cidade mineira de Diamantina, uma das asiladas narrava a visitantes o outro capítulo da tragédia do engenho de D. Leonor, que Mãe Inacinha não podia contar.

A livre senhora de escravos conseguira fugir do aniquilamento. Afastando-se espavorida pela mataria, onde repontar muito distante, completamente esfarrapada, suja de terra e sangue, a vagar sem rumo.

Mãos caridosas a ampararam. Seu espírito não poderá suportar tantas emoções, e ela perdera a razão. Louca, internaram-na em um manicômio, onde permaneceu por longos anos, sob tratamento. Às vêzes murmurava:

— Louca... Louca...

Readquirida a consciência, foi trabalhar para viver. Já estava muito distante do teatro daqueles acontecimentos dramáticos que lhe destruíram a vida e a família. Não admitia, sequer, que lhe pedissem uma só palavra de seu passado. A ninguém dizia quem era, de onde procedia.

Mas a resistência física foi-se esgotando até extinguir-se. De arrependida passou a humilde, daí a mendiga, até ser recolhida como indigente pela caridade do "Pão de Santo Antônio", piedosa instituição que um jornalista fundou e mantém em Diamantina, como paradigma de caridade cristã.

Ao transpor o portão de pedra do abrigo, D. Leonor esboçou nos lábios murchos um amargo sorriso diante da ironia do seu destino. Ali acabou seus restos de vida, tendo antes revelado a uma confidente, em confissão de lágrimas e arrependimentos, tôda a extensão de suas desventuras, quando já estava à vista dos portões da Morte, o seu asilo final.

## O GRANDE DESFILE DE...

(Cont. da pág. 55)

da nova banda da Escola Militar, cujo batalhão até agora se servia de bandas de outros corpos do exército. E o povo aplaudiu a nova organização militar-musical pelo seu garbo marcial e perfeição nas harmonias.

Às nove horas começou o desfile das tropas, somando um total de vinte e cinco mil homens, sob o comando do general de divisão Zenóbio da Costa, fazendo-se acompanhar o comandante da Primeira Região Militar, de seu Estado Maior, comandado pelo coronel Nelson de Mello.

O desfile foi precedido de tôdas as nossas bandeiras históricas, formando a seguir um destacamento de Fôrças Moto-mecanizadas, sob o comando do general Sousa Dantas.

A seguir, vinha o Grupamento Motorizado da Primeira Divisão de Infantaria, sob o comando do general Jaime de Almeida, constituído do Primeiro e Segundo Regimentos de Infantaria, do Primeiro Regimento de Obuses 105, do Primeiro Grupo de Obuses 155, do Primeiro Batalhão de Engenharia, do Primeiro Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado, da Primeira Companhia de Transmissões, da Primeira Companhia de Intendência e Primeira Companhia Leve Mecanizada.

Formaram ainda o Grupamento Motorizado de Tropas Regionais, sob o comando do general Alcides Etchegoyen, o Grupamento de Fôrças Escolares, sob o comando do general Ciro do Espírito Santo Cardoso, com a seguinte tropa: Colégio Militar, Escola Naval, Escola de Aeronáutica e Escola Militar de Rezende.

O Grupamento de Fôrças Navais, sob o comando do almirante Armando Pinto Lima, composto de um Contingente-Escola, de um Regimento de Marinheiros e do Corpo de Fuzileiros Navais deu ao conjunto um dos mais belos efeitos.

A Marinha de Guerra fêz desfilar um corpo de motocicletas de sua Companhia de Polícia organizada nos moldes da Marinha Norte-Americana.

Também desfilou o Grupamento de Infantaria Regional, sob o comando do general Aguinaldo Caiado de Castro, o composto da Escola de Paraquedistas, Escola de Sargentos das Armas, Batalhão de Guardas, Regimento Escola de Infantaria e 1.º, 2.º e 3.º Regimentos de Infantaria, inclusive o Terceiro Batalhão de Petrópolis.

O desfile foi encerrado pelo Grupamento de Cavalaria Regional, sob o comando do general Paulo Figueiredo, formado pelo Primeiro Regimento de Cavalaria de Guardas e Regimento Escola de Cavalaria.

Além do chefe do Govêrno estiveram presentes na tribuna oficial todos os ministros de Estado e outras altas autoridades civis e militares, as missões militares da Argentina, Paraguai e Uruguai, o Corpo Diplomático, Adidos Militares e todos os generais, brigadeiros e almirantes.


NÃO SOBRARÁ NADA!

Poderá! Tão saborosos...

É aqui está o segrêdo de alimentos deliciosos, apetitosos e de fácil digestão:

MAIZENA DURYEA

Verifique o compensador índio em cada pacote

A "MAIZENA DURYEA" 48-11

Caixa Postal 8-B - São Paulo

Peço enviar-me, GRÁTIS, o livro "OS MÁGICOS DA CULINÁRIA"

Nome

Rua

Cidade Estado


## MÚSICA

(Cont. da pág 46)

ção em obras musicais: mostrar a cultura bem formada, sempre vigilante, orientando a inspiração, tornando a atividade do artista um esfôrço consciente e nobre, uma procura lúcida da expressão musical.

Não é o primeiro recital de canções de Francisco Mignone a que Alice Ribeiro empresta a sua voz e a sua sensibilidade de intérprete. Registramos, com prazer, mais um sucesso dessa cantora, que deu às obras incluídas no programa uma interpretação merecidamente louvada pela crítica.

•

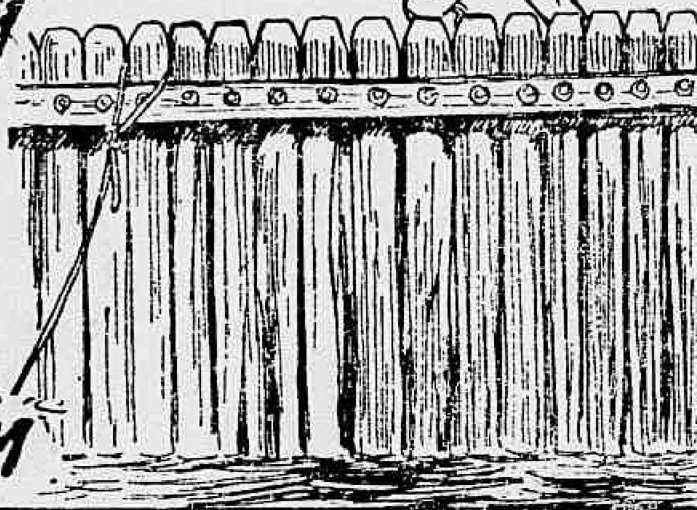
CONCURSO DA JUVENTUDE

Continuam à disposição dos interessados, em cópias mimeografadas, as bases do Concurso da Juventude, organizado pelo maestro Eleazar de Carvalho, como oportunidade para os jovens compositores nacionais.

Nº 23

# A MULHER SCARLET INVISIVEL

POR RUSSELL STAMM






EM BAIXO D'AGUA, SCARLET FICOU VISIVEL E DESCEU PARA O FUNDO DO RIO...

AS SUAS MÃOS FRENETICAMENTE EXAMINAM A SUPERFICIE LODOSA.. ACHAM UMA GARRAFA, UMA LATA, E OBJETOS SEM NOME...



SCARLET PROCURA DESESPERADAMENTE. SANDY! CHAMA O SEU CEREBRO. OH, SANDY!

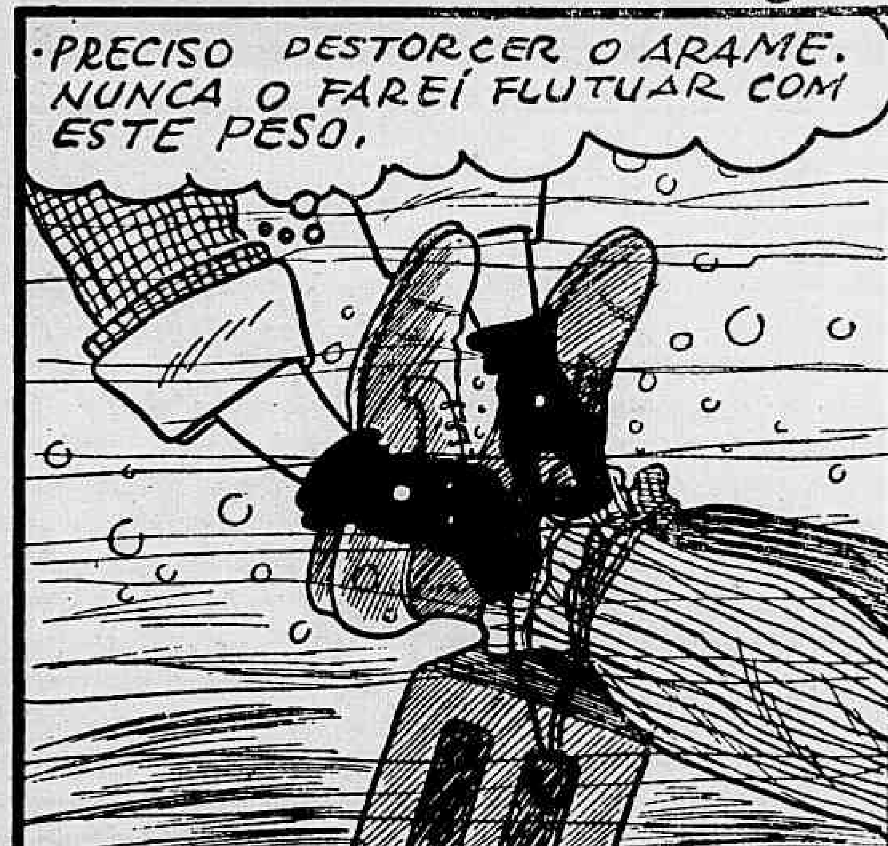


SANDY NUNCA SE SENTIU TÃO DESESPERADO. SUBITAMENTE VÊ SCARLET...



ELE SE ROLA PARA JUNTO DELA E SUBITAMENTE SENTE QUE ELA SEGURA SEU PÉ.




SCARLET SOBE À TONA COM SANDY...






SANDY E SCARLET ESTAVAM IMOVEIS MAS AS ONDULAÇÕES DA AGUA OS DENUNCIARAM







Ethel Barrymore numa cena dramática de "The School For Scandal", em 1931, uma alta comédia, no papel de Lady Teazle, um dos seus melhores papéis teatrais



Cena das mais sensíveis de Ethel Barrymore interpretando a "Dama das Camélias", em 1917, através da qual conquistou ela um dos mais belos triunfos

# OS FAMOSOS BARRYMORES

ETHEL Barrymore, é talvez, a melhor testemunha de que se pode chegar a elevadas idades em Hollywood, apesar de tantas sensações no mundo da Arte. A 16 de agôsto próximo passado, completou ela a considerável idade de setenta janeiros bem vividos e melhor sentidos, sabendo-se que, dentro dessas sete décadas, desempenhou a grande artista, papéis importantes no cinema e no palco do país, por mais de meio século.

Durante os últimos cinco anos essa alta personagem do teatro norte-americano, esteve morando e trabalhando na capital do cinema: Hollywood.

Ethel, apesar de seus setenta anos, é uma mulher que impressiona pelo seu físico e poder intelectual em pleno vigor, não temendo maus tempos nem excessos de trabalho, sempre bem disposta e a manter naqueles seus olhos firmes e claros, todo o vigor físico e espiritual, que é uma das características das pessoas da família Barrymore.

Depois do seu décimo terceiro filme, já era Miss Barrymore uma das mais admiráveis personagens de Hollywood. Mas sua maior glória foi encontrada no teatro, arte em que ela é uma das grandes figuras do país. Ethel Barrymore pertence ao palco em que ela domina e arrebata as multidões, mostrando que, até nesse particular, é uma legítima herdeira das faculdades artísticas dos seus maiores.

Mantendo sempre em vigor um contrato com a "M. G. M." (Metro-Goldwyn-Mayer) ela poderá tomar parte em filmes daquela marca, sempre que assim o desejar, ou desempenhar papéis importantes em qualquer palco da Broadway, ou seguir em excursões artísticas pelo interior do país.

Miss Ethel traz no sangue as tradições de sua família. Ela não pode fugir a êsse impositivo hereditário. Louise Lane e John Drew, grandes artistas teatrais de gloriosa memória, foram seus avós; Georgiana Drew e Maurice Barrymore, seus pais, foram grandes intérpretes da ribalta; o mesmo sucedeu com um seu tio, John Drew, também famoso artista. Essa velhinha invencível possui, além de tantas qualidades na seara da Arte de representar, linda voz, grande simpatia irradiante, qualidades pessoais que lhe valeram milhões de fãs espalhados por todo o vasto território dos Estados Unidos e pelos países estrangeiros que tiveram a felicidade de conhecê-la.



A Ethel Barrymore de hoje

Com que idade estreou essa famosa Ethel Barrymore, que acaba de fazer setenta anos de existência?

Segundo os seus biógrafos, que escrevem e falam com a autorização da grande artista, Ethel entrou para o teatro com a idade de treze anos, quando sua avó a chamou de Filadélfia para Montreal, a fim de tomar parte no papel de Júlia, em representações da troupe "Os Rivais", que percorriam o interior do país.

A seguir, firmando-se diante das gambiarras e arrancando aplausos dos seus admiradores, esteve ela em Londres e Nova York, antes de conquistar definitivamente as platéias com os seus êxitos em 1901.

Sua estrêla nunca mais se apagou na estrada do triunfo na arte dramática.

Em virtude disso, o falecido Charles Frohman lhe deu o principal papel feminino na peça "Captain Jinks of the Horse Marines", com o que sua vitória estava absolutamente conquistada para qualquer platéia do mundo. Três dias depois disso, o seu nome era visto nos anúncios entre a fascinação das luzes. Daí por diante contavam-se os sucessos sôbre sucessos.

Em várias produções teatrais ela tomou parte, indo depois a Londres, de onde voltou coberta de glórias, tendo continuado a representar em várias das maiores cidades de sua pátria os mais difíceis papéis.

Daí então começaram os produtores de filmes a insistir com ela para dividir seu tempo e sua capacidade artística diante das câmaras filmadoras em lugar de só trabalhar para o palco.

Sua última aparição na Broadway foi na peça "Embezzled Heaven", uma produção do Teatro Guil, no ano de 1944.

Com a passagem de seu aniversário, foi ela procurada por muita gente que desejava saber qual dentre os variados papéis que interpretou, aquêle de que mais gosta. Mas isso era muito difícil de escolher, pois que Ethel Barrymore é dona de



Ethel Barrymore, em 1940 interpreta delicado papel em "The Corn Is Green", na qualidade de uma senhora que se dedica com tôda a alma à educação do povo



A grande artista num papel importante na peça "The Second Mrs. Tanqueray", no ano de 1924. E' um drama forte entre duas mulheres acêrca do amor



Em 1904, no papel de ingênua na peça "Sunday", interpretando os sentimentos de uma jovem de 17 anos. Para Miss Barrymore foi êste um dos seus grandes dias. Ela continua a lembrar-se dele com muita saudade



Performance na peça "The Twelve-Pound Look", em 1911, comédia em um ato e que ela representava nos vaudeviles sempre que nada havia que interpretar, e que ainda lhe proporciona correspondência de admiradores



Em 1919, quando Ethel interpretava em "Declassee" o papel de uma jovem de família inglêsa que vem para os Estados Unidos sofrendo certas consequências, em virtude de indiscrições que cometeu na nova terra

várias das mais diversas e emocionantes criações artísticas, sendo-lhe impossível escolher um papel melhor do que outros.

No que concerne à sua atuação no cinema, acha ela que ali trabalhou muito menos, não tendo também nenhum papel favorito nas películas em que trabalhou. Contudo ela menciona como um papel muito interessante e de seu agrado, aquêle de Mother Superior no filme "The Case of Maria Buhlin", pois que o papel lhe faz recordar épocas de sua infância, vendo a figura de uma irmã religiosa do Convento de Notre Dame de Filadélfia, cujas aulas ela frequentou.

Não obstante sua indecisão quanto às melhores peças teatrais em que tomou parte, cita Ethel umas dez peças em que atuou com o maior agrado e contentamento. Também comenta com saudade várias de suas aparições em filmes, mostrando-se muito criteriosa nesses julgamentos.

Faz questão de não citar dentre os seus filmes aquêle em que trabalhou pela primeira vez, "Captain Jinks". Perguntaram-lhe qual o motivo por que excluía dos seus filmes aquêle, e Ethel justificou com um gesto de ombros: "Bem, estamos falando, não dos meus sucessos e sim dos meus filmes favoritos".

A seguir, falou: "Cito os meus dez filmes mais agradáveis pelo fato de os mesmos envolverem caracteres de muita sensibilidade. Mas isso é uma opinião pessoal. Entretanto, se todos merecem mnha admração, talvez seja porquê foram êles os que me causaram boas oportunidades artísticas e nenhum desgôsto" — concluiu ela a rir saudàvelmente.

E aí fica, oferecida ao leitores da **REVISTA DA SEMANA**, uma ligeira notícia sôbre a grande artista Ethel Barrymore, irmã dêsse outro admirável Lionel Barrymore, que termina seus dias numa cadeira de rodas, fazendo difíceis papéis.



Em 1926, interpretou ela interessante e vivo papel na comédia "The Constant Wife", contracenando com o velho Aubrey Smith, com diálogos de Maugham, para ambos, tendo Ethel os mais sinceros elogios



Em 1925 a grande Miss Barrymore interpretou o papel de Ofélia, na tragédia de "Hamlet", através da qual, mais uma vez, Ethel demonstrou sua grande vocação artística em todos os setores do palco: Drama, Tragédia, Comédia



Ethel Barrymore no delicado e emotivo papel de uma irmã na peça "The Kingdom of God", em 1928. Nesse papel, a freira aparece nas idades de 19, 29 e 72 anos, quase na idade verdadeira em que ela hoje está



Grupo de crianças e jovens mocinhas numa rua de Nova York jogando o "Dodge Ball", em plena via pública, fechada a todo e qualquer tráfego de veículos




À vista do vendedor de gelados e sorvetes pelas ruas do bairro, correm as crianças para adquirir as beberagens que são o encanto das crianças de todo o mundo

# FECHEM O TRÂNSITO
## PARA AS CRIANÇAS BRINCAREM

A angústia de espaço vital para as crianças não é uma das características do Rio de Janeiro somente.. Êsse fenômeno se verifica também em Nova York, por exemplo.

E' conhecida a crise de espacos existente no Rio e em tôdas as grandes capitais brasileiras apropriados para as crianças se divertirem sem perigos nem contra-tempos.

Nossa capital, cheia hoje de arranha-céus em que residem milhares de famílias, quase tôdas com filhos menores, não dispõe suficientemente de "play-grounds", de parques, praças em que as crianças pudessem brincar com liberdade.

Na zona sul, há alguns dêsses sítios; mas, infelizmente, ainda insuficientes para acomodar tôda uma enorme população de guris de ambos os sexos.

Em geral todos os bairros da Capital da República se ressentem dessa crise. Mas o fato não ocorre apenas no Rio. Na grande, rica e cosmopolita Nova York se registra o mesmo.

E' interessante verificar que, não sendo possível outra providência mais consentânea com as necessidades do mundo infantil, as autoridades do tráfego determinaram esta singularidade: fechar as ruas em que as crianças precisam brincar, não sendo permitido o tráfego de qualquer veículo que pusesse em perigo os pequenos divertidos e sempre alegres como bandos de pardais soltos em dia de sol.

E é curioso ver-se como êsse exército de garotos de ambos os sexos se diverte no asfalto, já que não pode fazer suas diabruras num parque sombrio e atapetado de relva.

Em plena rua todos êles brincam, correm, gritam, inventam jogos, executam os já conhecidos, banham-se em chuveirós improvisados, como se estivessem no mais distante e tranquilo recanto do mundo, em contacto com a natureza.

Tudo fazem, porém, sob as vistas de um colega que serve de supervisor de todos êles.

Êsse colega, uma espécie de superintendente de acões em plena rua, não age de maneira que deixe entender que algum dos seus amiguinhos cometeu crime. Essa palavra é mesmo proibida de ser pronunciada.

Uma das mais curiosas particularidades que se vêem no meio dos pequenos que se divertem a valer em plena rua fechada ao trânsito de veículos, é a de não ser permitido o preconceito de côr, tão intenso entre os adultos nos Estados Unidos.

Nesses grupos de crianças que vão para a rua brincar, são vistos muitos indivíduos de côr a participar, na maior harmonia, de todos os programas por ventura executados pelos seus irmãos de pele branca.

Parece mesmo que o ideal de folgar em liberdade demonstra nos pequeninos uma lição que os maiores deveriam aproveitar em prol da solidariedade humana.

Naquele meio infantil e inocente, todos os sentimentos são iguais. O que êles desejam é liberdade, direito de brincar, de desenhar seus jogos, de correr, de gritar, de conversar livremente, sem ameaços de automóveis, em suas carreiras perigosas e desenfreiadas.

Em face dêsse estado de coisas entre as crianças de Nova York, foi criado um Departamento de Polícia especialmente para atender os garotos. Essa idéia não é nova. Data de uns vinte e cinco anos já, embora somente tenha sido posta em prática há alguns anos passados, pondo-se em execução todo o seu programa.

Com o desenvolvimento dos brinquedos infanto-juvenis em Nova York, foi criada a Police Atkletic League, a qual organiza programas de recreação para a meninada, incluindo, naturalmente, jogos em plena rua, brinquedos em vias públicas em que o movimento de veículos foi suspenso como proteção aos pequenos.

Há ainda um Departamento de Polícia Juvenil com um escritório de ajuda, atualmente sob a direção do Deputado James B. Nolan. Essa sessão se intitula "Police Department Juvenile Aid Bureau" e presta os mais meritórios serviços à criançada.

Causa admiração a ordem em todos êsses departamentos de assistência e ajuda as crianças pelas próprias crianças.



Em plena rua duas crianças novayorkinas decidem no esporte chamado "Snattch the Bacon", uma vigorosa partida, sob o olhar dos assistentes, conforme as regras



**Banhistas infantis de "Swimmin Hole", se entregam ao prazer do refrescante e vão até longas horas se acaso a mamãe não apontar a cabeça numa das janelas em frente**



**Em tôdas as partes do mundo as crianças procuram as ruas para seus divertimentos. Aqui estão as norte-americanas na disputa do seu "Stoop Ball"**

Quando o calor chega e invade Nova York, as populações que não podem correr para as praias, sofre as consequências da canícula, sob os efeitos de um calor que o nosso, aqui no Rio em janeiro, é ameno...

Então, o Departamento de Ajuda à infância se põe em marcha e instala fontes públicas, captando água dos hidrantes em plena rua, banhando-se as crianças sob o chuveiro improvisado em horários certos que vão das dez horas da manhã em diante.

Além dos banhos há os programas de jogos populares executados nas ruas em que dominam êsses grupos de meninos e meninas de famílias pobres.

Entre seus folguedos há alguns que incluem canto, isto é, brinquedos que são realizados com músicas tradicionais, especialmente entre crianças de sete anos ou menos.

Dentre tais brinquedos contam-se vários como "Farmer in the Dell", "Did You Ever See a Lassie", "London Bridge", "Mulberry Bush" muitos dos quais têm suas origens em tempos remotos, antes de aparecerem as ruas asfaltadas da imensa e tumultuosa cidade, com todos os seus problemas.

Não se pense que essa população infantil que brinca nas ruas de Nova York é pequena. A tais atrações acorrem bandos de garotos de ambos os sexos e de várias côres na epiderme, que regulam de duzentas a quatrocentas pessoas em cada uma dessas ruas destinadas a tais folguedos.

As fotografias apanhadas nesta reportagem se referem à rua Noventa e Oito, que fica situada entre as Avenidas Amsterdam e Colombo, um dos mais populosos trechos da "West Side" da grande cidade dos arranha-céus.



**Como não têm parques de recreio para suas horas de folga, essas crianças dos Estados Unidos recorrem à rua para divertir-se um pouco com os seus jogos de salão**




**Como não poderia deixar de ser, sempre sucedem pequenos acidentes quando várias crianças brincam de correr e saltar nas ruas. Aqui está uma recebendo curativos**

**GRANDE LADRÃO REFINADO** — Segundo telegramas procedentes de outras terras, chegou ao Rio conhecidíssimo gatuno capaz de todos os passes de mágica. Tem curso completo em várias academias de malandragem internacional e nas sucursais dos morros dêste hemisfério. Procurado pela reportagem, o grande artista que age sempre na sombra sem deixar vestígios, nos deu a exclusividade de suas proezas, o que tivemos de pagar alta soma em dinheiro, embora tivéssemos que botar no prego nossas máquinas e uns tipos desclassificados. O nosso biografado despertará o maior interêsse em tôdas as rodas da malandragem especializada em desfalques e estelionatos, e desde já avisamos que, antes de procurarem os interessados qualquer fórmula para êsse bom êxito, venham ver nossos modelos, que são mais que perfeitos.

# A LEI DE SEGURANÇA

## TAMBEM ACHAMOS QUE O BRASIL PRECISA DE UMA LEI QUE REGULE O TRANSITO DAS IDÉIAS, SEM ATROPELAR O QUE PENSA E OS QUE SÃO PENSADOS

**O melhor seria que fôssemos buscar os dados dessa Lei salvadora nos hospitais e no Pronto Socorro, onde são pensados tantos indivíduos que não pensam antes de atravessar uma rua. Mas, depois de muitos pensamentos encontrados e desencontrados, chegamos à conclusão de uma idéia genial.**

**O projeto de uma Lei de Segurança devia ser escrito objetivamente, cientificamente, magistralmente.**

**Para tanto era necessário que provássemos diante de todo mundo e de seu pai, como diziam os franceses antes de ficar órfãos, que nesta redação podíamos escrever a Lei de Segurança com os olhos vendados e seguros por braços invisíveis.**

**Então o Sr. Conde de Salamaleques, o Inim'tável, hipnotizou um dos nossos contínuos e, depois de vendar-lhe os olhos, ofereceu-lhe uma máquina ordenando que o desgraçado escrevesse a Lei de Segurança com todos os seus artigos de primeira e segunda necessidades. E a obra saiu uma beleza, embora sob protestos da assistência que nos denunciou como truque.**



Eis a grande prova de que tudo é possível neste país.



Nosso diretor concede entrevista coletiva aos repórteres do S.F.S.P.









QUALQUER SEMELHANÇA COM ESTA PUBLICAÇÃO NÃO SERÁ MERA COINCIDÊNCIA. É PLÁGIO NO DURO!...

# CHEGA AO RIO O CONDE DE SALAMALEQUES

## AO DESEMBARCAR S. EX. FOI MUITO OV...ACIONADO

**Num navio cargueiro, como clandestino, acaba de chegar ao Rio o seu grande filho querido, o Sr. Conde de Salamaleques, depois de longa ausência nas terras africanas, onde foi ver se era possível arranjar uma cozinheira para seu palácio histórico.**

**Logo que se divulgou a notícia, os telefones desta redação não mais descansaram, desejando todo mundo saber o motivo por que o eminente fidalgo viera num cargueiro, clandestinamente, e não em um dos "Constellations" da Panair.**

**A resposta é fácil. O Sr. Conde é de uma modéstia doentia. Êle não quis incomodar os amigos nem tão pouco assanhar os seus credores que são, naturalmente, em maior número. Assim, vindo como simples taifeiro de bordo de um cargueiro amigo, estava êle a coberto de complicações de passagens, passaporte, abraços, perguntas indiscretas, pedidos de autógrafo e contas atrasadas a pagar.**

**Infelizmente, porém, tudo no mundo se sabe, mesmo quando um passageiro é incognito. E o Conde de Salamaleques foi assediado pelos colegas de imprensa, imprensando-o com uma chuva de pedras de perguntas contundentes. Mas o grande sociólogo é possuidor de vasta cultura e a todos satisfez, saindo-se muito bem, pois que lhe ofereceram muitos charutos e êle achou depois um belo relógio de ouro no seu bolso e uma excelente caneta-tinteiro com pena de ouro a um canto do bolso de dentro. Falou S. Excelência sôbre a situação do mundo e terminou dizendo que a Africa é uma grande região de negros com a palma da mão branca. E empalmou diversos objetos.**

# SUCIAIS

**Agressão** — Esteve nesta redação um moço muito nervoso que aqui compareceu legalmente desarmado, porém disposto a tomar satisfações com o Sr. Barão do Buteco ou com o Sr. Conde de Salamaleques, em virtude de termos colocado uma notícia a seu respeito nesta Seção de Suciais. O jovem aborrecido e indignado nos interpelou acêrca do desafôro de o incluirmos em uma seção de súcias, isto é, de suciais, dizendo a espumar pela bôca que não era súcia e, desta forma, exigia uma satisfação por escrito ou então nos levaria à prisão. Como era de esperar, todos nós ficamos com pena do moço. Fomos buscar um dicionário prosódico e esclarecemos que se dizia Suciais e não Sociais. Êle quis contestar, argumentando que estávamos sofismando; mas se deu por vencido e ficou sabendo que, embora se escreva com o, pronuncia-se com u, e, como nesta casa se pronuncia mais do que se escreve, continua a ser Suciais. E está acabado.




**JULIETA JAVAI — Não sabendo se é êsse mesmo o seu nome, uma vez que está muito mal escrito, vai assim mesmo e já vai tarde. O que a senhorita quer não pode ser. O desenho de sua mão nos dá a idéia da mão de um elefante asiático, daqueles que têm quatro dedos. Como poderemos fazer um estudo completo de suas linhas no plano astral? O melhor é a senhorita considerar-se um bicho e oferecer-se ao diretor do Jardim Zoológico. Iremos depois visitá-la e guardaremos segrêdo.**

**MARCOLINO — Está maluco, senhor! Se o amigo deseja um método de sonhos para ganhar no bicho, não venha buscar nesta casa, uma organização séria, incapaz de infringir regulamentos de nossa civilização. (Mas se souber de algum sistema batatal, venha aqui, sim?)**

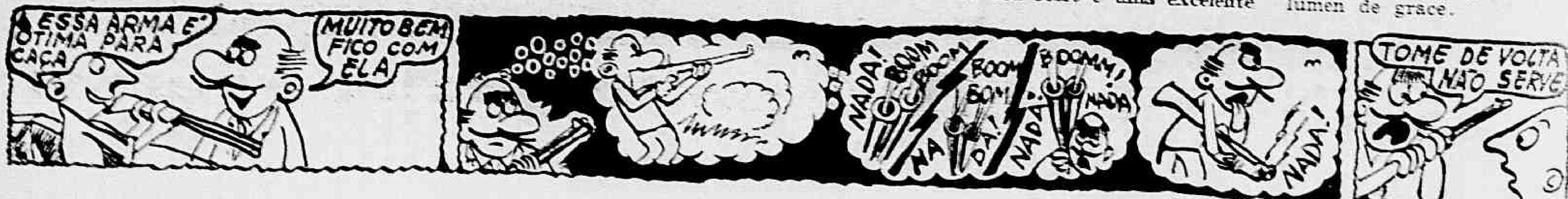
BARÃO DO BUTÉCO



**Professor surdo** — Dê três exemplos de animais mamíferos.
**Aluno** — Vaca... vaca.
**Professor surdo** — Falta um, seu vagabundo!
**Aluno** — Ah! Vaca.




Je escreve agorre de la detencion pertinhe de Bele Horrizonte. Je non sabie qui los minerros eran sabides e espertinhes. Vinhe parra acá avec vontade de hanher muite dinherre avec los trouxes e la policie me há segurré pour les pernes justeman quande je pretendê fugir pour le mate grosse ou meme mate fininhe, non fezie diferrence algume. Devant de cete situacion muite incomode je revoivê acaber avec cete cantinhe e fiquer meme para ici, dan la prison une case muite simpatique onde je ganhe poque mé me diverte muite olhande pour la care de otres preses muite mais senvergonhe que moi. Et come je gostave sempre, cheguê le momente de passer unes feries fore do Rio e de grace, absolumen de grace.





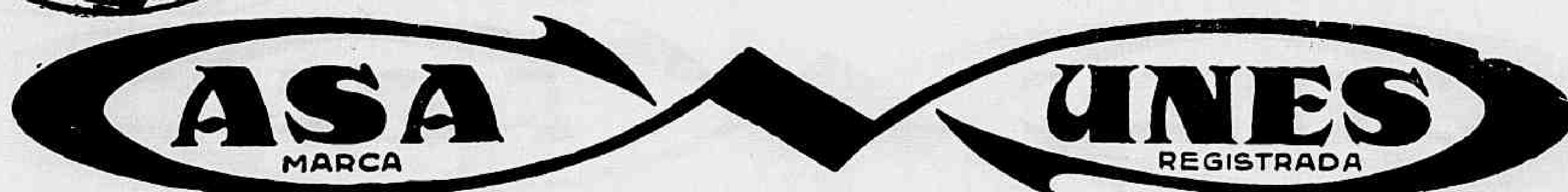
# MOBILIÁRIOS ★ DECORAÇÕES

Orçamentos e sugestões **GRÁTIS**
executados por técnicos-decoradores

**TAPETES** de pelúcia e
**TAPETES** e **PASSADEIRAS**
com flores, recebidos da
Inglaterra




**TAPETES** *franceses*, tchecos, persas (legítimos), portuguêses e nacionais — diretamente das fábricas




**65 — RUA DA CARIOCA — 67 — RIO**





**isto já mudou**

# ...mas a preferência pelos cigarros Continental permanece

## Há mais de 15 anos Continental é o cigarro de qualidade mais vendido em todo o Brasil

Sim — do rádio galena ao receptor moderno houve uma grande mudança através dos anos... porém em matéria de cigarros a popularidade de Continental conservou-se a mesma há mais de 15 anos. Porque Continental soube manter sua qualidade uniforme. Hoje, melhor do que nunca, Continental continua a ser o cigarro de qualidade mais vendido no Brasil.




Cigarros **Continental**

**uma preferência nacional**

Companhia de Cigarros **SOUZA CRUZ**

*LISOS OU COM PONTEIRA*

88.016-C